Pedro Bial

Crônicas DE Repórter

O correspondente internacional conta tudo o que não se diz "no ar".



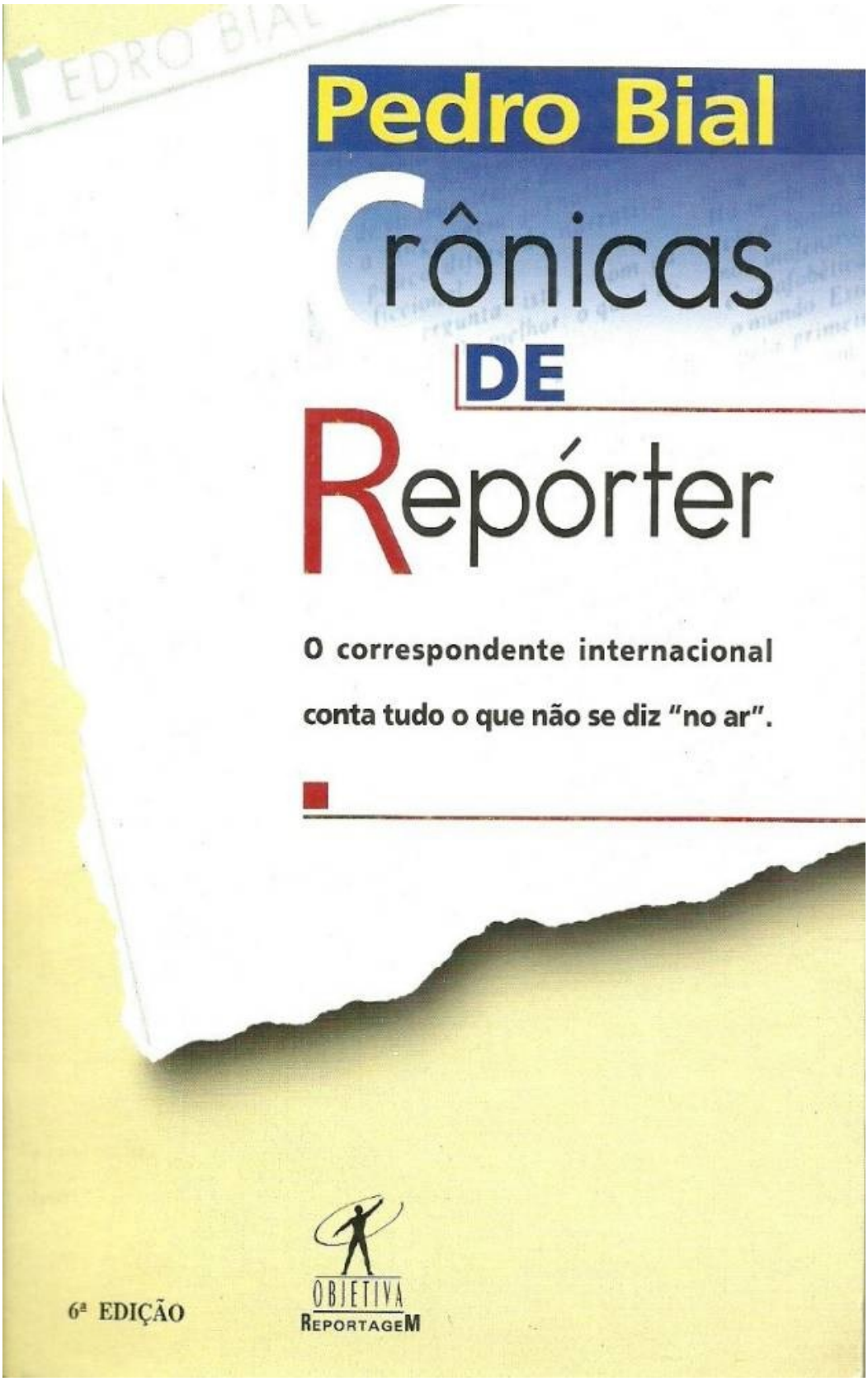
OBJETIVA
REPORTAGEM

6ª EDIÇÃO

Pedro Bial

Crônicas DE Repórter

O correspondente internacional conta tudo o que não se diz "no ar".



6ª EDIÇÃO

OBJETIVA
REPORTAGEM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



PEDRO BIAL

CRÔNICAS DE REPÓRTER

O correspondente internacional
conta tudo
o que não se diz "no ar"

Objetiva
1996

Sumário

PREFÁCIO
INTRODUÇÃO
CARTILHA BRASILEIRA
ADIÓS MUCHACHOS
ÂNCORA, LEME OU VELA?
ARES LONDRINOS
CAMPEONATO DE BALÕES
CAMELOS E OUTROS BICHOS
FANATISMO
A GUERRA DO GOLFO ACONTECEU?
PROFISSÃO: VICIADOS EM PERIGO
TRÊS SEGUNDOS DE ASTRONAUTA
VOCÊ SABE O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM NOSSO PAÍS?"
BATISMO DE CHUMBO NA RÚSSIA
RECEITA TAMBÉM É NOTÍCIA
FUNDAMENTALISMO NÃO É RELIGIÃO
NATAL REVOLUCIONÁRIO
BÓSNIAS
LONGE DAQUI, AQUI MESMO
BOMBAS JORNAIS E TABLÓIDES
SABE QUEM MORREU?
ONDE TUDO COMEÇA?
B DE BEATLES E BRASIL
UM RIO PASSA NO MEIO
WHAT DO YOU DO IN THIS COUNTRY?
A FLOR E A BOLA
PARECE, PORTANTO É...
IMAGEM É TUDO
SUPERMERCADO DE ILUSÕES. VAMOS ÀS COMPRAS?
FRANCAMENTE, ÉTICA, O QUE VEM A SER ISSO?
O CÃO DO MUNDO
TÁ TRANQÜILO...
DE BRASIL EM BRASIL
TV FALADA
TRUE STORIES
NADA CAUSA MAIS NADA
SALVE-SE QUEM PUDER
NÃO É PROIBIDO FUMAR
BRASIL AOS PEDAÇOS
UM VELHO PAÍS JOVEM
VAI ENTENDER O BRASIL...
AO ENCALÇO DA POESIA
ESPORTE, O SHOW DA DOR
A VIDA NÃO É COMO ELA É
SAUDADES DE PARREIRA
BYE BYE BRASIL
UMA MULHER CHAMADA DOMINGO
A VOVÓ E O LOBO
HISTÓRIAS E HISTORINHAS DO SÉCULO
PERGUNTAS DESNECESSÁRIAS
DE VOLTA AO MUNDO
BOM, RUIM, ASSIM, ASSIM...
Orelhas do Livro

PREFÁCIO

O Perseguidor do Sonho

Envolto nessa aura especial dos repórteres que estiveram lá onde as coisas acontecem, no olho do furacão como correspondente de guerra, em todas as Bósnias e Iraques, como diz ele, no *mapa da confusão,* longe daqui e aqui mesmo, capaz de falar igualmente dos lugares ao longo do Rio São Francisco, dos riscos de andar no calçadão de Copacabana, de como é estar à frente do cano de uma arma na guerra civil angolana, da vida em Vigário Geral e da preparação do documentário sobre o *revival* dos Beatles, Pedro Bial pratica um jornalismo vivo, não-burocrático. Coloquial, proporciona tiradas assim: *Aliás, acabei me estendendo demais sobre o assunto, e nem comecei a falar do que tencionava dizer, acabei.* Instigado pela consciência de estar no mundo pós-89, pós-guerra fria, mas nem por isso pacificado, chama a atenção, sem tornar-se apocalíptico, para a dissolução de códigos e referências, apontando desde a onipresença das máfias até a hipocrisia de proibir o cigarro em um país de motoristas-suicidas. Talvez por ser filho de imigrantes, conforme relata, e ter viajado tanto, mostra especial sensibilidade para as diferenças, a diversidade cultural, ao apontar, como contraste marcante entre Brasil e tantos lugares, o modo como se relacionam etnias, crenças e nacionalidades, aqui de modo mais aberto, lá de modo excludente.

Envolvido no instrumento de globalização que é uma grande rede de TV, a *fábrica de notícias e não-notícias do telejornalismo* (sem poupar, também, o que chama de *corja do subjornalismo* na imprensa escrita), quer, através da palavra escrita, ultrapassar os limites da tela,

de seu código mais estreito, de sua seleção e, às vezes, fabricação de acontecimentos, tão bem exposta na denúncia do episódio do carro incendiado de propósito na Romênia, da fabricação da guerra do Iraque, e em suas críticas ao sensacionalismo.

Constantemente nos lembra de suas origens literárias, de que também é poeta. Ou, antes, *perseguidor da poesia,* como se define no breve, porém tocante relato de como seguia Drummond, e, seguindo-o, procurava enxergar o mundo através dos seus olhos e sua sensibilidade, enquanto fazia perguntas abissais: *O que faz dele um poeta? O que ele está vendo agora? Como? Em que estará pensando? Onde nasce a poesia?* De modo discreto, obedece à vocação poética em imagens como esta, na descrição de sua caminhada através de Londres: *Nesta cidade, não preciso conhecer o caminho das ruas. As ruas sabem o meu caminho.* Por essa familiaridade com a literatura, tem o sentido do ritmo: sabe que não precisa enfeitar o texto, pois, em várias passagens, a série de nomes de lugares já tem força, poder de sugestão. Daí virem textos em tudo diferentes do amontoado de chavões e cacoetes que, em muitos lugares, passa como sendo o modo jornalístico de escrever.

A memória, componente fundamental da sensibilidade poética, em Bial não é apenas lembrança, reprodução do acontecido. Poderia servir-lhe como epígrafe a frase de T. S. Eliot — *libertação: esta é a utilidade da memória.* Quer a recuperação do que foi perdido, *amando o perdido na.* tentativa de anular o tempo: *Depois de quase oito anos em Londres, quando volto ao Brasil não me ocorrem lembranças de 1987 ou 1988, quando deixei de aqui morar. As memórias que as pedras das ruas e dos prédios me trazem vêm de muito mais longe. Cada esquina, cada ônibus, cada escola me transportam à mais remota infância.* É um lírico que se contém, ao encaixar um comentário que poderia ser um título ou uma epígrafe: *bom é sonhar.* Talvez, antes de ser poeta e repórter, seja um *flaneur,* o caminhante ao acaso na tradição inaugurada

por Baudelaire: *Mas a rua ainda é melhor que a realidade virtual, talvez até mesmo mais real...*

Voltar-se para o passado, viver o sonho, não o impede de encarar de frente a realidade e a modernidade. Por isso,.sua relação com o meio eletrônico não é apenas de crítica e tentativa de ultrapassá-lo, mas também de continuidade. Algumas das qualidades exibidas neste livro, como a fala direta, a clareza e simplicidade, a condensação, são as mesmas que o projetaram na TV. Vê-se, em cada trecho, que é e sempre será um repórter. Por exemplo, em *Vai entender o Brasil...,* presente à Bienal do Livro, convidado para ler seus poemas, não deixa de informar-se sobre o mercado editorial, para oferecer seu relato e suas reflexões. Tanto nos episódios corriqueiros como diante dos grandes dramas da humanidade, mostra-se um jornalista da melhor espécie, do tipo investigativo, que acompanha de perto os acontecimentos, encosta-se a eles na obsessão pelo factual, e na busca de sentido do que acontece.

Sem exagero e grandiloqüência, humaniza o relato jornalístico através da atenção ao particular, o traçado do perfil dos personagens, o detalhe revelador de um mundo. Seus relatos são não-lineares, com o formato de parábolas. Entre o começo e o fim de uma história, o leitor o acompanha por diversos lugares e situações. Isso fica evidente na crônica antológica sobre a árvore de Natal na Romênia: entre o encontro do romeno que o leva a sua casa e a descoberta da árvore, passa o mundo todo. Às vezes, mais comedido ainda, obliquamente, por alusão, inteiramente avesso à pieguice, como na resenha do livro de Marcelo Rubens Paiva, que termina em uma tocante revelação, quase sussurrada, de como a repressão havia afetado sua própria vida.

Será a crônica o mais literário dos modos jornalísticos, ou o mais jornalístico dos gêneros literários? Provavelmente, as duas alternativas são corretas. Também é certo que a crônica é um gênero apenas

aparentemente menor, com a dificuldade das coisas ilusoriamente simples. Sem querer classificar, catalogar em gêneros e modalidades, prefiro chamar de crônicas aos textos de Pedro Bial, inserindo-o em uma tradição que ele honra plenamente, da qual fazem parte, entre outros, o traço elíptico de Luís Martins, a precisão aliada à intensidade poética de Rubem Braga, e as ousadias de Paulo Mendes Campos, que era capaz de fazer que tudo fosse crônica: poemas em prosa, traduções, pequenos ensaios, relatos diretos. Ao integrar trechos de reportagem, comentários políticos, memorialística e depoimento, Bial oferece um belo exemplo de encontro de jornalismo e literatura, e mostra, mais uma vez, que não há separação, muito menos antagonismo, entre as duas modalidades. São complementares, pois dependem da palavra, e freqüentemente se confundem. Já sabíamos disso: já o havíamos aprendido com Rubem Braga e outros mestres da difícil arte de ser direto, claro, franco, lúcido e coloquial.

Cláudio Willer

INTRODUÇÃO

Um brasileiro reconhece outro brasileiro em qualquer lugar do mundo, a cinqüenta metros de distância. Deve ser o jeito de andar, ou talvez tenha a ver com o vestuário. Não é brincadeira, não; somos irreconhecíveis para qualquer terráqueo que não tenha nascido no Brasil e inconfundíveis para nossos compatriotas.

No mercado de passaportes falsos, o brasileiro é o mais valorizado, pois temos todas as caras do mundo — de japonês a árabe, africano a ariano.

E a formação desse estilo tão próprio, ou se preferirem, identidade, não carece de uma geração para acontecer. Enquanto na Europa os bisnetos de imigrantes mantêm a nacionalidade e cultura dos antepassados, no Brasil, os próprios imigrantes acabam abrasileirados. Daqueles que a gente reconhece em qualquer aia do mundo.

Sou filho de refugiados. Minha mãe tinha onze anos quando embarcou sozinha no navio que a levaria da Alemanha ao Brasil. Sozinha, não. Tinha a responsabilidade de cuidar do irmão mais novo que ela dois anos. Os pais comunistas tinham partido um ano antes, assim que Hitler tomou o poder, em 1933-

A primeira coisa que Susanne, minha mãe, viu no Brasil foi o carnaval do Rio de Janeiro. Na primeira refeição, experimentou duas delícias que nunca tinha visto na vida: chuchu com camarão.

Meu pai só chegou em 41, plena guerra. Ele foi um dos "judeus do vaticano"[{1}], beneficiados pelo acordo de 39 entre Getúlio Vargas e o Papa Pio XII: o Brasil se comprometia a receber 3.000 alemães católicos não-arianos. Judeus capazes de comprovar que sua conversão ao

catolicismo ocorrera antes de 33.

Somente 959 nomes chegaram ao fim da lista "schindleriana". Peter Bial foi o número 699. Visto concedido pelo Consulado do Brasil em Antuérpia, incluído na quota dos israelitas católicos fixada pela resolução número 39 do Conselho de Imigração e Colonização.

No dia treze de agosto de 1988, desembarquei em Londres para assumir o posto de correspondente da TV Globo naquela cidade.

Fazia, sem saber, o caminho de volta que meu pai não viveu para fazer, meu legado.

Dois anos mais tarde, me encontraria diante do Portão de Brandemburgo, transmitindo ao vivo o espetáculo da reunificação alemã.

Quis a sorte, ou como prefere minha mãe, o destino, reservar um turbilhão de acontecimentos para os anos seguintes à minha chegada. Este livro carrega fragmentos de oito anos na experiência de correspondente, mas não traz uma caixa-preta dessa viagem.

Não espere nessas páginas a análise de alguns dos mais importantes momentos da segunda metade do século, que tive o privilégio de presenciar. Vamos ter uma conversa fragmentada como a realidade, como o espelho iletrado da civilização, a televisão.

Só a partir de 89, a TV conquistou a capacidade de mostrar guerras, revoluções e massacres; a história, ao vivo. No começo daquele ano, a equipe da CNN mal era levada a sério pelos colegas e pelos próprios "news-makers". No fim do ano, a capacidade de transmitir ao vivo para todo o mundo revolucionou o telejornalismo mundial e a própria prática da política internacional. O primeiro rolo de película com as imagens de um muro sendo erguido em Berlim só foi exibido nos Estados Unidos três dias depois de filmado. Kennedy teve setenta e duas horas para pensar. Quando o mesmo muro caiu, Bush assistiu ao vivo, como todo mundo; minutos antes de dar uma entrevista coletiva, também ao vivo.

Desde criança, tive o gosto de comentar as coisas com meus amigos. Vocacionalmente, sabia que queria trabalhar em algo que discutisse, refletisse a realidade. Tinha, e tenho, a impressão de que a arte é a forma mais profunda de abordagem da realidade, de nossa alma. Só que alguém tem que circular as notícias, alguém tem que dar conta do superficial. Eu acabei sendo um desses, repórter.

Sempre sonhei com viagens e aventuras. Ir, para voltar. Partir, retornar e contar. Uma vida contém muitas vidas e muitas mortes. Contei os mortos e conto aos vivos.

Adiante, antes que nos tornemos macabros!

As crônicas aqui reunidas, originalmente publicadas no *Jornal da Tarde,* não obedecem à ordem cronológica, sequer lógica. São impressões que espero compartilhar, confissões, desabafos e pequenas provocações. Espero que seja de valia a alguém.

É publicado em memória e saudade de Renato Castelo Branco.

CARTILHA BRASILEIRA

Queridas filhas,

vocês chegam ao Brasil depois de amanhã. Vocês, meninas, são um tipo muito especial de brasileirinhas. Pois aqui vocês vieram ao mundo, nasceram em dias de sol tropical, e receberam as primeiras lufadas de vento direto do oceano Atlântico. Só que bem pequeninas ainda, vocês foram para o hemisfério norte, foram morar na Inglaterra, ou como se diz por aqui, nas Oropas...

Agora, vocês terão de aprender o que é o Brasil bem rapidinho... É verdade que nós vínhamos em todas as férias, e é verdade também que vocês sempre adoraram. Brasil era sinônimo de farra, biquíni, praia, vovô, vovó, tio, tia, primo, prima... Uma delícia...

Lembro daquela vez em que uma amiga minha perguntou a uma de vocês, bem novinha ainda, o que achava do Brasil. A resposta foi um sorriso encantado, feliz, e palavras contentes sobre brincadeira, carnaval, sol e mar... Aí, a mesma amiga fez (mira pergunta: e lá na Inglaterra, como é? A resposta: lá, você precisa saber bem as regras...

No Brasil, esse negócio de regras muda toda hora, e na maioria dos casos vale para alguns e não para todos...

*

Em primeiro lugar, tenham paciência. Principalmente, porque vocês vêm morar no Rio de Janeiro, onde parece que a primeira solução dê qualquer problema é o adiamento. Mas, com tolerância e esquecendo a pressa, as coisas acabam se resolvendo.

Porque, na batata mesmo, o número de pessoas que gostaria de resolver as coisas, de melhorar a cidade é maior, bem maior do que o número de preguiçosos e aproveitadores. Os brasileiros trabalham muito.

*

Sorte, vocês chegarem agora em julho. Pode até ser que vocês usem um daqueles *cardigans* de primavera londrina neste inverno carioca. Mas, depois, preparem-se; é quente, muito quente por aqui.

*

Será difícil para vocês entender como um país rico desse jeito tem tanta gente pobre na ma. Vocês vão ter que estudar um bocado de História do Brasil, e mesmo assim vai ser duro chegar a uma conclusão.

Uma pista: lembram aquela revolução na França, que vocês estudaram, em que no fim da história os reis perdiam suas cabeças na guilhotina? Lembram que depois daquela sangueira toda, os franceses deixaram de ser "súditos" e passaram a ser "cidadãos"? Pois é, meus amores, aqui nunca teve nada disso não...

*

Por isso também, vocês terão de ser mais cuidadosas na rua. Aqui, tem muito assalto e até seqüestros. Em certas partes da cidade, vocês nunca irão, ou só irão se eu estiver junto. Acho que vocês até vão gostar de conhecer uma favela, ver como as pessoas vivem no maior sufoco e mantêm uma alegria de viver difícil de encontrar naquela prosperidade européia.

Na verdade, a vidinha de vocês vai ser bem diferente. Vocês vão andar de carro para cima e para baixo, em todos os lugares vocês se verão cercadas por grades e guaritas de segurança, como se dois países ocupassem o mesmo lugar ao mesmo tempo. Num país, vocês vão curtir mordomias que aí na Inglaterra a gente nem sonhava. Só que, em volta da gente, sombras de perigo estarão rondando. Mas, não é para ter medo não... É tudo gente, e se, por acaso, vocês se virem numa situação meio cabeluda, não esqueçam: quem parece tão ameaçador é humano também, e só nos resta negociar. Negociar pela própria vida.

Mas, pode deixar que nada de mal vai acontecer.

Vocês vão ter que acordar mais cedo para ir à escola, por causa do trânsito. É *cada jam* que vocês nem imaginam...

*

Ah!, vocês vão estranhar um pouco os modos de outras meninas. Aqui, desde cedo, as garotas são incentivadas a se comportar como mulheres. Não só na maneira de vestir ou andar. Nos programas infantis na televisão, as crianças aprendem umas danças quase pornográficas. Danças que aí na Inglaterra vocês nunca veriam, danças que não sairiam de casas noturnas, vedadas a menores de dezoito anos.

*

Vai ser duro dizer adeus aos amiguinhos aí de Londres. A gente, que xingou tanto os ingleses, agora se dá conta de como fomos bem recebidos na ilha britânica. Depois que aprendemos as tais regras, foi muito bom, não foi? Vamos sentir saudades da televisão daí, e teremos que nos acostumar com a quantidade estúpida de anúncios da telinha daqui.

Vocês nem se dão conta, mas o tempo em que vivemos na Inglaterra *nos* fez brasileiros melhores.

E, nesses últimos tempos, os brasileiros andam gostando de cuspir na própria bandeira, adoram falar mal do Brasil, como se isto aqui não tivesse jeito mesmo. Nós, que aprendemos como os europeus valorizam a sua nacionalidade, vamos ver se ensinamos aos amigos, como é que se trata a própria pátria: com amor e dedicação!

*

Ah, e aqui, vocês vão descobrir uma pessoa que vai pertencer à família, sem ser mãe, irmã ou prima... A empregada! Ela vai cozinhar, passar roupa, arrumar a casa, vai ser íntima da gente... Isso só tem no Brasil.

Aliás, vocês nem se lembram, mas quando chegamos à Inglaterra, tínhamos levado uma empregada, que ficou só seis meses. E este pouco tempo foi suficiente para ela se dar conta de que não era só empregada. Era uma cidadã! E isso aqui no Brasil, ainda é uma grande novidade...

*

Vai ser bom: tem requeijão, frutas de montão, música boa, e feijão, feijão, feijão!

*

Vai ser bom: vou levar vocês para praias lindas, florestas onde o macaco dourado vem brincar com a gente, onde pás*saros lindos* cantam colorido, e onde as cascatas têm água geladinha para quando estivermos bem suados...

E principalmente, meninas, aqui vocês são muito importantes. O Brasil precisa de moças como vocês, inteligentes e esforçadas. Lá, na Europa, vocês sabem, os jovens terminam a escola e não têm muito o que fazer, ou melhor, têm que brigar muito para fazer alguma coisa e têm aquela sensação de que tudo já foi feito. A Europa é velha...

Aqui, tudo ainda está por fazer.

Bem-vindas!

E, por favor, escrevam logo a vossa cartilha brasileira, para que eu, burro velho, possa aprender por vossos olhinhos tão lindos a ver vim país que ainda não foi inventado.

julho/96

ADIÓS MUCHACHOS

O que você quer ser quando crescer?

"Salva-vidas" respondia invariavelmente o menino. Mentia. No íntimo, sonhava em ser Tintin, aventureiro solto no mundo, repórter, herói, resolvendo crises internacionais, desbaratando quadrilhas, divertindo-se um bocado. E Tintin ainda conseguia ser jornalista, sem escrever uma linha sequer. Em nenhuma das inúmeras aventuras pelo planeta, o repórter Tintin enviou uma matéria que fosse. Não precisava: ele era sempre a notícia.

No desejo de ser Tintin, o menino quase ficou tanta.

Pois o garoto cresceu e virou de fato um *globe-trotter.* Só para aprender que a vida nômade não passa de uma sucessão de encontros e despedidas. Perseguindo o mapa das encrencas, crises, guerras e revoluções, ele conheceu gente diante de situações-limite. E, nesses momentos, as amizades ganham uma intensidade insuspeitada em tempos de normalidade.

Assim, o menino ganhou amizades eternas que duraram três dias. Mais do que arte do encontro, a vida é o aprendizado da despedida. Pois a única conseqüência garantida do "muito prazer" é o adeus.

Dizem que os bebês choram quando a mãe se ausenta por dez minutos, pois para eles aquela foi uma partida definitiva. Eles não sabem que as pessoas vão e voltam. E quem sabe?

*

Não é melancolia, nem filosofia.

A indústria de fatos.segue, uma crise ali, um divórcio aqui, uma guerra, uma eleição — nos jornais, o mundo ganha uma ordem que não tem. Informar quer dizer "impor forma".

Nas sociedades mais avançadas, há uma aparência de ordem. As instituições funcionam como camadas, que abafam, mascaram e organizam as relações essencialmente primitivas dos homens. Em matéria de emoções e necessidades, somos todos trogloditas.

Em momentos de crise e convulsão social, as camadas institucionais desabam e tornam aparente o emaranhado caótico das relações humanas. Esse mesmo caos está presente em sociedades desenvolvidas, mas é invisível. Porém, sob a ordem aparente, há sempre uma sociedade rebelde e dinâmica, que não obedece à lei do Estado. Em alguns casos, chama-se economia paralela; em outros, simplesmente Máfia.

*

Repórteres marcam gols quando revelam a intimidade entre as camadas mais visíveis e respeitáveis da sociedade e esse submundo paralelo. O Estado não só é impotente diante dessa sociedade invisível, como também depende de seus mecanismos. Há uma promiscuidade onipresente entre lei e crime. Em alguns países, como o Brasil e a Rússia, essa promiscuidade é transparente, escandalosa. Nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha, esses laços escusos também existem e muitas vezes são o combustível da prosperidade. Em países como a Itália e a Espanha, essas ligações perigosas chegaram às primeiras páginas e aos tribunais.

*

O primeiro-ministro espanhol Felipe Gonzales sempre disse que não sabia de nada. Na melhor das hipóteses, é ignorância. Na pior, hipocrisia.

Escrevo antes do resultado das eleições na Espanha. Às vésperas da votação, todos anunciam a derrota do filipismo. A primeira vitória da direita espanhola desde a morte de Franco não deve ser interpretada ideologicamente. O povo precisava dizer não, o que é muito diferente de dizer sim a José Maria Aznar. Treze anos de poder" conduzem à arrogância. Mesmo simpático e carismático, Gonzales caiu na arapuca da soberba. O homem que conduziu a Espanha à democracia, com o auxílio luxuoso do rei Juan Carlos, virou um ditador dentro de seu próprio partido. E fechou os olhos diante da corrupção.

Porém, mais do que a roubalheira, foi o desemprego que condenou Felipe Gonzales. José Maria Aznar promete resolver esse problema. Duvido. As economias ocidentais estão presas à contradição de retomada do desenvolvimento sem a criação de novos empregos. Desemprego não é mais um problema nacional, e sim a conseqüência da nova regra do jogo mundial, que no Brasil gostam de chamar de neoliberalismo.

*

A personagem mais divertida da política espanhola chama-se Cristina Almeida. É uma senhora gordota e hiperativa, que parece saída de um filme de Almodóvar. Entre suas façanhas, destaca-se a sedução de Sadam Hussein. Cristina foi a primeira emissária estrangeira a conseguir libertar os seus nacionais, parte do escudo humano de Sadam depois da invasão do Kuwait. Em meia hora de conversa com o ditador iraquiano a espanhola conseguiu a libertação de todos os reféns

espanhóis, e acabou dando conselhos a Sadam sobre dores na coluna.

Cristina Almeida pode ser a próxima estrela da esquerda espanhola. Populista chique, ela tem uma resposta pronta, quando indagada sobre os seus quilinhos, muitos, a mais:

— Depois do regime de Franco, eu não faço mais regime nenhum...

março/96

ÂNCORA, LEME OU VELA?

Sei me virar um pouquinho em várias funções do processo telejornalístico. Bato uma bolinha na reportagem, editar matérias foi a primeira coisa que fiz em TV, posso ajudar na concepção e elaboração de um programa, e quando necessário ponho a mão nas máquinas mais simples, sem dar vexame muito grande atrás da câmera ou da ilha de edição.

Daí que às vezes sou convidado para falar dessas coisas. Falo do texto submisso à imagem ("em TV é a câmera que informa, o repórter se aproveita"), explico que cheguei ao telejornalismo não por meio do jornalismo e sim via cinema. E que talvez por causa disso tenha desenvolvido o gosto pela busca flagrante, este momento fugazmente eterno. Digo, eternamente fugaz... Defendo a teoria de que o repórter deve inventar uma pergunta de si para si mesmo e perseguir a resposta a esta pergunta íntima e secreta. Resposta que, assim como a pergunta, muitas vezes sequer é mencionada na história final.

Pois é... Discorro então um pouco sobre a natureza perversa e frustrante do exercício jornalístico. Proponho discussões sobre os tais circos da mídia em que se transformam as grandes coberturas jornalísticas, reclamo um pouco do desinteresse nacional nos grandes temas e assuntos internacionais, como histórias de aventuras e reportagens, enfim falo do que conheço um bocadinho.

Pois não é que agora estou a poucos instantes de proferir uma palestra sobre "apresentação" em TV. Justo o terreno em que sou novato, foca, aprendiz...

Acho que vou começar usando figuras e expressões psicanalíticas para me fazer entender. O negócio é o seguinte, como

diria um amigo: na rua, ou mesmo na redação, o repórter é "sujeito". Vai lá, atua, escuta, interpreta, organiza, informa. Toma as decisões que lhe cabe tomar, exerce os seus parcos e ilusórios momentos de poder. Portanto, este é o momento em que sou "sujeito", quando tramo a teia de informações, palavras e idéias que envolverão o espectador.

Só que a partir do momento que boto a tal maquiagem, escudo contra as luzes cruéis e impiedosas do estúdio, uma transformação deve começar a se operar. Quando me sento na bancada do apresentador, e devo tornar a tensão, nervosismo e pressa do fechamento em serenidade, sedução e serena firmeza, deixo de ser "sujeito". É a hora de ser "objeto".

Talvez por um dos inúmeros legados infelizes do pensamento feminista, associamos logo o conceito de "objeto" à idéia de "vítima". Não é nada disso: todos nós, em alguns momentos, devemos nos submeter ã condição de "objeto".

Ali, então, como apresentador de um programa de variedades, com pitadas generosas de jornalismo, como o *Fantástico,* devo me instalar confortavelmente na carapuça de "objeto". Uma vez no ar, estou alijado das decisões editoriais e formais e devo somente obedecer às instruções dos colegas que estão atrás das câmeras e a algo bem mais subjetivo que nos submete a todos: o desejo misterioso do público.

*

Sinto falta de um computador na bancada de apresentação. Assim poderia, mesmo como dócil "objeto", atuar na linha do programa, enquanto "no ar", e acompanhar melhor a relativa loucura da operação.

*

Nossa escola de apresentação ainda é muito marcada pelo estilo radiofônico. Há um excesso indiscriminado da ênfase. Tudo é manchetado. Isto vem melhorando, mas esta tendência tinha chegado a paroxismos no antigo *Jornal Nacional.* Estava ficando difícil discernir a notícia realmente importante da corriqueira.

E o Brasil é o único país que conheço onde os telejornais não obedecem a uma ordem decrescente de importância durante o programa. Explico: no resto do mundo, os telejornais começam pela notícia mais importante e seguem para os destaques menores até encerrar na famosa *and finally,* a historinha leve e divertida que precede o "boa-noite". Com nossa linguagem ágil, fluente, envolvente e eficaz, fica difícil para o telespectador entender quais foram as notícias de maior relevância ao final da edição. Mas isto faz parte, é expressão da cultura brasileira.

Procuro sempre um tom mais baixo de voz. Algo assim como escolher Peter Jennings antes de Dan Rather. Não só ajuda a conquista de uma certa intimidade com o ouvinte, como também diminui o desagrado de se ter alguém berrando na sua noite de domingo.

Na rua, cheguei a uma relação amistosa com a lente. Aprendi a ter prazer na hora de falar para a câmera. Só que quando está fazendo o tal *stand-up* na rua, o repórter está cercado pelo mundo, pelas pessoas, pela realidade.

No estúdio, não. Tudo no estúdio é artificial, é um teatro entre quatro paredes, um palco sem platéia, um ambiente acústico e estranhamente silencioso. O silêncio, esta é a primeira causa de desconforto para o novato na apresentação. Quando acende a luz verde das palavras "no ar", um silêncio sepulcral se instala — é como se o mundo tivesse parado para lhe ouvir... Troço esquisito!

Mas, *tô* aprendendo...

Gosto da adrenalina de falar ao vivo, a condição de não retorno,

a presença do erro, do gaguejar, a intromissão da autenticidade no cenário de plástico.

Um perigo...

Pobre daquela apresentadora...

Não sei o nome dela, mas nunca esqueci o seu ato falho, ao vivo, para todo o mundo na CNN.

Ela deveria apresentar uma reportagem sobre CDs, *compact discs,* japoneses. Na hora de pronunciar *compact discs,* alguma coisa aconteceu entre o cérebro e a língua da pobrezinha que disparou *compact dicks,* "pintos compactos"... E isto falando sobre produtos japoneses... Mais ou menos a mesma coisa que trocar "canários do reino", por "caralhos do reino"... Resultado: depois que a matéria foi apresentada, a infeliz âncora não voltou mais ao ar. Deve ter ido direto para o analista...

*

E por que chamar de "âncora"? Âncora, não! Leme talvez, vela, por que não?

junho/96

ARES LONDRINOS

Nesta cidade, não preciso conhecer o caminho das ruas. As ruas sabem o meu caminho. Saio andando de casa, passo pelo *pub* The Constitution, entro. Apesar de andar sumido, há seis meses que não apareço, o dono me cumprimenta como se tivesse me visto ontem. Sigo adiante pela Georgiana Street, uma rua inteira habitada apenas por *down and outs,* os bêbados, toxicômanos e malucos em geral que esta sociedade produz em abundância. Em algum governo do passado, certamente trabalhista, a rua foi consagrada pelo Estado aos egressos de asilos de lunáticos, como se diz aqui...

Dobro à esquerda na Royal College Street, onde fica o Hospital de Doenças Tropicais daqui. Sempre achei que iria parar lá, na volta de uma dessas viagens insalubres e saborosas pelos buracos africanos e asiáticos do mundo. Nunca passei da porta, pela qual passava diariamente.

Enfim, vocês sabem que em Londres várias casas ostentam uma plaquinha redonda, azul, identificando ilustres moradores do passado? Poetas, cientistas, políticos, de todas as nacionalidades, aparecem nas plaquinhas da posteridade. Nossa Águia de Haia tem uma plaquinha aqui, "Here lived Ruy Barbosa..."

Pois bem, na Royal College Street, numa casinha toda escalavrada, uma placa diferente, retangular e branca, indica a antiga morada de Paul Verlaine e Arthur Rimbaud. Sempre me perguntei por que eles não mereceram a placa azul, por que a casa não tem direito a uma reforma...

Passo direto pela casa dos poetas eternamente malditos e chego à área perigosa: de um lado, o gasômetro do norte de Londres, ante-sala

de King's Cross, zona de prostituição e tráfico de heroína; do outro lado, um conjunto habitacional popular recheado de asiáticos e ingleses pobres, onde de vez em quando sai briga feia. Já botaram fogo na loja de um paquistanês, já morreu gente, a polícia mantém uma vigilância constante da área.

Bom, daí, mais uma meia hora de caminhada e chego ao West End, a zona dos teatros, cinemas, museus. E caminho, caminho, sem querer saber do caminho...

As partes mais chiques de Londres estão cada vez mais chiques. As mais pobres, cada vez mais pobres.

*

Mas, para matar as saudades que tenho de Londres, não preciso sair de casa. Basta ligar a televisão e me deliciar com a melhor programação do mundo, os melhores documentários, o melhor telejornalismo.

No país que inaugurou a maré irresistível da privatização, a tevê estatal continua imbatível e é o melhor argumento para demonstrar como o dinheiro público pode ser bem aplicado e viabilizar a realização de produtos que não teriam chance na lógica do mercado. Só que, como tudo neste mundo globalizado, a BBC está sendo obrigada a responder às demandas mercadológicas. Em outras palavras, está tendo de se "popularizar", ou seja, neste caso, piorar...

Pelo menos, as brigas internas na BBC, entre os apóstolos do mercado e os que resistem às mudanças, são de domínio público.

Por exemplo, um dos programas "populares" da BBC, leia-se "tabloidísticos", da jornalista Esther Rantzen, exibiu uma reportagem feita num asilo, em tom de denúncia, revelando os supostos "maus-tratos" que sofrem os velhinhos.

Pois não é que no dia seguinte, um dos mais respeitados repórteres investigativos da BBC publica uma carta aberta no *Daily Telegrapb* espinafrando a matéria e acusando Esther. Rantzen de ter distorcido toda a história? John Ware, o repórter, mostrou que não havia substância alguma nas acusações e que a *Mrs.* Rantzen tinha usado a câmera oculta como um artifício sensacionalista, pois não havia impedimento ou proibição de filmagem.

Estaria a BBC, na batalha por mais audiência, relaxando os seus padrões de ética e sobriedade?

*

Nesta *silly season,* outra história que poderia ter se esgotado em *memorandi* internos da televisão acabou chegando às primeiras páginas. Foi a crítica feita pelo diretor da BBC escocesa ao trabalho da repórter Kate Adie, veterana de coberturas internacionais, na tragédia de Dunblane, onde crianças de um jardim de infância foram massacradas por um maluco. O escocês Colin Cameron afirmou que *Mrs.* Adie fez uma cobertura asséptica, "pericial", fria, de uma tragédia nacional. A repórter exige agora, na justiça, que seu colega peça desculpas públicas. O problema é que Kate Adie foi escalada para reportar o massacre de Dunblane pois tinha se celebrizado em coberturas de massacres ao redor do mundo.

Do que ninguém se dá conta por aqui é que *Mrs.* Adie é uma das jornalistas mais etnocêntricas deste país etnocêntrico.

Portanto, ela ficava muito à vontade para relatar, emocionalmente, os horrores praticados por alienígenas selvagens, como chineses, iraquianos e americanos. Mas, quando foi falar de sua própria gente, a repórter se refugiou na tal imparcialidade, tão confortável em situações desconfortáveis...

Ah! E como as concessões das emissoras privadas são renováveis a cada seis anos, a ITV, a Televisão Independente daqui, também levou uma bronca pública.

Desta vez, foi por causa de uma entrevista, conduzida por seu mais ilustre âncora, o negro Trevor Mac’Donald, com o primeiro-ministro John Major. A autoridade independente de televisão, que fiscaliza as programações, acusou Mac'Donald de ter sido frouxo e subserviente a Major e afirmou que a ITV ofereceu horário político gratuito ao Partido Conservador.

Já imaginaram isso no Brasil? Um órgão de fiscalização, mantido pelo Estado, advertindo uma emissora de tevê por causa da conduta pouco firme de seu repórter diante da máxima autoridade do país?

This is democracy...

agosto/96

CAMPEONATO DE BALÕES

No dia 2 de agosto de 1990, eu olhava balões. O céu do norte da Inglaterra recebia sereno, apenas nuvens esparsas no decorrer do período, o vôo sem rumo dos baloeiros. Olhava balões, e ainda estava ganhando por isso. Tinha a espinhosa missão de fazer uma reportagem sobre um campeonato de balões.

Não se pode dizer que era uma atribuição arriscada ou um serviço perigoso. Poderia ser mais emocionante, se houvesse lugar em uma das naves. Não há, mas o *cameraman* insiste com o comandante. Cinegrafista saboreia esta camaradagem com o repórter, este gênero masculino de humor, que consiste em meter o outro em pequenas enrascadas. Mas os balões teriam de esperar.

Chega um recado para voltarmos imediatamente a Londres. O Iraque invadira o Kuwait.

Ainda no escritório londrino, preparo boletins com as últimas notícias. Surge a primeira dúvida da crise do Golfo: como pronunciar o nome do país invadido? Kuwait? Ou Kuweit? Fica decidido em acordo com a direção, que diríamos Kuwait, com o "a" aberto. Era a pronúncia brasileira da palavra.

Durante a crise, porém, todos os brasileiros — trabalhadores, engenheiros, diplomatas ou técnicos de futebol — diziam Kuweit, do jeito inglês. Daí, que todo mundo chamava a então 19ª província do Iraque de um jeito, e os repórteres de outro... Nada grave, só uma conseqüência da ausência de norma na língua brasileira quando se trata de pronunciar nomes estrangeiros. Os portugueses têm uma regra e "traduzem" tudo, Amsterdão, Roterdão, Moscovo... Pode *nos* soar engraçado, mas é uma norma.

No dia seguinte, estou num país do Golfo Pérsico, sob um calor de 50 graus. É impossível ficar ao ar livre. Para permanecer no país, os repórteres não podem revelar onde estão, nem transmitir imagens que possam identificar o lugar. O Golfo estava com medo do próximo passo de Sadam. Os boatos de uma nova invasão, desta vez na Arábia Saudita, circulavam pelos corredores refrigerados.

À noite, no hotel, os hóspedes recebiam instruções de como proceder em caso de ataque químico. Em resumo, nos aconselhavam a encher a banheira, submergir todo o *corpo,* cobrir o nariz e a face com uma toalha molhada e, de preferência, não respirar. Não seria má idéia ligar para o homem de negócios inglês que conhecemos no avião, que pelo jeito vendia de tudo, de refrigerante a metralhadora. A próxima reportagem seria sobre máscaras de gás...

Mas deixa explicar por que lembro agora daquele longo verão no deserto. Ali começava uma viagem pelo mundo das paixões, ódios, e eterno pé de guerra do Oriente Médio. Depois do Golfo, veio a Jordânia, o Iraque, Irã e Kuwait, Turquia, Curdistão, enfim percorri todo o mapa da confusão. Só não fui aonde tudo começa e tudo termina. Nunca tinha ido a Israel.

*****

Foi rápido, apenas cinco dias em Israel, na semana passada. Uma espécie de viagem para marcar o fim de um ciclo, já que estou mudando para o Brasil, iniciando uma nova missão. Por mais que se acompanhe a vida de um país, por meio de livros e jornais, só na presença física o óbvio se revela. Por exemplo, pouca gente entende com clareza a diferença entre judeus e judeus-israelenses.

Os judeus-israelenses querem que Israel seja um país, e para isso trabalham e trabalham muito bem. Já muitos judeus, como os

típicos colonos norte-americanos e os imigrantes ortodoxos, querem que Israel seja uma vingança. Os israelenses sabem que fazem parte de povos marcados pela mesma bênção, ou maldição. A terra foi prometida a todos... .

Este é o pedaço do mundo onde a manhã não é anunciada pelo canto do galo e sim pela oração amplificada da mesquita. Este é o lugar onde cristãos choram à vista de uma pedra, onde os judeus esperam a chegada do Messias e a ressurreição de todos os mortos. Onde ocidentalização alguma vence as tradições e onde a origem comum das grandes religiões monoteístas, somada à falta de alternativa melhor, terminará por obrigar os fiéis a algum tipo de coexistência. Conviver, palavra difícil.

*

E, como esta coluninha serve também para contar as curiosidades, pequenas demais para merecer inclusão no grande drama das notícias, aí vai uma que pouca gente conhece: no Shabbath, dia consagrado ao descanso e à prece, os judeus religiosos não podem fazer nada, criar nada. Não podem apertar um botão.

Como, então, pegar um elevador para o 15º. andar? Não, não é preciso encarar as escadas. Durante todo o sábado, um elevador é reservado aos seguidores da tradição. O elevador pára em todos os andares, subindo e descendo, descendo e subindo. Para que a religião seja respeitada e que as mais nobres orações possam subir aos céus, de onde não costuma cair nem chuva, nem paz.

fevereiro/96

CAMELOS E OUTROS BICHOS

Leio nos jornais que a montagem da ópera Aída, na Praça da Apoteose carioca, contará com coadjuvantes das Arábias: camelos em corcovas e osso. Neste país de enchentes e secas, de carência e desperdício, de fartura e "faltura", os camelos têm um apelo insuperável. Creio que deve bater com o nosso desejo infantil e insular de auto-suficiência, essa onipotência nacional que pensa poder se lixar para a globalização e tudo o que se passa lá fora.

Outro dia, uma estudante de jornalismo me disse, a sério, que o noticiário internacional, já ínfimo, deveria ser banido, pois o Brasil precisa mesmo se concentrar no próprio umbigo. E não são apenas universitárias otárias que pensam assim. Este parece ser o padrão pelo qual se guiam muitos de nossos políticos, e grandes cabeças de nossa esquerda. Tudo o que vem de fora parece ser resultado de conspirações e conluios que visam à nossa exploração, aniquilação e subjugação. Em uma palavra, insuportavelmente abusada por aqui, "neoliberalismo".

Não há esta ordem no jogo da economia internacional. As multinacionais não se reúnem para definir a nova maneira de estropiar o Terceiro Mundo. As coisas são muito mais caóticas e perversas. É a tal lógica do mercado.

Sem entender isto, atacam o governo federal pelo que tem de mais correto: a sua posição ideológica.

Mas eu quero falar de camelos. A minha primeira lembrança dos bichinhos é triste: pobres camelinhos e dromedários de corcovas murchas, no Zoológico do Rio de Janeiro. Fiquei decepcionado e preocupado, pois afinal se as corcovas estavam a zero era sinal de que

os bichos poderiam estar com sede. Muitos anos se passaram até que vi os camelos em seu hábitat.

Estava num emirado do Golfo Pérsico, mas não podia revelar o nome do país em minhas reportagens. O Kuwait acabara de ser invadido e todos os vizinhos temiam o próximo passo de Sadam. Para gravar os comentários *on camera,* escolhíamos criteriosamente palmeiras fotogênicas para servir de pano de fundo. Aquele negócio começou a ficar repetitivo, além do que as palmeiras e coqueiros são parte destacada de qualquer paisagem brasileira. O calor de mais de 50 graus que, volta e meia, paralisava a câmera e fazia o repórter derreter não ficava evidente na imagem. Até que alguém teve a idéia: bota um camelo pra fazer figuração!

*

Assim foi feito. Ao final de cada dia de trabalho, deixávamos a capital do tal país e nos encaminhávamos para o deserto cm busca dos coadjuvantes de Aída. Não que eles fossem muito disciplinados. Sempre que montávamos o tripé e chegávamos ao enquadramento desejado, os camelos cismavam de cismar pelas dunas mais próximas. No nosso ponto de vista, mais distantes...

E não é muito fácil encontrar camelos vira-latas nas proximidades dos assentamentos humanos. Camelo no mundo árabe é mais do que animal, é moeda. Quando um amigo meu esteve num país árabe recebeu boas ofertas pela namorada. Nada em dinares, dólares ou petrodólares. A unidade monetária para se avaliar uma mulher naqueles lados é sempre o camelo. Quinhentos, mil, dois mil camelos pelas senhoritas ocidentais.

E a paixão pelas corridas de camelos nos países do Golfo muitas vezes supera em fanatismo religiosos de todas as cores...

*

Depois, fiquei besta. Um camelo a mais ou a menos, já os olhava como se fossem fuscas no Brasil.

Só me chamaram a atenção de novo, numa outra viagem, agora para a Ásia Central. Estava na república da Caracalpáquia, região autônoma do Usbequistão. Os camelos de lá são diferentes, quase pretos de tão escuros. E passeiam por um deserto que até bem pouco tempo era o mar do Arai.

Acreditando na docilidade que encontrei entre os camelos do Golfo, fui me aproximando sem medo daquele grupo que vagava à beira da estrada. Até que um deles investiu, ou fingiu investir, contra mim, fazendo uns barulhos de dar medo. Só depois me explicaram que era a época de procriação e que tanto fêmeas grávidas quanto os machos ficavam ferozes e perigosos.

Sim, a coluna de hoje é um despropósito. Mas de propósitos e despropósitos de propósito também faz-se a crônica.

Ah!, e uma certa feita tive o privilégio de viver alguns minutos animais... Era no Zôo de Londres, onde um ator especialista em animais convidava grupos para que incorporassem algum animal. O ator já tinha conseguido se socializar com um grupo de chimpanzés. Ele não nos propunha nada tão arrojado. Apenas oferecia um exercício terapêutico de observação e concentração. Cada um escolhia o seu animal e fazia, mais do que uma imitação, uma transfiguração. Escolhi o camelo, com seus olhos baixos e mansos, seu lento mastigar da existência, suas pernas flexíveis, velozes e lentas a um só tempo.

Foi bom para mim também. Esquecer as contas, ver o mundo com olhos sabiamente indefesos.

Desde então, não suporto ver qualquer número de circo com

animais amestrados. Adestramento quer dizer tortura.

abril/96

FANATISMO

"Que fanatismo!", exclamam os brasileiros diante das lutas sangrentas do Oriente Médio. Habituados à nossa tradicional cordialidade, ou seria pusilanimidade?, não conseguimos entender por que estes povos se matam tanto e há tanto tempo.

O que é um fanático? Qual é a diferença entre um fanático e um criminoso comum? Um bandido, como estes tantos que a tragédia social brasileira produz, tem vários traços em comum com o que chamamos de fanático. Disse Glauber Rocha, no seu manifesto por uma "Estética da Fome", que "...a violência é a manifestação mais nobre da miséria". As idéias por trás da frase não poderiam estar mais fora de moda, e ainda bem que é assim. Pois, embutida na genialidade de Glauber, havia uma romantização da miséria e da violência. Mas, sem dúvida, bandidos e fanáticos germinam na injustiça. Ambos estão dispostos a matar e a morrer. E os dois lutam pela sobrevivência. Só que o fanático luta pela sobrevivência de uma idéia.

Não se trata de perdoar o fanatismo, mas de tentar entender...

Terroristas, no Oriente Médio, todos, sem exceção, foram em algum momento de suas biografias. Os árabes não estão errados quando dizem que o Estado de Israel foi criado por terroristas. E isso não se aplica só a trajetórias como a de Rabin, que fez a transição de guerrilheiro a estadista. A origem de Israel está no terror nazista.

Lembro-me de um diplomata asiático que expôs em uma frase o ponto de vista árabe: "Então, a Europa faz o holocausto e os árabes têm de pagar o pato..."

Bom, se o Estado judeu deveria ter sido implantado num pedaço gelado do Canadá ou no Quênia, agora não faz sentido perguntar. Israel

existe, e tem o direito de existir. Até os iranianos já reconhecem isso, mesmo que não o possam admitir publicamente.

*

Resta reconhecer que *os* palestinos têm o mesmo direito. Se hoje eles têm de se submeter à superioridade israelense, para alcançar algum tipo de Estado palestino, devem isso, em grande parte, à incompetência e arrogância árabes.

Mas, não estou aqui para fazer análises sobre política internacional. Conto histórias.

Vamos a elas.

*

Beirute. Num leito de hospital, uma mulher palestina de 74 anos agonizava. Ela vive no exílio, desde que foi expulsa de sua terra pela guerra entre árabes e israelenses em 1948. A filha chega com as notícias. "Houve dois atentados suicidas em Israel. Mais de vinte pessoas morreram!"A velha dá um pulo da cama, iluminada por um sopro de vida com a notícia da morte bárbara de inocentes.

Os sobreviventes da diáspora palestina já perderam há muito qualquer compaixão pelo sofrimento de Israel. Nos muros de Sabra e Chatila, a pichação mais recorrente é o retrato do "Engenheiro" Yahya Ayash, assassinado por agentes israelenses no dia 5 de janeiro de 1996.

*

Hebron, territórios ocupados. Um jovem palestino dá uma aula de história recente ao repórter americano que reclama de sua passividade

diante das atrocidades do Hamas: "Israel e Hamas tiveram um cessar-fogo que durou sete meses. Israel rompeu a trégua ao matar Ayash. Então Hamas foi atrás da forra e agora os israelenses querem que derramemos lágrimas por eles".

O jornalista americano só não teve a presença de espírito de lembrar que Ayash era um militar, e a revanche sobrou para judeus civis...

*

Israel ajudou a criar o Hamas, acreditando que a organização seria um contraponto islâmico à influência de Arafat. Isso quando a OLP era tida como a grande organização terrorista do Oriente Médio. Shimon Peres já se encontrou pessoalmente com ativistas do Hamas. E há duas semanas, o governo israelense ameaçou reabrir conversações com a organização islâmica se Arafat não tomasse conta deles.

Os Estados Unidos acusam o Irã, não sem razão, de estar por trás das operações do Hamas. Mas, além das doações do Irã e de alguns estados do Golfo, a maior parte do dinheiro do Hamas vem mesmo de palestinos americanos...

*

A base de sustentação do Hamas, cerca de vinte por cento da população, não foi forjada por bombas. Os fundamentalistas fazem algo parecido com os chefes do tráfico dos morros cariocas. Fornecem à população o que os ocupantes israelenses negaram e que a autoridade palestina ainda não conseguiu prover: educação, transporte, assistência médica, alimentos, oportunidades.

Só um milagre dará a reeleição à Shimon Peres. Os

fundamentalistas judeus, o pessoal de Ygal Amir, saboreiam a desgraça dos trabalhistas. Conversando com Baruch Malzel, líder radical judeu em prisão domiciliar, ele me diz que a opção também não lhe agrada. Para o fanático, o Likud é de esquerda...

Aliás, depois de conversar com Malzel, me ocorre uma definição de fanático bem mais simples e eficiente do que as elocubrações do primeiro parágrafo. Fanático não é aquele que só acredita no que vê, ao contrário. Ele só vê o que acredita.

É mais um momento de desespero para Israel. No dia seguinte ã bomba no centro de Tel-Aviv, o jornal *Jerusalém Post* afirmava, em editorial, que uma situação não convencional exigia soluções não-convencionais. Por "situação não convencional", leia-se a impotência diante dos terroristas suicidas. O jornal então sugeria a solução encontrada pelos imperialistas britânicos quando enfrentaram problemas idênticos no Sudão ocupado. Os britânicos passaram a enterrar os suicidas, cobertos em pele de porco. Como vestido de porco ninguém entra no paraíso islâmico, os atentados cessaram.

*****

Israel só se livrou do terrorismo da OLP, e os palestinos só tiveram algumas conquistas, ainda que modestas, quando começaram a negociar. Prisões, assassinatos e repressão só criarão novos mártires, heróis e fanáticos. Séculos da justiça do olho por olho criaram uma legião de cegos.

Terrorismo é imperdoável. Hipocrisia também.

março/96

A GUERRA DO GOLFO ACONTECEU?

Chamá-lo de feio seria elogio. Nariz descomunal, verrugas em profusão por toda a face, remela nos olhos, ranho sobre os lábios, parcos dentes. Banho não via desde a guerra contra o Irã. O cachecol só não era mais gorduroso do que os cabelos rasos. Cheirava mal, tinha mau hálito e, além de asqueroso, fazia questão de ser desagradável. No entanto, Adnan era o homem mais assediado de Amã, naquele inverno de 91.

Francesas, alemãs, italianas e suecas, todas se derretiam em charme para Adnan, rolavam os olhinhos, faziam biquinho, jogavam o feminismo na lata de lixo do consulado iraquiano na capital da Jordânia. Os homens também só pensavam em seduzi-lo e usavam suas armas. À noite, no bar do Hotel Intercontinental, os repórteres disputavam o privilégio de pagar um drinque para Adnan. Cenas de bajulação explícita e suborno implícito.

Adnan era o funcionário do consulado em Amã, responsável pela emissão de vistos para o Iraque durante a guerra.

Todas as manhãs o mesmo espetáculo se repetia, diante da porta da representação iraquiana. Jornalistas de todo o mundo esperavam a sorte grande: o momento em que Adan apareceria, anunciando a lista dos contemplados da vez. A algazarra desesperada de cada dia na fila dos vistos foi o circo da mídia que ninguém viu.

Quando precisam de algo, repórteres engolem qualquer resquício de orgulho e suplicam, imploram, se humilham com gosto. Hoje, parece engraçado. Na época era só patético.

Depois de berrar os nomes dos agraciados com os vistos, Adnan

virava-se para o resto e dizia, com carregado sotaque árabe: "Come back tomorrrow! Maybe tomorrrow, Maybe tomorrrow..."

Uma certa manhã, confesso, Adnan sorriu para mim... Ele garantiu que nossos vistos sairiam à tarde. A equipe teve o almoço mais feliz de toda a guerra.

Há cinco exatos anos, amanhã, começava a Guerra do Golfo. Hoje, tendo a concordar com o acadêmico francês Jean Baudrillard, que escreveu o livro *A Guerra do Golfo Nunca Aconteceu.* São três artigos, originalmente publicados no *Liberation,* onde Baudrillard analisa o conflito de 91, sob a ótica de sua teoria do simulacro.

Cito: "... Assim como a riqueza não é mais aferida por sua ostentação e sim pela circulação secreta do capital especulativo; também a guerra não é medida por sua deflagração, mas por seu desdobramento especulativo num espaço informático, eletrônico e abstrato, o mesmo espaço onde se move o capital...". Em resumo, Baudrillard afirma que a Guerra do Golfo não aconteceu, pois só há guerra quando os dois lados correm riscos. Segundo o raciocínio do intelectual francês, no Golfo pela primeira vez "... O poder de criar uma crise se mesclou ao poder de dirigir o filme sobre a crise...".

Todos os elementos de um roteiro de Hollywood estavam presentes, desde a linguagem "John Wayne" usada pelos militares americanos em seus *briefings,* passando pela reutilização de ícones do passado (o pássaro banhado de óleo, que já tinha sido estrela do desastre ecológico do *Exxon Valdez no* Alasca), até a edição das cenas de batalha, a montagem ao vivo da realidade. Como exemplo do absurdo da auto-representação da mídia, Baudrillard lembra o momento em que o estúdio da CNN em Atlanta chamou um grupo de repórteres no meio do deserto, apenas para ouvi-los declarar que eles também estavam esperando o noticiário da CNN para saber o que estava acontecendo.

Em Amã, a sala de espera da guerra, nem a CNN tínhamos pois o governo do rei Hussein, aliado a Sadam, censurava o sinal da rede mundial de telejornalismo.

*

Em cinqüenta anos de política, François Mitterrand fez história em vários momentos. Além de ter sido o primeiro presidente socialista da França, Mitterrand bateu o recorde de De Gaulle, permanecendo 14 anos no poder. Porém, durante tão longa e bem-sucedida carreira, foi durante a Guerra do Golfo que Mitterrand alcançou seus mais altos índices de popularidade.

"A França tem uma obsessão por 'Grandes Homens'", disse o articulista Serge July no dia seguinte à morte do ex-presidente. "O 'Grande Homem', na França, é objeto de uma religião nacional." Não é à toa que Paris é a única capital do mundo com um "Panthéon", e também não foi por acaso que em 81, assim que foi eleito, Mitterrand não inaugurou o seu governo no Eliseu, e sim no Panthéon. "Mitterrand não foi apenas a antítese de De Gaulle", afirma July, "foi também a sua imagem no espelho da esquerda."

Paris ficou muda na segunda-feira passada. O silêncio da multidão em torno do prédio onde Mitterrand morreu era impressionante.

Uma rádio transmitia telefonemas ao vivo, com a opinião dos franceses sobre seu líder por tanto tempo. Uma mulher liga, irada, dizendo que até na hora de morrer Mitterrand a irritou. O marido da senhora gosta de apostar nos cavalinhos e, por causa do falecimento do estadista, as rádios não transmitiram o resultado das corridas. No país da racionalidade, o ódio a Mitterrand era irracional. O amor também. Entre as milhares de pessoas que foram à Bastilha, debaixo de chuva na véspera do enterro, muitas votaram em Chirac, na última eleição.

Catorze anos no poder tiram qualquer um do poder.

Há 20 anos em Downing Street, os conservadores britânicos estão batendo todos os recordes. Agora, governam com uma maioria insignificante de dois deputados no Parlamento. As recentes deserções têm uma explicação. Todo parlamentar quer um emprego ministerial. Os conservadores já criaram vários postos para atender à voracidade dos parlamentares por uma boquinha no governo. Só que depois de 20 anos, não adianta prometer um emprego na próxima reforma ministerial, pois todos sabem que a farra está para acabar. Daí que resta aos parlamentares o gesto espetacular de mudar de partido para investir no próximo governo.

*

Ah, o Adnan... Naquela tarde, nossos vistos para o Iraque não se materializaram. Depois apuramos que o repugnante diplomata tinha vendido os nossos vistos para jornalistas alemães. Adnan foi punido por corrupção, após a guerra.

Perdeu o emprego e caiu em desgraça. Parece que fugiu de Bagdá...

Nós acabamos chegando a Bagdá um dia depois do cessar-fogo.

Preso em Ama, à espera do visto sempre prometido e nunca expedido, a Guerra do Golfo foi para mim uma oportunidade de conhecer melhor a questão palestina. Diariamente, visitava os acampamentos dos refugiados e me debruçava sobre o ponto de vista árabe da História, tão oposto ã visão hegemônica ocidental. Estava perto, corri riscos, vivi as conseqüências da guerra. Mas as bombas sobre Bagdá foram para mim tão virtuais quanto para os telespectadores de todo o mundo.

"Maybe tomorrow..."

janeiro/96

PROFISSÃO: VICIADOS EM PERIGO

Bocas secas, mal conseguem falar. Chapados pela forte maconha angolana, dois soldados se espremem sob a parca sombra, ouvindo rádio, emboscados pelo sol do meio-dia. Nada se move no calor viscoso, só o motor do automóvel, que deixamos ligado.

Não sabíamos, mas aquele par de corpos inertes, abraçados às "Kalashnikov", constituía a última posição do governo, a 60 quilômetros da capital Luanda. A cinco minutos dali, nos esperava a guerrilha da UNITA.

Antes de seguirmos para a boca do lobo, a Rádio Angola nos surpreende com a trilha sonora daquela África desolada e devastada. Vinícius e Toquinho cantando "Na Tonga da Mironga do Kabuletê..."

Seguimos a estrada por pouco tempo.

Na entrada da vila de Caxito, o carro é cercado pelos homens de Savimbi. Estão desesperados, toda a sua liderança imediata foi massacrada na batalha que sucedeu as eleições de novembro de 1992.

Apontam a pistola para a cabeça de nosso motorista, de uma etnia inimiga. O líder dos guerrilheiros grita:

— Vai morrer!

*

Para quem gosta dos bastidores do jornalismo, nada se compara às histórias de guerra.

Na sexta-feira passada, em Berlim, os maiores correspondentes de guerra da atualidade fizeram uma conferência sobre "Segurança na

Reportagem". Da BBC, Martin Bell, o homem do terno branco, que cobre o conflito na ex-Iugoslávia, desde o seu início; da CNN, a bela guerreira Christiane Amanpour, especialista em coberturas de alto risco; da WTN, a brava brasileira. Christiana Mesquita, que fez de Sarajevo um segundo lar; e o veterano cinegrafista da BBC, Mohammed Amin.

A mesma frase que abriu as duas horas de debate também o encerrou:

— Não há segurança em reportagem, talvez segurança relativa, afirmou Martin Bell.

Ele sabe bem disso. Em Sarajevo, levou estilhaços na barriga, mas voltou após umas férias no hospital. Sérvios e bósnios reconhecem o terno claro a distância. Apesar de britânico, Bell tem as suas superstições: usa pés de meia descasados, para afastar a falta de sorte.

Christiane Amanpour nunca se feriu gravemente, só Deus sabe como... Ela pertence a um clube que se encontra nos *troublespots* do mundo, profissionais viciados em perigo.

Dá para entender o vício. Na guerra, um repórter lida com a matéria-prima essencial da natureza humana, e os conceitos fundamentais de vida e morte, verdade e mentira.

Disse "viciados em perigo" e agora me pergunto: não seriam viciados em medo? Ou antes, dependentes do fluxo de adrenalina, da superação do medo?

Pois, na linha de frente, o medo passa em dois minutos, você se acostuma e logo quer tirar "as manguinhas de fora".

Deve ser a tal fabulosa capacidade de adaptação do *ser* humano. Só que, onde acaba o medo, pode começar o perigo.

Não há como escapar da mistificação, quando se fala em cobertura de guerra. Depois de muito blablablá, Christiane Amanpour não tinha por que temer o cabotinismo-.

— Há algumas pessoas "equipadas" mentalmente para este tipo

de trabalho, disse Amanpour. Nós sabemos onde estamos nos metendo, e sabemos que talvez não voltemos vivos.

Nos conflitos quentes pós-guerra fria, tudo ficou mais perigoso para os correspondentes de guerra. Ninguém mais é considerado neutro, repórteres, agentes humanitários, ONU ou Cruz Vermelha.

Além de muito pesados, os coletes à prova de bala não garantem nada. No Haiti, assassinos cortaram o pescoço *do* fotógrafo, para ficar com o colete. Martin Bell reconheceu que não usa as placas de cerâmica, pois ninguém consegue correr com aquele peso todo.

Serve o que Steven Ambrose escreveu sobre os soldados: "A profissão... tem a dignidade do perigo".

*

Por falar em encrenca, as eleições na Argélia se aproximam. A votação terá enormes conseqüências, não só para o norte da África, como também para a segurança da Europa e do mundo. Mas a barra argelina é tão pesada que as maiores televisões do mundo não pretendem enviar equipes.

*

Imploro ao guerrilheiro pela vida do motorista.

Para os jornalistas brasileiros, vir até a primeira linha da guerrilha angolana era uma reportagem. Para o angolano era a morte.

Éramos quatro. Leão Serva, Paulo Pimentel, Gonçalo Gomes e este que vos escreve.

Carregaríamos aquele fantasma negro para sempre.

Desando a falar, não lembro o quê. Na memória, ficou a impressão de que, mais do que o significado das palavras, a torrente de

som transmitia uma freqüência tranqüilizante para o homem com o dedo no gatilho.

De repente, ele recua, deixa a bala cair no asfalto.

Mesmo assim, nosso motorista é levado para um casebre à beira da estrada com as paredes tingidas de sangue fresco, brilhoso. Lá, os guerrilheiros tiram os sapatos do "suspeito". Procuram calos. Se os tivessem encontrado, isto evidenciaria que o motorista já tinha usado botas, portanto já tinha servido ao Exército. Seria morto na hora.

Sem calos, mas quase branco de tão pálido e tremendo da cabeça aos pés, nosso guia sai vivo. Ele se junta ao grupo de jornalistas, uns oito, aprisionados pela guerrilha. Os homens da UNITA seguem a tradição tribal, só conversam com os mais velhos. Um jovem cinegrafista tenta impedir o confisco de sua câmera e acaba usando uma palavra que atiça a ira de nossos captores.- "Essa câmera é minha *vida!".* A menção da palavra vida desestabiliza os guerrilheiros. "Vida! Não me fale em vida!", berra o homem que tem uma vida de morte...

Já me preparava internamente para um longo cativeiro. É sempre assim em situações-limite, fico pronto para o pior. Mas a captura foi breve, fomos libertados poucas horas depois.

No caminho de volta, a dupla da "Tonga na Mironga" desapareceu. Leão canta o repertório completo de Leandro e Leonardo. Aprendemos uma: "cuidado redobrado", na guerra, significa cuidar para não morrer, e não matar.

novembro/95

TRÊS SEGUNDOS DE ASTRONAUTA

"Bem bolado..." comentei com meus botões e cintos de segurança. Todas as cadeiras do pequeno avião davam os costados para a cabine do piloto. "Deve amenizar o impacto do pouso." Aliás, num porta-aviões não se chama pouso. É *rescue,* resgate, recuperação.

Como se chega a um porta-aviões? De barco? Negativo... De helicóptero? Não, se a esticada vai do Mediterrâneo ao Adriático, até a costa da ex-Iugoslávia. Num porta-aviões se desembarca... de avião!'

Para pousar, o piloto não pode diminuir a velocidade. O avião precisa de toda a sua potência para uma possível arremetida, pois às vezes o ganchinho na barriga não encontra o cabo de aço na pista exígua. Quando gancho e cabo se entendem, a desaceleração é instantânea e brutal. Um tranco seco e competente. De costas para o nariz do avião, o passageiro absorve a freada que o amassa contra o assento..

Quem pousa, tem de decolar mais cedo ou mais tarde.

Decolemos mais tarde...

Um pouso mais convencional no aeroporto de Frankfurt resulta em desembarque nada convencional.

As rachaduras políticas da União Européia se manifestam visualmente na pista. Policiais recebem os passageiros, antes que estes possam descer o último degrau da escada de desembarque. Isto ao fim do vôo Londres-Frankfurt, ponte-aérea da UE! Ué...

Não se trata somente de medo de terrorismo. A prevenção é contra os imigrantes dos vizinhos. A Grã-Bretanha não assinou o Tratado de Schengen, que aboliu as fronteiras do continente europeu. Agora,

quem cruza a fronteira do primeiro país europeu, passa direto pelas outras. As exceções são o Reino Unido, Irlanda e Itália, que ficaram, fora do espaço livre de Schengen. Este é o pretexto para a recepção armada. Nem todos os passageiros são intimados a mostrar o passaporte. Os guardas pedem a identificação de quem tem pele mais escura ou outro traço étnico marcante. O critério racista não chega a escandalizar ninguém, é a regra do jogo. Difícil é entender por que, cinco minutos mais tarde, no interior do terminal, desta vez todos os passageiros devem mostrar seus passaportes, na Imigração à moda antiga. Pelo menos no segundo controle, os policiais não trazem uma metralhadora a tiracolo...

Autoridades do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados têm um apelido corrente para a União Européia: "Fortaleza Europa".

*

Mas digamos que o estrangeiro chegue à Alemanha, como turista, jornalista ou brasileiro. Não há um que não se deslumbre com as *auto-bahns,* as superestradas alemãs, que não têm limite de velocidade. Você pensa que está planando a 150 por hora, sobre o tapete de asfalto, quando... zzzuuuuummmmm!, um carro nacional passa voando de verdade.

Os brasileiros, usuários de matadouros de asfalto ralo, apreciam ainda mais a perfeita planura, o desenho suave, a segurança das rodovias alemãs.

Nem sabemos que a perfeição rodoviária germânica depende do gênio de um engenheiro pernambucano. Antônio Bulhões morava em Olinda, com a mulher alemã e filhos. O confisco de Zélia/Collor mandou a família para Munique. Para entrar no mercado europeu Antônio

amalgamou-se ao computador e só levantou depois de ter criado um programa genial, para projetar estradas. O *soft de* Antônio resolve, em poucas horas, cálculos que antes exigiam três dias de trabalho. Eis um estrangeiro imprescindível.

E as superestradas alemães custam menos do que as nossas corruptelas.

Vôo da marinha americana não tem aeromoça. Tem duas moças, exemplos de soldado, autoconfiança e eficiência. Elas me remetem a Colin Powell, que encontrou mais democracia nas Forças Armadas do que na sociedade americana, e fico apreciando o estilo militar feminino. O barulho dos motores é ensurdecedor, escrevo uma pergunta para uma delas. Na resposta, a decepção: minha doce soldada é semianalfabeta.

Um empresário brasileiro, dono de filiais nos Estados Unidos, encontrou o mesmo sintoma durante o recrutamento de operários locais: índices de analfabetismo crescentes na única superpotência mundial.

*

No pouso, as cadeiras estavam viradas para trás. Agora, presumo, partiremos de frente.

Presunção... Ao embarcar, constato que os assentos permanecem na mesma posição. Isso significa que suportaremos a aceleração de 0 a 220 quilômetros por hora, em menos de três segundos, sustentados apenas pelos cintos de segurança, cruzados frente ao peito?

Sim.

Algumas instruções antes da decolagem-relâmpago.

— Você não quer quebrar o pescoço, portanto não olhe pela janela!

Não olhei, cruzei cintos e braços, colei o queixo no peito, e vivi

meus três segundos de astronauta. Não, não dá frio na barriga. O corpo todo ganha instantânea imponderabilidade, durante longos segundos fica leve como um balão.

Eu, que gosto da Rússia e não aprecio parque de diversões, devo admitir: é melhor do que qualquer montanha-russa.

outubro/95

VOCÊ SABE O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM NOSSO PAÍS?"

Quando voltou ao Brasil, depois de quase 30 anos, Vladimir não se emocionou ao pousar no Galeão. Ele também manteve o sangue-frio ao rever as montanhas do Rio, cercando a Lagoa Rodrigo de Freitas. Olhou a praia como se tivesse pegado jacaré um dia antes.

Foi só quando entrou no quarto de hotel que o coração soviético-brasileiro disparou. Viu um rádio na cabeceira da cama. Aproximou-se devagarinho e procurou a freqüência.

Estava lá, no mesmo ponto do *dial.* Vladimir chorou ao ouvir a hora certa da Rádio Relógio.

Algumas coisas não mudam, nem no Brasil.

*

Vladimir teve uma infância feliz, no bairro de Santa Tereza. O pai dele era músico da Orquestra do Teatro Municipal. A família vivia numa casa ampla e confortável. O pai trabalhava muito, desdobrando-se entre ensaios, concertos e aulas. Só chegava tarde em casa, mas encontrava mulher e crianças bem alimentadas e felizes.

O velho Ereemev tinha sido preso pelos alemães durante a Segunda Grande Guerra. No fim do conflito, apaixonou-se por uma russa das forças de liberação mas não perdeu a cabeça a ponto de pensar em voltar para a União Soviética. Sabia para onde Stalin mandaria os ex-prisioneiros de guerra. Entre o Gulag e a América do Sul, não foi difícil escolher.

Só que, depois do reatamento de relações diplomáticas entre

Brasil e União Soviética, uma febre de nostalgia tomou conta do ex-combatente. Farto do descaso brasileiro com as artes e a cultura, Ereemev vivia tecendo loas às realizações do sistema soviético. Resolveu voltar.

O filho Vladimir ficou com um último sambinha na cabeça. A letra rimava paredão com Cuba e contramão. No refrão, avisava Fidel que, no Brasil, barbudo só camarão...

*

Durante a viagem de navio até Gdansk, na Polônia, a temperatura foi despencando. Do verão carioca ao inverno polonês, o menino Vladimir, de baixo dos seus doze anos, começou a desconfiar que algo ia mudar radicalmente. Na hora de embarcar no trem para Moscou, a multidão ocupava todas as portas, a plataforma fervilhava, gritaria eslava, cotovelos, casacos, malas, sufoco. Para embarcar o filho, a mãe de Vladimir o arremessou pela janela do vagão. Vladimir teve uma crise histérica. Esperneou, berrou, resistiu, queria voltar para o Brasil. Foi contido. Calou a boca e nunca mais a abriu.

A família de cinco pessoas foi viver num apartamento de dois cômodos em Moscou.

Para ter a cidadania soviética, foi obrigado a entregar o passaporte brasileiro. Até hoje, ainda não conseguiu provar à embaixada brasileira em Moscou que tem um registro de nascimento no Rio.

Por ter nascido no exterior, ele nunca teve chance de desenvolver seu extraordinário talento para a eletrônica. Fascinado por rádios, não foi aceito na Escola de Telecomunicações, área de segurança nacional. Bem que ele tentou entrar no Partido, para viabilizar a carreira. Não foi aceito nem depois de servir como voluntário ao exército.

Acabou se conformando com a função de tradutor. Foi parar na guerra civil de Angola, onde um dia estranhou a súbita frieza dos diplomatas estrangeiros. Só ficou sabendo da invasão do Afeganistão com um mês de atraso. Na África, conheceu Irina, princesa por direito sangüíneo, menina proletária por formação e convicção, que por sua vez só descobriu que Angola estava em guerra civil, quando foi surpreendida por uma batalha, ao chegar a Huambo. Vladimir e Irina casaram-se e tiveram um casal de filhos. Apesar de ter chorado lágrimas genuínas quando Leonid Brejnev morreu, Irina só ingressou no Partido em plena Perestroika, para ver se conseguia ascender na universidade, onde clava aulas de Geografia.

*

Conheci Vladimir e Irina no dia 18 de agosto de 1991.

Irina sonhava com a carreira de empresária, queria abrir um salão de beleza, se o governo Gorbatchev desse certo.

Vladimir tinha montado o seu próprio computador em casa, depois de comprar pecinhas em feiras de rua.

*

Na manhã seguinte, Irina me encontrou no *lobby do* hotel e exclamou com os olhos arregalados: "Você sabe o que está acontecendo em nosso país?"

Não, eu ainda não sabia que Gorbatchev tinha caído e que estávamos prestes a ver os três dias que iriam encerrar a Revolução de Outubro de 1917.

Por que conto tudo isso hoje?

Irina não tem salão de beleza nenhum. Trabalha por um salário

de fome para uma empresa espanhola. Vladimir continua enfurnado em seu emaranhado de rádios e computadores. Ela tem de pagar à Máfia para manter o seu negócio. Ele não sai de casa.

O casal vota em Boris Yeltsin.

abril/96

BATISMO DE CHUMBO NA RÚSSIA

Na outra margem do rio Moscou, a batalha do Parlamento. Deste lado, subimos num tanque, para obter um ângulo melhor de filmagem.

4 de outubro de 1993, as tropas leais a Yeltsin já castigam o Parlamento há oito horas. Tiros, explosões, rajadas, mortos e feridos. Assistindo a tudo, uma multidão de civis.

"Essas coisas só acontecem na Rússia..." Ouvi esta frase na minha primeira estada moscovita, e em todas as visitas posteriores. Algumas vezes proferida com vergonha, outras como afirmação orgulhosa, quase vim desafio. Os russos vivem em oscilação ciclotímica entre a mais baixa auto-estima e a soberba. Quem pensa que Dostoievski se desatualizou não entende de literatura ou não conhece a Rússia.

Sobre o tanque, consideramo-nos a salvo de balas perdidas. Eis que ao meu lado, outro tipo de perigo armado se aproxima. Um assaltante aponta o revólver na minha direção.

Naquele dia, Boris Yeltsin deixou de ser herói.

Dois anos antes, tínhamos visto sua ascensão ao heroísmo e ao Kremlin, discursando sobre blindados, vencendo o poder soviético.

Por obra da sorte, ou como diz minha mãe, do destino, eu estava em Moscou naquele 19 de agosto de 1991. Era a primeira visita ã União Soviética, onde realizaria um documentário sobre os crimes do stalinismo, no extremo oriente da Sibéria. Nunca cheguei lá. Quando aqueles dias velozes e estonteantes esgotaram a atenção *dos* espectadores ocidentais, já não havia mais condições meteorológicas para empreender a viagem. O clima só permite chegar lá durante quinze

dias de verão.

Dormi meia dúzia de horas, naquela semana do golpe frustrado de agosto de 91. Não é figura de linguagem: o tempo parecia mesmo escorrer de forma espessa durante aquelas horas espantosas. Não estava credenciado a trabalhar como repórter em Moscou. A rigor, nossa presença era ilegal.

Esta semiclandestinidade acabou nos trazendo a maior oportunidade. Já que não podia estar presente nas entrevistas e conferências oficiais, fiz todo o meu trabalho na rua. Acabei assustando os meus chefes no Rio, quando no primeiro dia de golpe destaquei e enfatizei a resistência popular sob a liderança de Yeltsin. As agências de notícias ainda tratavam a Junta como vitoriosa.

Me apaixonei por Moscou e tive um curso intensivo sobre a alma russa. Um dia ainda vou mostrar um poeminha que fiz para Moscou, mas hoje destaco um verso: "...capital dos amantes da dor...", ou algo assim, não estou bem certo.

*

Assim como o Ocidente não entende até hoje o que representa Gorbatchev sob a ótica russa, nossa visão de Yeltsin não passa de caricatura. Chamá-lo de bêbado é muito fácil.

Boris Yeltsin é a expressão mais precisa, e competente, da cultura política soviética. O sistema do socialismo real se esmerou em produzir oportunistas, na melhor das hipóteses, e bandidos como *entourage* dos primeiros.

— Pude ver em seus olhos que era isso que ele queria.

Esta foi a resposta do primeiro-ministro Viktor Chernomyrdin, quando lhe perguntaram se Yeltsin havia decidido renunciar voluntariamente ao controle dos quatro ministérios-chave: Defesa,

Segurança, Exterior e Interior.

Boris Nikolaievitch parece bem mais doente do que seus assessores querem nos fazer crer.

A transferência dos ministérios significa que agora é o dedo de Chernomyrdin que paira sobre o botão atômico russo. O primeiro-ministro transmite segurança e moderação aos líderes ocidentais. Ninguém garante, porém, que Viktor Chernomyrdin não se trata apenas de outro adereço sobre o decorativo Yeltsin.

Mais uma vez, um Rasputin parece comandar o destino russo: Alexander Korzhakov (lê-se Korjakov), general reformado, chefe da guarda presidencial. Korzhakov tornou-se o principal interlocutor de Yeltsin, dá as cartas executivas sobre um Legislativo desmoralizado e atende aos interesses da turma da pesada do complexo industrial-militar. O povo russo cada vez se importa menos com o espectro da volta de um regime antidemocrático. O Parlamento só provoca desprezo. Partidos patrocinam falsificações em massa de assinaturas, para obter registro eleitoral. Vários candidatos vêm da "Mafiya", criminosos que buscam somente a imunidade parlamentar.

*

Este ano, o inverno chegou cedo a Moscou. Uma grande nevasca inaugurou a fajuta campanha eleitoral. Televisão e rádio funcionam sob censura. Oposição não tem vez, e nem mesmo a imagem que divertiu o mundo, os beliscões presidenciais nos *derrières* das secretárias, os russos puderam ver.

Em tais condições se dará a votação no dia 17 de dezembro, como que anunciando outra grande interrogação: a eleição para presidente, em junho de 1996.

O neofascista Vladimir Zhirinovsky não representa uma grande

ameaça. O veterano do Afeganistão Alexander Rutskoy pode assustar. Chernomyrdin deve ser a preferência ocidental, a despeito de uma possível candidatura Gorbatchev.

Mikhail Sergueievitch Gorbatchev teria mais chances disputando o poder na Inglaterra. As contradições autofágicas do mais importante estadista da segunda metade do século combinam mais com Shakespeare do que com Tolstoi...

"A que infinita paz de espírito devem os reis renunciar que os plebeus desfrutam? E que podem ter os reis que os plebeus não têm também, exceto cerimônia, cerimônia em geral?"

Com esta frase de Henrique V, o príncipe Charles exemplificou a fabulosa capacidade de reflexão de Shakespeare sobre a natureza amarga do poder. Disse Charles, o homem que queria ser rei: "Henrique V... trata da solidão *dos* altos postos, da responsabilidade e do estresse que afligem os que levam grandes fardos, administram indústrias e escolas, e talvez cuidem de parentes inválidos..."

O príncipe é brilhante, daria um excelente rei. Provavelmente, vai entrar para a história como o homem que queria ser absorvente íntimo, em outra encarnação.

— Passa cem dólares pra cá ou eu atiro! — ameaça o bandido.

Peço ajuda ao soldado na cabine do tanque. Ele dá de ombros. "No meio de tanto chumbo, vou dançar assim?", penso. Não me ocorre nada melhor e disparo uma fileira de palavrões em português.

Funciona.

Saio ileso do batismo sangrento da democracia russa.

Já a recém-nascida...

novembro/95

RECEITA TAMBÉM É NOTÍCIA

Corte uma beterraba em fatias bem fininhas, o sabor depende da maneira que se corta. Acrescente uma cenoura, uma cebola, um pimentão. Leve tudo para a frigideira e refogue com azeite de oliva e extrato de tomate. Ah! Não esqueça de misturar quatro colheres de vinagre e meia dúzia de folhas de louro. Deixe tudo virar uma pasta vermelha...

No ano passado, estive por uma semana no Brasil, para substituir William Bonner na apresentação do *Jornal Hoje.* Foi uma ótima experiência ganhar intimidade com o frio silêncio do estúdio. Foi também um *flash-back* afetivo, voltando ao telejornal onde comecei como editor. O *Hoje* sempre foi um programa simpático e, em dias de notícias quentes, alcança picos de audiência. À uma hora da tarde, o *Hoje* cumpre o papel dos vespertinos que não temos no Brasil, apresentando um painel fresquinho do que está acontecendo. Tive então de responder dezenas de vezes a uma única pergunta: "Como você se sente apresentando receitas para donas de casa?"

Desnecessário dizer que a questão vinha acompanhada de ironia explícita, na suposição de que um correspondente internacional seria diminuído por tão prosaico serviço.

Em primeiro lugar, não há serviço mais ou menos útil. Serviço é o que serve a alguém, e as receitas culinárias do *Jornal Hoje* atendem a homens e mulheres que trabalham, ou curtem, na cozinha. Eu, que sou chegado a uma panela e desfruto cada detalhe dos programas culinários que abundam na tevê inglesa, adoro o fim do *Hoje* quando a apresentadora Cristina Ranzolini brinda os telespectadores com dicas

domésticas. A propósito, o apresentador masculino do *Hoje*, seja o seu editor-chefe Bonner ou Ernesto Paglia, que cobre as férias do titular, nunca lê as receitas. Ainda não avançamos tanto. Na televisão, fogão continua sendo conversa de mulher, em que os homens entram de xeretas.

Pois bem.

Em 1993, ao fim de uma longa temporada na Rússia, tomei a iniciativa de produzir uma reportagem para ensinar os brasileiros a fazer o famoso *borsch,* sopa inventada pelos camponeses ucranianos que hoje freqüenta os restaurantes russos e poloneses de todo o mundo. É a receita que abre esta coluna. Antes de terminarmos, descreverei o resto do preparo. Antes, conto a historinha que ilustra bem a beleza acidental do trabalho de repórter.

Quando um repórter sai à rua, pode acontecer o que sucede tão freqüentemente na pesquisa científica: pesquisando um tema, se esbarra numa grande descoberta. Atira-se no que se vê, alveja-se o que estava invisível.

Não é todo o dia que um Fleming topa com uma penicilina, por acaso. Mas a melhor reportagem é sempre aquela que não estava prevista pela pauta. Me lembro quando, repórter foca da TV Aratu em Salvador, fui fazer uma matéria sobre um prédio velho do Pelourinho que estava desabando. De notícia, quase nada... Só que, lá chegando, o prédio em questão pertencia ao Sindicato dos Condutores de Bonde. A história do prédio condenado se transformou numa longa reportagem sobre a extinção de uma categoria, o fim de uma era. E vivíamos a ditadura militar, período em que assuntos correlatos a sindicalismo eram alvo da censura. Além de nostalgia, a reportagem acabou refletindo o momento político, a morte e a ressurreição do sindicalismo brasileiro.

Em Moscou, a filmagem do preparo do *borsch* me levou ainda mais longe. O dono do restaurante onde gravamos a receita era natural

de uma república autônoma da Rússia, no Cáucaso, da qual eu nunca tinha ouvido falar. Ele nos convidou para conhecer a sua terra natal, que esta semana ocupou as manchetes de todos os jornais do mundo: o Daguestão.

*

A nave da Aeroflot que nos transportou de Moscou a Mahatchkala, capital do Daguestão, cheirava a urina. Do serviço de bordo, só alguns privilegiados foram contemplados com pedaços de galinha de cor inusitada: azul. Mahatchkala já tinha vivido anos de prosperidade, porto que recebia o farto caviar do mar Cáspio. Em 93, o porto estava parado, resultado do vácuo administrativo entre a falência do Estado e a privatização adiada. Ficamos pouco tempo na capital, tomamos o rumo das belas montanhas do Cáucaso. Como agora todos sabem, o Daguestão faz fronteira com a Chechênia. Na época, os chechenos viviam a sua independência sem a intervenção de Moscou. A guerra consumia outro vizinho, a Geórgia de Edward Schevarnadze.

Depois de um dia de viagem, nos apercebemos que o nosso anfitrião pertencia à Máfia local. O restaurante moscovita de sua propriedade, apesar de muito bom, era apenas uma fachada para a lavagem de dinheiro. O grupo de mafiosos que nós conduzia pelas perigosas estradas do Cáucaso consumia caixas de vodca por dia, sem largar as suas armas. Tivemos discussões emocionantes. Enquanto eu tentava ditar os rumos da viagem, pois procurávamos os longevos das montanhas em seus endereços eremitas, o bando de homens queria se divertir.

A tradutora tez o seu trabalho da melhor forma: trocava palavrões por palavras de cortesia e só em Moscou me confidenciou que o chefe da gangue estava convencido de que eu não era repórter coisa nenhuma

e sim vim agente da CIA...

A violência é parte essencial do caráter dos caucasianos. Lembro-me do ritual de matança de um carneiro. Um menino de oito anos de idade foi obrigado a participar da sangria daquele que tinha sido por muito tempo seu maior companheiro de brincadeiras. A criança teve de obedecer e assistir a cada detalhe do sacrifício. Como sinal de misericórdia, o menino deu um gole d'água ao animal agonizante.

Nesta região de gente dura; em que as memórias são evocadas tendo como referência as guerras, antes da guerra dos bolcheviques, depois do expurgo, etc; os chechenos são temidos e tidos como bárbaros. Assim como remoto é um adjetivo que nunca se aplica ao lugar de onde viemos, os daguestaneses se consideram a vanguarda da civilização, às portas da indomável Chechênia.

Mas, afinal, quem são os chechenos?

O nome deles vem da localidade onde uma grande batalha foi travada entre o exército imperial russo e as tribos locais, em 1732.

As etnias da região tinham uma organização social curiosa, onde não havia distinções de classe. A única hierarquia era baseada em faixas etárias. Esta tradição permanece até hoje. Como na África, *são os* "mais velhos" que mandam. Leon Tolstoi serviu como soldado na guerra entre a Rússia e a Chechênia, que durou de 1817 *a* 1864. Sobre o sentimento anti-russo na região, Tolstoi escreveu: "...Ninguém falava de seu ódio aos russos. O sentimento de todos os chechenos, do mais jovem ao mais velho, era bem mais forte do que o ódio...".

Quando o exército de Hitler chegou às portas de Grosny, os chechenos se rebelaram. Eles nunca tinham se submetido totalmente ao poder bolchevique. A insubordinação lhes custou a deportação ordenada por Stalin em 1944.

Metade da população morreu na travessia para a Ásia Central.

Khruschev tentou reparar o genocídio, repatriando os chechenos

sobreviventes. O ressentimento ficou de molho durante 30 anos. Mais do que assegurar o controle do oleoduto que cruza o território checheno, os russos lutam por seu orgulho e senso de importância nacional.

Dzokhar Dudayev, líder dos separatistas, é um fascista confesso, com tendências megalômanas. A única solução política de Yeltsin seria recorrer ao ex-aliado tornado arqui-rival Ruslan Rasbulatov, um checheno *light...*

Na confusão do império soviético humilhado, é bem possível que os rebeldes chechenos já tenham em mãos os meios de, criar um artefato nuclear.

O pesadelo ainda nem começou.

*****

Bote um repolho num caldo de carne e deixe sete minutos no fogo alto. Não deixe o repolho amolecer. Fogo brando na hora de adicionar o caldo de legumes. Acrescente oito dentes de alho, salsinha, pimenta, sal, um pouquinho de açúcar e uma espremidinha de limão. Antes de comer, despeje um pouco de creme de leite no próprio prato. O *borsch* é um flerte entre o doce e o azedo.

Na hora da refeição, não pense na Chechênia, desligue a televisão. De vermelho, basta o *borsch.*

janeiro/96

FUNDAMENTALISMO NÃO É RELIGIÃO

Para a maioria dos não-muçulmanos ou "infiéis", como queiram, a lembrança mais vivida de uma estada no Irã é o recorde de dias sem consumir bebidas alcoólicas. É claro, um recorde compulsório, pois na terra dos aiatolás é como no deserto saudita: bebida não entra nem em embaixada ou bar de hotel cinco estrelas.

Mas são só os visitantes estrangeiros que vivem abstêmios.

Pois, não tem jeito, o ser humano nasceu mesmo duas doses abaixo do normal. Gente é assim: nasceu, cresceu, bebeu.

Ponto parágrafo.

Pablo Neruda, em suas memórias, cita a tribo de nômades nos desertos da Mongólia que, sem nada vegetal para fermentar, faz aguardente de leite de camelo.

Na Teerã xiita é comum a polícia de costumes dar batidas nos quintais das residências, onde os moradores fazem umas cachaças brabas, de batata e outras raízes.

Estive no Irã em meados de 1991, acompanhando a visita do então ministro João Santana. Durante a visita, as autoridades brasileiras fecharam contratos que fizeram do Irã o maior fornecedor de petróleo para o Brasil. Isto porque o fornecedor anterior, o Iraque, não podia mais vender petróleo, como ainda não pode. As sanções continuam em vigor, e criaram uma geração de subnutridos.

Quanto a Saciam...

A melhor coisa que me aconteceu durante a viagem ao Irã foi a oportunidade de conhecer o doutor Aloízio Campos da Paz, o diretor do Hospital Sarah Kubitschek em Brasília. O doutor Campos da Paz levava um pouco de sua extraordinária experiência para aquele país de

aleijados. Milhares e milhares de iraquianos perderam pernas, braços e funções na guerra de dez anos contra o Iraque. Humildemente, o doutor Campos da Paz relutou em transferir sua metodologia para o Irã, pois acredita que cada sociedade cria o sistema de saúde que deseja, merece ou pode. E pelo menos a guerra Irã-Iraque acabou depois de dez anos. A guerra que leva centenas de mutilados ao Sarah, hospital que é um pedaço do Primeiro Mundo de fazer inveja ao Primeiro Mundo, não acaba: a sandice homicida e suicida do trânsito brasileiro.

Teerã é uma cidade linda, limpa e agradável. Ruas amplas e arborizadas principalmente na zona norte da cidade, cercada pelas belas montanhas.

Como em tantas viagens de cobertura jornalística, as melhores histórias nunca chegaram a ser contadas. Por um desses lamentáveis acasos, as fitas gravadas se extraviaram e as matérias de comportamento nunca foram ao ar.

Tínhamos, por exemplo, toda a seqüência da ação da tal polícia de costumes dos religiosos em um *shopping center* de um bairro de classe média iraniana. Com a câmera escondida, flagramos a "dura" que os policiais aplicaram numa senhora de seus cinqüenta e poucos anos e em sua filha de nove. As duas estavam vestidas como manda o figurino fundamentalista, cabeças e rostos cobertos. Só que elas tinham pecado: traziam esmalte vermelho nas vinhas.

Os policiais as arrastaram para o interior de um ônibus, com grades em vez de janelas, e lá dentro fizeram um sermão desmoralizador. Em seguida, as "contraventoras" tiveram de ir pessoalmente à farmácia comprar acetona. De volta ao ônibus da lei, tiraram o esmalte sob mais uma enxurrada de insultos moralistas. Enquanto isto o marido era chamado pelo telefone para responder pelo mau comportamento de suas mulheres. Podia até sofrer castigos físicos.

*

Só que o rigor do regime fundamentalista não consegue reverter a norma que se repete em todo regime fechado: quanto mais repressão, mais subversão rola sob os véus da clandestinidade.

Ocultas sob os panos da moral islâmica, as mulheres são tão avançadas sexualmente quanto as suas "sorelas" ocidentais. Até mais danadinhas, pois a resposta ao "não" autoritário é sempre mais do que um "sim", é um "dane-se!"

Ao filmarmos o hábito freqüente e cotidiano nas Ruas de Teerã, de homens e mulheres pedindo carona na hora do *rush* (o transporte coletivo é incipiente), colhemos imagens surpreendentes.

Percebendo que estavam sendo filmadas por câmeras ocidentais, as mulheres abaixavam seus véus e faziam toda a sorte de expressões libidinosas. Passavam a língua sobre os lábios, mandavam beijinhos, fingiam rugir, enfim escancaravam uma sensualidade nada represada...

Mas isso foi há cinco anos.

De lá para cá pequeno parece ter sido o avanço na esfera macropolítica. O presidente Rafsanjani, um defensor da modernização, prossegue na sua peleja contra os clérigos que insistem em ignorar a paralisia econômica do país. Rafsanjani sabe que o país precisa se abrir para o exterior para ter como alimentar seu povo. Os *mullahs* sabem que, quando o Irã se abrir não haverá como segurar a influência, para eles nefasta, da civilização contemporânea.

Nos meios acadêmicos, porém, começa a surgir uma oposição islâmica aos fundamentalistas. São mestres, doutores e professores conhecidos como "os novos pensadores". Eles vêm fazendo a crítica do regime teocrático, dentro da própria lógica do Corão. Profundos conhecedores da lei de Maomé, estes "novos pensadores" demonstram

que os donos do poder do Irã fazem o uso político que lhes convém das palavras sagradas.

*

O fundamentalismo tem pouco a ver com religião, é política mesmo.

A própria "Fatwa", decretada pelo aiatolá Khomeini contra Salman Rushdie, não tem amparo nas palavras do profeta. Em nenhuma página do Corão está prevista a pena de morte para blasfemos.

Amanhã vai ao ar no *Fantástico* a entrevista que tive com o autor de *Versos Satânicos.*

A propósito, o novo livro de Rushdie, *O Último Suspiro do Mouro,* é um deleite só. Leve, saboroso, divertido e profundo. Em uma palavra, arrebatador.

Salman Rushdie continua vivendo sob a proteção da polícia inglesa, mas já pode respirar com um certo alívio.

Estrangulado pela crise econômica, o Irã se comprometeu com a comunidade Européia a não executar a "Fatwa". Mas não pode retirar a sentença, pois Khomeini morreu e com ele a chance remota de um perdão.

Na semana que vem, prometo apresentar trechos inéditos da entrevista de Salman Rushdie. Hoje, aí vai um aperitivo, frase de um personagem do *Último Suspiro...-.*

"A corrupção é a única força capaz de derrotar o fanatismo..."

março/96

NATAL REVOLUCIONÁRIO

Transilvânia, dezembro de 1989- Terceiro dia da revolução romena. Vínhamos de Timisoara, onde a revolta popular tinha começado, e tentávamos chegar a Bucareste. Para manter a cobertura diária, não podíamos pegar as estradas do interior da Romênia, afastadas dos pontos de transmissão via satélite. Desenhamos um itinerário determinado pela proximidade de estações de TV. Já anoitecia, e precisávamos concluir a reportagem a tempo de alcançar a Hungria, de onde transmitiríamos as imagens. A menos de 50 quilômetros da fronteira húngara, chegamos a uma cidadezinha de cinco mil habitantes. Enquanto no resto do país a revolução fervilhava, a pequena cidade ainda respirava o ar pesado da era Ceausescu. A aparição de uma equipe de televisão brasileira causou espanto. Aquela gente nunca tinha visto uma câmera na vida, muito menos estrangeiros, que não pertencessem à Cortina de Ferro.

Olhando para todos os lados, um jovem barbudo se aproxima. Nos oferece o que ele chama de furo de reportagem. Seguimos o rapaz pelas ruelas de terra, observados por dezenas de olhos curiosos, às janelas. Nosso guia não nos revela o segredo guardado na pequena casa, mas garante que é algo extremamente proibido que poderia lhe custar anos de cadeia.

Faz muito frio, mas o jovem romeno treme de excitação, medo, fervor revolucionário.

Da paixão juvenil e violência que presenciei durante a revolução romena, só restou a violência. Hoje, os romenos pedem esmolas nas ruas da Europa Ocidental. Em 89, o Ocidente saudava a derrocada dos aliados de Moscou e os estudantes do Leste Europeu realizavam o que

os jovens franceses tinham sonhado em 68: derrubavam governos como se estivessem roubando pirulitos de crianças. O totalitarismo comunista caiu de podre.

Se era previsível que o capitalismo não corresponderia às fantasias de liberdade e justiça dos revolucionários de 89, também não se deve confundir a volta dos comunistas ao poder na Polônia e na Rússia, em 95, com um retorno ao passado. Em Varsóvia, Alexander Kwasniewsky representa mais pragmatismo do que dogmatismo. O único traço em comum entre os comunistas poloneses de hoje e os do passado é o oportunismo. Característica, aliás, compartilhada pelo herói anticomuna Lech Walesa.

Já a vitória dos stalinistas nas eleições russas é mais preocupante. Os comunistas russos não estão voltando ao Parlamento, pois de lá eles nunca saíram. A crescente nostalgia dos "anos da estagnação" (como os russos chamam a era Brejnev) é conseqüência inevitável do thatcherismo do ex-primeiro-ministro Yegor Gaiclar. Se Yeltsin for de fato chutado nas próximas eleições presidenciais, a nova desordem mundial ficará ainda mais confusa.

Há cinco anos, houve quem saudasse o fim do império comunista e a vitória do "mundo livre". Hoje fica claro que o novo panorama geopolítico mundial é um mapa desequilibrado, um mundo sem oposição.

O homem do ano de 89 foi Mikhail Gorbatchev. Em 95, é Newt Gingrich.

Não foi a entrevista de Diana a BBC que provocou a ira da rainha e a conseqüente ordem de divórcio. Elizabeth II absorveu até o golpe de ver a nora chamando a família real de "inimigos" e confessando adultério diante do mundo. A rainha mandou Charles e Diana se divorciarem depois que a nora avisou que não iria passar o Natal em Sandrinham, com o resto da família.

Dezembro é um mês de emoções à flor da pele. A rainha Elizabeth II agüentou coisa muito pior, mas só agiu depois da esnobada natalina de Diana.

*

Em 1981, ano em que Charles e Diana anunciaram seu noivado, 78% dos britânicos achavam que o fim da monarquia prejudicaria o país. Hoje, apenas 40% mantêm esta opinião.

Mas Charles quer porque quer ser rei. E, de fato, ele daria um ótimo rei...

O Brasil tem grandes e quase incorrigíveis distorções, mas uma coisa é inegável: somos uma sociedade multicultural. Os países europeus perseguem o multiculturalismo, contra a própria essência de suas origens.

Às vezes, é bonito. Só vendo a fascinação de uma amiguinha judia de minha filha mais nova, que pôde enfeitar uma árvore de Natal pela primeira vez na vida. Os pais nos agradeceram a oportunidade proporcionada à menina. Festa é bom, em qualquer religião ou cultura.

Outras vezes, é feio. Na escola de minha outra filha, uma adolescente dá um cartão de Natal à colega. A moça, que não é judia nem católica, rasga imediatamente o cartão. O gesto grosseiro seria punido com rigor pela escola, que expulsa sumariamente alunos que contam piadas racistas, se tivesse sido patrocinado por uma criança católica. Como a malcriada pertence a uma minoria étnico-religiosa faz-se vista grossa... Politicamente correto?

Jesus era filho de refugiados e levou o nome de seu exílio,.. Nazaré.

*

Entramos na casa pobre daquele canto remoto da Transilvânia. A centenas de quilômetros dali, na capital Bucareste, a noite é riscada de balas. O jovem abre a porta da sala, que guarda o segredo subversivo. Ele mesmo nunca tinha visto o objeto, em seus vinte anos de vida. No dia seguinte, Ceausescu e sua mulher seriam executados. Na penumbra do lugar, adivinha-se primeiro a luz de velas. Lá está o mistério daquele instante de revolução: uma árvore de Natal.

dezembro/95

BÓSNIAS

A imagem ficou congelada na memória: a faca apontada para o meu pescoço, o olhar ameaçador do assaltante, a boca aberta, o grito. Num segundo, numa fração, o safanão, o impasse, a hesitação.

Também, quem mandou passear no calçadão da avenida Atlântica, pouco antes da meia-noite?

Quando, durante uma discussão qualquer sobre a tragi-comédia brasileira, meus amigos perdem os argumentos diante de minha posição, a réplica já se tornou previsível:

— Você está muito britânico...

A insalubridade da condição brasileira parece justificar todas as nossas fraquezas, incompetências e mediocridades. Se expostas suas mazelas de forma irrefutável, o brasileiro responde com uma combinação de autodesprezo e complacência. Não compactuar dessa postura moral gelatinosa significa quase trair o caráter, ou falta de caráter, nacional.

Pois, se dizem que voltei europeizado, naquele momento de flerte entre a faca do miserável e o pescoço do falso gringo, o carioca veio à tona,

— Quequéissu, rapa!?

*

O que não faz o desejo da reeleição.

Lembro uma frase de uma alta figura do Partido Democrata americano, logo após a surra-revolução dos republicanos, nas últimas

eleições para o Congresso. Barba por fazer, derrotado e humilhado, o marketeiro-político democrata, patrocinava um *mea culpa* público. Só que diante da pergunta sobre as chances de reeleição de Clinton, o pragmatismo lhe devolveu esperanças:

— Bill Clinton pode não ser um grande presidente, mas ainda é quem melhor faz campanha eleitoral neste país...

Com a desistência de Colin Powell, os democratas perderam a chance de ver os republicanos se dilacerarem internamente. Restou a possibilidade de um gesto vistoso na política externa, alcançar um acordo de paz na Bósnia.

Quem conhece os Estados Unidos me diz que política externa não ganha voto. Pode ser... Taí o exemplo histórico do antecessor de Clinton, George Bush, que ganhou a guerra fria para, em seguida, sair derrotado da Casa Branca.

A diplomacia americana, porém, marcou um golaço. Onde os europeus se comportaram de forma irresponsável e a ONU deu um *show de* incompetência, os americanos emplacaram, em tempo recorde, uma versão convincente de armistício. Se o acordo de paz durar até a eleição presidencial americana, em novembro de *96,* já terá sido uma façanha.

Há pelo menos dois anos, os Estados Unidos já vinham apoiando, veladamente, os bósnios e croatas. As rixas internas, as disputas entre líderes políticos e chefes militares, o embargo contra a Iugoslávia e a conseqüente traição de Slobodan Milosevic, minaram profundamente os sérvios da Bósnia.

Agora, a estabilidade interessa a todos. Por quanto tempo, não se sabe... Mas as condições, isto é, os líderes, que fizeram a guerra começar, ainda permanecem na mesma posição de cinco anos atrás.

A Croácia se tornou a grande potência militar dos Bálcãs, liderada pelo anti-semita notório Franco Tudjman, protegido pelos alemães.

Europa, Europa...

A cobertura da guerra na Bósnia encurralou posturas morais dos jornalistas de todo o mundo. Como reportar a violência? Até onde retratar os horrores? Que imagens omitir em nome da sensibilidade do estômago do espectador, na hora do jantar, na hora do telejornal?

A BBC adotou a norma de mostrar os tiros, o bangue-bangue, e sanear as cenas de corpos mutilados e jorros de sangue. Mostrar as causas, sem evidenciar as conseqüências. O problema decorrente de tal decisão editorial é óbvio: a glamourizaçâo da guerra.

No Brasil, os profissionais da comunicação encaram, diariamente, o mesmo tipo de decisão. Como lidar com a violência no noticiário? É bobagem dizer que o telejornalismo estimula as soluções violentas. Pesquisas e estudos acadêmicos já demonstraram que a violência nos noticiários televisivos provoca rejeição pública à violência. A televisão pode até transmitir a idéia de que a sociedade é mais violenta do que é na realidade, mas, depois de ver a guerra na TV, o espectador repudia a guerra, quer a paz.

Segundo os estudiosos da mídia, a parte mais violenta das programações de todas as televisões do mundo são os programas infantis. Neles, a violência aparece de forma heróica, como solução definitiva de conflitos e injustiças.

Quanto ao jornalismo, as imagens violentas devem ser sempre contextualizadas. Mostrar a violência, sim; mas complementando as imagens com uma explicação pormenorizada das causas e conseqüências do horror.

Tive dois sonhos marcantes, durante os meus 15 dias no horror de Sarajevo. No primeiro sonho, tinha me tornado invisível, o que além de ser uma eficaz proteção contra franco-atiradores, também me proporcionava a oportunidade de ouvir conversas sem ser notado.

No enredo de outro sonho, todo o escasso abastecimento de

comida para a capital da Bósnia tinha sido interrompido. Sem outra alternativa, todos passaram a se alimentar de carne humana. A sensação que permeava todo o pesadelo era um grande nojo e uma imensa culpa.

Mais tarde, percebi que o sonho canibalesco tinha sido uma alegoria da minha profissão. Repórteres vivem de carne humana.

*

Naquela noite em Copacabana, o bandido estava a fim da minha carne. Ele só não esperava que aquele sujeito alto, com cara de turista, fosse carioca.

Rapidamente, o assaltante escondeu a faca, dizendo:

— Pô, pensei que você não fosse brasileiro...

O rapaz pediu muitas desculpas e só faltou se oferecer para me proteger no resto da caminhada até o hotel.

Como se a guerra desta cidade partida não fosse de brasileiros contra brasileiros.

novembro/95

LONGE DAQUI, AQUI MESMO

Um terremoto não acaba quando a terra pára de tremer. As equipes de salvamento e os jornalistas não percebem, mas o chão continua tomado por mansas convulsões. Na televisão, um pequeno anúncio rola sobre a tela, indicando a intensidade do mais recente *aftershock* (pós-tremor). São centenas de tremelicadas por dia. Eu só senti na última madrugada de trabalho, transmitindo a última matéria, quando vi a máquina de videoteipe sacudir à minha frente. Olhei para o lado. *,A* 50 metros, uma passarela de pedestres desabou.

A cobertura do terremoto de Kobe foi um pesadelo, de cinco dias, seis horas de sono, raros nacos de arroz. Estava exausto. Todas as estradas e aias se transformaram num amontoado de carros e sirenes, perdas e buscas.

Vou alugar uma lambreta!, declarei. Éramos dois, repórter e cinegrafista, a carregar bolsas cornucópicas de baterias, microfones, fios: peso.

— Uma bicicleta!, — prossegui —. Talvez comprar, ou quem sabe alugar duas?

Meu colega Baiano, artista das imagens, tenta me demover da idéia.

— Não precisa, a gente já vai chegar...

Seguimos andando, entre viúvas, órfãos, caixões. O cheiro da morte.

Isso foi em janeiro, no Japão. Agora, escrevo no Rio de Janeiro, em outubro. Guerras, revoluções, terremotos e erupções vulcânicas; nada se compara ã outra mais implacável batalha: Brasil.

"O Brasil é o país do futuro!" O título de Stephan Zweig já me

pareceu uma maldição, pois ele não disse que o Brasil seria o país do futuro. Ao contrário, envelheceríamos gerações e gerações sem que o futuro chegasse. Hoje, temo que a frase tenha adquirido novo significado, não de maldição e sim de profecia: no futuro, todos os países serão tão injustos como o Brasil.

*

Impressões de expatriado.

Tanta freneticidade, tanta pressa e fúria, escondem o maior sintoma; esta continental passividade. A onipresente violência, por exemplo, não resulta de uma postura ativa, é antes conseqüência de nossa passividade. Matamos passivos, morremos passivos. Não adianta apenas atribuir esta pusilanimidade à nossa herança portuguesa. Fomos muito além...

Mas começou com a colonização lusa. Sabem qual é a única palavra portuguesa que se incorporou à língua local da ex-colônia de Goa, na índia?

"Sossegadi...", no sentido de devagar, quase imóvel...

Não adianta tentar, impossível dar um telefonema sem insistir, pelo menos meia dúzia de vezes. Igualmente impossível adiar as privatizações...

"Pés no chão", eis a filosofia do governo diante do processo das reformas. Me recordo do amigo, que na entrada do Ano Novo, tirou os sapatos e molhou as canelas na beira do mar, pedindo a Iemanjá somente isto: pés no chão. Roubaram-lhe os sapatos.

Sinal de progresso, todo mundo usa cinto de segurança!

Eterno retrocesso, as crianças na rua, as crianças!

E a infância abandonada me leva de volta ao Japão.

— Decidido! Vou comprar duas bicicletas!

O cinegrafista, criança pobre que venceu sua casta graças ao talento e ao trabalho, me olha com lágrimas nos olhos.

— Não. Pedro! Por favor, não... Nunca tive bicicleta, não sei andar de bicicleta!

E assim, percorremos a pé a paisagem de ruínas e dor. Longe daqui, aqui mesmo.

outubro/95

BOMBAS JORNAIS E TABLÓIDES

Ao inaugurar esta coluna no *Jornal da Tarde,* um colega me aconselhou: é como escrever uma carta semanal a um amigo. Como tecer uma missiva pessoal a um destinatário desconhecido. Qualquer matéria jornalística é de fato uma conversa, uma revelação a um estranho. O jornalista desobedece à primeira lição que as crianças aprendem e sempre, sempre, fala com estranhos. A coluna surgiu com a intenção de criar uma espécie de diário de bordo deste repórter que vive entre aeroportos e quartos de hotel. A cada semana, assinaria de um porto diferente em algum lugar da Europa, em algum lugar do mundo. Irônico como só ele, insistiu o destino em me levar, por duas temporadas, logo nestes primeiros meses de coluna, a um território estrangeiro bem familiar aos leitores, o Brasil. O Brasil é longe, insular, auto-referente. Aqui, sinto-me isolado do mundo. Alguns atribuem o nosso desinteresse pelo que se passa lá fora à fartura de notícias nacionais. Outros dizem que o noticiário internacional pós-guerra fria ficou muito complicado, sem mocinhos ou bandidos claramente delineados.

*

Agora a França nos oferece um vilão bem ao gosto da mídia. Nem Sadam, nem Kadafhi; o homem mau do momento é Jacques Chirac, presidente da França.

Chirac conseguiu fazer tudo errado, desde a posse. Ou melhor, desde a campanha, quando fez promessas que não poderia mesmo honrar. Para o governo francês, habilitar a economia para a unificação

monetária européia é ponto de honra. Só que este objetivo exige a redução do déficit público. Cortar os gastos com o "Welfare State" significa comprar uma briga monumental com um dos sindicalismos mais ativos e organizados da Europa.

Antes de enfrentar a própria sociedade francesa, Chirac conseguiu unir a opinião pública mundial contra seu governo. Na preparação dos testes nucleares na Polinésia, revelou-se a incompetência do novo governo. Incompetência, arrogância ou ignorância da nova desordem mundial. O Eliseu deu uma campanha de presente para o Greenpeace, e ainda abasteceu o sentimento anticolonial dos vizinhos australianos e neozelandeses. Quando reagiu, o governo francês usou um discurso de linguagem paranóica, denunciando um complô das potências do Pacífico para prejudicar os interesses franceses.

*

De fato, os testes foram uma multinotícia. Para a mídia australiana, a ecologia tinha um papel secundário na discussão. O que estava em jogo não era a questão ambiental e sim o resquício colonial do Taiti. George Negus, o âncora mais importante da tevê australiana, me disse: — Os testes tiveram um benefício direto: acabaram com a farsa da imparcialidade jornalística. Fomos parciais desde o início. A propósito, a Austrália exporta a maior parte do urânio consumido pela França. As exportações estão suspensas enquanto os testes continuarem.

Outra discussão levantada pelas explosões em Mururoa e arredores trata do poder das ONGs sobre a imprensa de todo o mundo.

O Greenpeace cria notícias e, principalmente, imagens espetaculares. Os militantes ambientalistas fazem o jogo deles.

Oferecem, de graça, informações, imagens, facilidades técnicas e logísticas, a empresas de comunicação cada vez mais preocupadas em cortar custos. Quando um repórter embarca no Rainbow Warrior e transmite suas matérias dos equipamentos do Greenpeace, está fazendo uma cobertura ou passa a ser parte de uma campanha? O dilema ético não pertence às organizações não-governamentais, é problema da imprensa. As ONGs são fontes de boas pautas. As coberturas das fomes e guerras na Etiópia, Somália e Sudão surgiram depois de pressões das ONGs. Os assessores de imprensa não-governamentais são em geral gente querida e conhecida no meio jornalístico, com credibilidade para plantar os seus dados e números de forma quase inquestionada. Depois da grande pisada na bola, quando acusou a Shell de ameaçar todo o mar do Norte com a desativação de uma plataforma no fundo do mar, o Greenpeace pediu desculpas públicas. Tinha divulgado informações erradas, que toda a mídia tinha reproduzido. O Greenpeace se retratou. A imprensa não...

1995 está, felizmente, chegando ao fim. Ando ocupado na confecção da retrospectiva do ano, sob a direção de Silvia Sayão. Imagens têm um estranho dom: o que é ficção torna-se um documento de época. O que é registro da realidade quase sempre adquire um caráter ficcional. Vejo as cenas do terremoto em Kobe no começo do ano, uma cobertura que me custou um alto preço emocional. Hoje, parece tudo irreal, um sonho mau. Me emociono quando lembro, sem o auxílio de nenhum vídeo a não ser a memória, o que vi e vivi. Mas, ao ver as imagens que produzi naquela semana de janeiro, nenhuma emoção pessoal é despertada. Parece que assisto a um filme, uma história alheia, distante no tempo e no espaço.

dezembro/95

SABE QUEM MORREU?

Qual é a primeira coisa que passa pela cabeça quando se ouve a palavra "notícia"? Se alguém telefona e diz ter notícias, em que se pensa? Quando um grupo de crianças brinca de fazer jornalzinho, qual é a primeira manchete de mentirinha?

Qual é a notícia primordial, aquela que todos param e escutam?

É ela mesmo... A pergunta que cria silêncio e atenção imediatas: "Sabe quem morreu?"

O texto de uma reportagem é um dos poucos lugares onde não há desconforto na hora de acrescentar a palavra "morte" ao discurso. A etiqueta e a burocracia criam "falecimentos" e "óbitos", palavras que não caem bem na informalidade do texto jornalístico. Porém, dentro das redações, a expressão criada para as matérias-ditirambos sobre mortos parece tirada da "Carta pras Icamiabas": necrológio...

Como em velórios, num necrológio é muito difícil encontrar qualquer referência negativa ao morto. Com efeito, o anúncio da morte de alguém não é a melhor ocasião para desfilar seus defeitos, vícios e fraquezas. Coisas que seriam escritas, sem-cerimônia, estivesse o sujeito vivo, ficam de fora na despedida impressa.

Quando Nixon morreu, Watergate foi um parágrafo dos obituários, na maioria das vezes nem o primeiro parágrafo. Mais expostas depois do falecimento estão as vítimas da Aids. Tabagistas e alcoólatras são, em geral, poupados. Esta você nunca leu: "Fulano de Tal morreu ontem, devido a anos de alcoolismo incontrolável, depois de trocar a família, o trabalho e a vida pela garrafa...".

Na forma, todos os necrológios são iguais, mas há diferenças

notáveis. Por exemplo, há o obituário que vai para a gaveta bem antes do freguês. Hoje, não há redação no mundo que não tenha o perfil de Deng Xiao Ping prontinho...

Em outros casos, o necrológio é feito na correria, um esforço de pesquisa, memória e um toque estilístico de discreta solenidade. Em televisão, dependendo da atividade do falecido, os obituários podem ficar para o fim do jornal, momento geralmente reservado a notícias "pra cima". Se morre um Gene Kelly, a imagem da vida dançante é um encerramento "positivo", mesmo sendo um assunto de morte.

Repórteres podem ser advogados de causas perdidas, padres confessores, carrascos, redentores. Têm noites de médicos e dias de coveiros. Alguns diriam abutres. Mas, como dizem os tiras, "alguém tem de fazer o trabalho sujo...".

*

Lembro do cemitério Père Lachaise, em Paris, coberto de folhas mortas, no enterro de Yves Montand. E da bailarina que jogou a sapatilha na cova de Rudolf Nureyev. Lembro da primeira vez que o novo hino da Rússia foi executado, no funeral das três vítimas do Golpe de Agosto de 1991. Ali, uma nação morreu e foi enterrada. Não me esqueço de um domingo, primeiro de maio em que estava de folga e fui fazer a barba assim que vi a imagem de um carro destruído na curva de Tamburelo. Em Bolonha, lembro do sujeito que tentava vender as fotos que fez do rosto machucado e morto de Senna. Uma revista alemã comprou. Lembro do acampamento dantesco dos refugiados curdos nas montanhas do Iraque, onde só se chegava pegando carona nos helicópteros americanos. A permanência tinha de ser breve, alertavam os militares: "Só o tempo de filmar um caso terminal e um enterro", calculavam. "Mas, todo mundo vai voltar com sua história." Dezenas de

crianças morriam por dia.

Como correspondente internacional, meu primeiro enterro me deu a oportunidade de descobrir a simpatia gratuita com que o Brasil é contemplado em quase todo o mundo. A morta era Christina Onassis. O enterro seria na ilha de Skorpios. Barcos levavam os jornalistas credenciados para registrar a cerimônia "familiar". Tínhamos ficado de fora da lista, mas insistíamos era embarcar. Na entrada do barco, uma fila de seguranças nos barrava. Atrás de nós, o povo do vilarejo grego assistia à peleja. Súbito, os pescadores, suas mulheres e crianças começam um murmúrio, que vira coro em instantes. Nos empurrando com delicadeza, espremendo a segurança, eles repetiam: "Brasil, Brasil, Brasil...". Embarcamos...

Surgiu há pouco tempo no Brasil uma nova gíria, uma atualização da expressão "botar pra quebrar" e até mesmo das mais recentes "rodar a baiana" e "chutar o pau da barraca".

Agora é comum ouvir falar que alguém "chutou o balde"...

Pois é justamente essa expressão, literalmente traduzida, que os ingleses usam para comunicar que um paletó foi abotoado: "Kick the bucket", chutar o balde, é passar desta para outra, em inglês.

Além de presença obrigatória na morte pública, o repórter pode ser o próprio mensageiro do "fim de todos os milagres".

Já estava no final das filmagens de um documentário que fiz, com Jotair Assad, sobre o mundo do circo. Topamos com uma lona mambembe à beira de uma estrada em algum lugar entre São Paulo e Mato Grosso.

Lá, encontramos o palhaço Cuchara. Velho e decadente, Cuchara se surpreendeu ao descobrir que conhecíamos seu passado de sucesso. Ele já tinha sido grande, trabalhado com Cantinflas, brilhando nos picadeiros de toda América Latina. No espetáculo daquela noite, Cuchara teve um desempenho inesquecível. Diante do reconhecimento

e da câmera, o palhaço esqueceu o cansaço e recobrou o viço da juventude. Arrasou. Estava velho, mas tinha saúde.

Uma semana depois, Cuchara morreu. Dormindo.

fevereiro/96

ONDE TUDO COMEÇA?

"Não há perguntas indiscretas; apenas respostas indiscretas..." Sempre que me vejo obrigado a fazer uma questão aparentemente tola, procuro recordar esta máxima do jornalismo britânico. Alguns repórteres, no afã de exibirem inteligência ou preparo, elaboram perguntas que já trazem a resposta embutida. Como se quisessem demonstrar ao entrevistado o quanto conhecem o assunto e desprezam o ofício. Trata-se de um sintoma de cinismo mal-expresso. Expostos à matéria fétida que molda as relações humanas, jornalistas encontram no cinismo o refúgio ideal para a sua sensibilidade ou inteligência ou falta de preparo. E como hoje me inclino por uma coluna permeada de citações, lá vai uma de Oscar Wilde: "Um cínico é alguém que conhece o preço de tudo e o valor de nada".

Creio que deveríamos encontrar alguma maneira de banir certas perguntas do universo jornalístico. Por exemplo, o mais comum dos inícios de conversa: "Como você começou a sua carreira?" Confrontado com tal desrespeito e obtusidade, o entrevistado tem todo o direito de encerrar o encontro imediatamente, sem emitir um som. Quanto ao autor da estúpida questão, a Sibéria não seria castigo suficiente.

Outra: o sujeito acaba de perder a casa num incêndio, onde morreram todos os seus parentes. "Como você está se sentindo?", pergunta o "repórter". Um chute na genitália seria uma resposta à altura.

Explico o aparente mau humor de hoje. Como repórter de televisão, algumas vezes me vejo do outro lado da entrevista, do lado das respostas. O desconforto que me assola em tais ocasiões só pode ser comparado à irritação diante de perguntas como as mencionadas acima.

Então, para que nunca mais me perguntem isto, lá vai: comecei a minha "carreira", com o perdão da má palavra, aos nove anos de idade. Ao lado do colega de escola Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, encontrei o poeta Vinícius de Moraes, que não tinha paciência com crianças. A entrevista se prolongou por mais de cinco horas. José Castelo, em sua excelente biografia do "Poetinha", afirma que depois daquele encontro Vinícius passou a ver crianças com mais tolerância. De nossa parte, eu e Cazuza desconfiamos que, assim que tivéssemos idade, não poderíamos deixar de provar aquela bebida cheirosa chamada uísque. E, é claro descobrimos que a vida sem poesia não passa de uma sala de espera da morte.

*

Recomendo, enfaticamente, o livro de poemas *OArquivista,* a mais recente criação do carioca Claufe Rodrigues. Na falta de uma definição melhor, explico Claufe como um "simbolista-pop". Trata-se do melhor poeta de sua geração. Para atiçar vossa curiosidade, seguem uns versinhos do poema

Onde tudo começa:"... Onde tudo começa?/ pergunta a noiva impaciente/ ao esquivo poeta./ No branco ou no preto?/ Em que letra do alfabeto?/ O astronauta procura nas estrelas;/ a musa, na maré triste./ Eu, que amo as manhãs/ sem entendê-las,/ creio que tudo começa/ onde nada existe."

Agora, Claufe anda preocupado na confecção de seu primeiro romance.

*

Por falar em texto bom, recebo em Londres a sempre viva e

divertida visita do gaúcho Eduardo Bueno, o "Peninha". Dotado de um enciclopédico conhecimento da cultura *pop,* "Peninha" vem escrevendo cada vez melhor. Vindo dos Pampas, para ver o que há de novo na capital da música *pop* mundial, Eduardo Bueno voltou com a bombástica revelação: "A maior sensação do momento é uma banda de Liverpool, The Beatles'...".

Os "quatro fabulosos", que inauguram a comunicação de massas, vêm agora trazer novo impulso à indústria. Os Rolling Stones fazem a vida real, nunca acreditaram em nada. Os Beatles ainda são matéria de sonho. Um sonho assassinado, corrompido, vendido e faturado, mas sonho mesmo assim.

*

A Inglaterra, que produziu os Beatles, espera ansiosamente a noite de hoje, quando outro ícone maior da comunicação de massas, Lady Di, vai abrir a boca e o coração na televisão BBC. Toda a excitação gerada pelas confissões da princesa obscureceu a bomba detonada sobre a monarquia, em outro canal. O Channel 4 começou a exibir, na quinta-feira passada, a série Eduardo VIII, o Rei Traidor.

Na versão oficial, Eduardo VIII entrou para a história como o rei que abriu mão do trono em nome do amor por uma plebéia. Conversa para *boy* dormir... O romance proibido serviu apenas de pretexto para afastar um monarca declaradamente fascista. Afastado da sucessão, Eduardo VIII conspirou com os nazistas, na tentativa de retomar o trono, em parceria com Hitler. O documentário exibe a expressão de deleite e admiração nas fotos do nobre inglês ao lado do Führer.

A massa substancial de documentos, que conta a história em detalhes, ainda permanece vedada ao conhecimento público. Vergonha

top secret, ou artifício para preservar os nomes de outros traidores na alta cúpula?

*

Há 50 anos, em Nuremberg, começava nesta data o primeiro grande tribunal de guerra da História.

Agora, pela fragilidade do acordo de paz nos Bálcãs, os criminosos de guerra da Bósnia vêm sendo poupados de uma postura mais incisiva da justiça internacional. O que, guardadas as proporções, repete o principal erro de Versailles. Hoje, o povo sérvio carrega o estigma que seus líderes geraram.

A grande idéia de Nuremberg foi justamente esta: ao julgar e condenar os líderes nazistas, o tribunal absolveu o povo alemão.

Enforca-se o indivíduo, para que a nação sobreviva. E aprenda.

novembro/95

B DE BEATLES E BRASIL

Descobriram a pólvora! A volta dos Beatles, em disco, livro, série de tevê, chaveiro e camiseta é uma grande jogada de *marketing...* Os críticos andam escandalizados: fizeram tudo para ganhar dinheiro!

Vinte e seis anos depois do fim do maior evento cultural do século 20, ainda não entenderam que os Beatles foram, desde o início, justamente isto: um lance genial de *marketing.* Desde a primeira canção, a primeira temporada em Hamburgo, a primeira audição e o primeiro disco, os Beatles tramaram, passo a passo, a tomada de todas as bastilhas da indústria cultural. Inauguraram a cultura de massa, com biscoitos finos em série.

Tive o privilégio de passar a semana imerso nas imagens e sons dos Beatles. Seis horas de documentário exaustivamente negociadas entre os três sobreviventes e a viúva.

Nem a estratégia comercial, nem o imenso talento dos quatro liverpudianos, nada explica o milagre dos Beatles. Aos primeiros acordes de *Love me Do,* crianças de colo dos anos 90 reagem com o mesmo entusiasmo dos adolescentes da década de 60.

Tá certo, eram quatro talentos que se complementavam de forma perfeita. Dois deles figuram entre os maiores compositores de todos os tempos. Lennon era o gênio. McCartney o impulso.

O documentário vai certamente criar uma nova geração de beatlemaníacos. Neste mundo, onde a ponte entre o passado, presente e futuro foi detonada, até os Beatles precisam provar que existiram. Quando Ringo Starr participava como ator de um programa infantil da televisão americana, uma jovem repórter cometeu a pergunta:

— Ringo, o que você já tinha feito antes deste trabalho?

Dá para acreditar? Pois é, aconteceu...

*

No documentário, a que os brasileiros assistirão na semana que vem, a história dos Beatles aparece em plano geral, o que muitas vezes torna visível o "óbvio de Colombo". Por exemplo, sempre se disse que as primeiras letras dos Beatles não passavam de bobices românticas. O tempo trouxe a distância necessária para que se aprecie a malícia e a impecável construção dos clássicos primordiais dos Beatles.

Em *Please, Please Me,* John avança no duplo sentido da palavra "please", que Roy Orbison tinha apenas sugerido antes. As palavras da canção causam um efeito quase erótico. Os desmaios das moçoilas, às vésperas do advento da pílula, não aconteciam gratuitamente.

Mais tarde, em *Revolution,* John usa, inconscientemente, um artifício da língua egípcia primitiva. Quando ele canta "out!", para em seguida, sussurrar "in...", recupera uma prática comum à origem de todas as línguas.

No ensaio *A Significação Antitética das Palavras Primitivas,* Sigmund Freud analisa um trabalho do filólogo Karl Abel, publicado em 1884. Abel mostra como na língua egípcia, bem antes da representação gráfica dos hieróglifos, as palavras tinham duas significações, uma oposta à outra. A palavra "forte" significava, ao mesmo tempo, "forte" e "fraco". Em outros casos, dois conceitos opostos apareciam sempre unidos em uma só palavra: "fortefraco", "belofeio", "grandepequeno". Freud explicou:

"O homem não foi... capaz de adquirir seus conceitos mais antigos e mais simples a não ser como os contrários dos contrários, e só gradativamente aprendeu a superar os dois lados de uma antítese e a

pensar em um deles sem a comparação consciente com os outros."

*

Neste Brasil que pretende aliar o século 16 ao 21, o tal significado antitético aparece em cada esquina. Aqui todo mundo parece "alegretriste", "fortefraco", "justoinjusto".

No filme *Terra Estrangeira,* Walter Salles e Daniela Thomas são corajosamente triste-tristes...

A seqüência em que Zélia Cardoso de Mello mata uma imigrante espanhola é um dos momentos mais pungentes que o cinema brasileiro já produziu. Ainda é cedo para avaliar todas as conseqüências do confisco Collor-Zélia. Mas, em todo o mundo, encontro as vítimas daquela extorsão nacional.

Quando estive nas Malvinas, descobri que a capital das ilhas, Porto Stanley, também tem a sua favela. Nos *trailers* miseráveis da colônia britânica, conheci "Maria", uma prostituta pernambucana recuperada pelo amor do escocês "John". O casal teve duas filhas e construía sua vidinha em Recife, engordando a poupança com a renda das aulas de inglês de John. O confisco de Collor os levou ao desespero e à fuga para os ventos gelados das Ilhas Malvinas.

Maria enlouqueceu. Tinha então 21 anos. Não conseguia mais falar português e tampouco falava inglês. Tentava se comunicar com o mundo por meio de uma língua sem sentido, em que só o tom suplicante da voz transmitia um pedido de socorro.

Ainda hoje, a imagem daquela louca é para mim o retrato de tantos brasileiros que, estejam no exílio ou em solo pátrio, vivem presos em terra estrangeira.

dezembro/95

UM RIO PASSA NO MEIO

Por entre uma história sempre correm correntes de amor, e também filetes de ódio, ou mais precisamente, todas as histórias têm um rio que passa no meio. E todo rio nasce de gotas mansas, para daí traçar seu caminho de fúria. O rio é um vulcão de água.

Dos vulcões, o mais bonito são os rios de lava que descem a montanha, num fluxo irresistível, desenhando letras de alfabetos extintos, escrevendo mensagens que os homens não sabem decifrar. Mesmo assim, nós analfabetos nos aproximamos movidos pelo medo e pela sede de beleza que só uma catarata de fogo pode saciar.

Subi a pé seis horas de encosta escorregadia e fria para chegar o mais perto possível da cratera do Etna. As eventuais erupções do maior vulcão da Europa fazem um prato cheio para a fábrica de notícias e não-notícias do telejornalismo. Pois, lá estava eu, na grata missão de reportar aquela tossida magmática do Etna. Aliás, da Etna, pois o povo da Sicília, filho e vítima da lava, chama o vulcão de "ela". E nada mais correto, me explica o camponês, pois como a mulher, a Etna prepara em longas gestações um parto espetacular de fogo, estrondo e morte.

A cidadezinha de Zafferana, ao pé de Etna, vive da fama de lugar marcado para desaparecer e apareceu por causa da lava, que torna férteis aqueles campos. Etna traz a morte vestida de vermelho e semeia a vida depois da brasa dormida.

Não esqueço: a cem metros de distância, quase não dá para agüentar o calor que a cratera exala. De um poço de petróleo em chamas, no deserto do Kuwait, consegui chegar a distância de 50 metros...

Não esqueço: a hipnose da lava, como cobra sem cabeça

preparando o bote à Zafferana.

Não esqueço: a foto do momento primeiro da erupção quando o céu todo fica cor-de-rosa, como o barro do sertão. "La vie en rose..."

Não queria falar de vulcão, queria falar de rios.

O palácio do califa tinha 365 quartos..Não que ele tivesse igual número de mulheres em seu harém, mas gostava de variar e dormir cada noite em uma cama diferente.

A mesquita tinha cerca de 100 colunas, arranjadas simetricamente de maneira que de qualquer ponto do imenso salão se pudesse avistar o Iman no comando das preces. Mas, como tal precisão de cálculos num prédio erguido há bem mais de mil anos? Ah, estamos na Corásmia, hoje no território do Usbequistão, onde viveu um sábio que era conhecido como "O Corasmo", 'Al Corasm". A maior invenção deste homem ganhou o seu nome: "Al Corasm"= Algarismo.

A cidade se chama Khiva e é uma das mais antigas do mundo, no coração da Ásia Central, onde as potências do século passado travaram as guerras, comerciais e convencionais, que ficaram conhecidas como "O Grande Jogo".

Khiva já foi destruída completamente por ondas de invasores que o mar da História levou, mas sempre foi reerguida. E por que esta cidade é como a fênix? Porque por ali, rasgando o deserto, por ali passa um rio, o Amu Darya.

Hoje, o Amu Darya, que viu tanto tirano e guerra, e sempre remediou a fome que estes plantavam, é também uma vítima do stalinismo. O rio foi desviado em projetos de irrigação ensandecidos que em vez de fertilidade só precipitaram uma das maiores catástrofes ecológicas de todos os tempos. Com o curso alterado, o Amu Darya não chega mais ao mar Arai, que hoje está reduzido à metade do tamanho e continua minguando. Por causa da evaporação do Arai, toda a terra da região está salinizada; por causa do bombardeio insensato de

defensivos agrícolas, a água do Amu Darya é um veneno.

*

Rios, que beleza! Às margens deles, cidades e crianças cresceram felizes. Há lugares que vivem mais debruçados sobre eles, como Paris sobre o Sena. Mas, mesmo em Londres, onde o Tâmisa é só um lugar que as pontes cruzam, a eterna corrente de água ainda é o lugar de onde tudo pode chegar e de onde se pode partir para qualquer lugar. O rio Moscou parece que existe para levar o nome da cidade até o mar. E a cidade onde escrevo tem o nome de um rio que não existe, o De Janeiro.

Não existe aqui, porque lá no sertão das Gerais o De Janeiro se encontra com o São Francisco, perto de Três Marias. No rio De Janeiro, tem o vau dos ciganos. Vau é a parte mais estreita de um rio, onde a balsa cruza levando uma margem até a outra. E aquele vau chama "dos ciganos" pois ali um grupo deles foi massacrado, com requintes de crueldade, por uma fazendeira doida.

*

Agora, que brasileiros de boa vontade procuram encontrar a nossa cara, nossos dentes e nossa língua, o Velho Chico tem muito a ensinar. Mais do que o belo e caudaloso Amazonas, é o São Francisco que desenha o esqueleto de nossa identidade. Já quase na foz, em Penedo, persistem lembranças da viagem que o imperador nunca fez. Rio acima, está Piranhas, para onde as cabeças de Lampião e seu bando foram levadas. Um pouco mais adiante, depois do *canyon* de Xingo, vem Paulo Afonso, a cachoeira que Castro Alves descreveu e cantou sem nunca ter conhecido: "A cachoeira, Paulo Afonso, o

abismo!". E assim, Juazeiro e Petrolina, a música de João Gilberto e as frutas mais doces do Brasil. De Bom Jesus, de falsos milagres e milagres; da cachaça de Januária; da feiúra de Três Marias e do baile dos peixes em Pirapora; o Velho Chico sangra o mapa, correndo de sul à norte, virando o país de cabeça para baixo, para que de nossos bolsos caiam os pedaços de papel onde nomes esquecidos vão se desbotando.

*

Toda história é um rio que sonha com o mar.

setembro/96

WHAT DO YOU DO IN THIS COUNTRY?

Boa pergunta!

"O que você faz neste país?", repete a Imigração britânica a cada recém-chegado. Não importa se meu passaporte contém todas as informações desejadas pelo funcionário da peneira real. Também não interessa se o computador diante dele tem respostas para todas as eventuais questões. Basta dedilhar meia dúzia de teclas e *voilà!:* nome, endereço, licença do carro, profissão, número de filhos, amigos, inimigos, time que torce, preferências sexuais... Aliás, não é só no controle de passaportes do aeroporto que toda a minha vida pode ser descrita em segundos. Todos os policiais que patrulham a pé as mas de Londres andam com um pequeno transmissor preso à lapela. Um discreto murmúrio na direção do minúsculo microfone é o suficiente para que, em alguns segundos, toda a nossa biografia seja abreviada em um relatório preciso e atualizado. Em alguns casos, este mesmo sussurro à lapela pode atrair uma sinfonia de sirenes e criar um cerco policial cinematográfico em menos de cinco minutos. A polícia de Londres ainda não usa armas de fogo. Só precisa daquele minirrádio ligado diretamente ao cérebro do "Big Brother"...

Muitos brasileiros, que padecem do mal nacional de crer que os gringos são os bobos e nós os espertos, zombam do interrogatório na Imigração do aeroporto de Heathrow.

Certa feita, fui chamado para traduzir as perguntas a um jovem brasileiro. Sem desconfiar que já estava em apuros, o rapaz respondeu ironicamente às questões colocadas pelo supertreinado funcionário da rainha.

— O que você veio fazer neste país?

— Ver a troca da guarda..., respondeu o brasuca com um risinho debochado.

Não fiquei para ver o fim da história, mas tudo se encaminhava para um retorno imediato no próximo vôo da Varig... O Reino Unido não exige visto de turistas brasileiros, mas se reserva o direito, freqüentemente exercido, de mandar de volta qualquer visitante.

Na Imigração, os funcionários públicos de Sua Majestade exercitam uma vocação inglesa: a arte do interrogatório. Este dom dos nativos da ilha não só produziu gerações de bons jornalistas como também deve ter algo a ver com a tradição de excelentes atores do teatro inglês. Pois, tantos séculos de interrogatórios geram não apenas perguntadores ultracompetentes como também, do outro lado da mesa, mestres na arte da dissimulação.

Nós, brasileiros, que cultivamos a cultura da espontaneidade, muitas vezes da falsa espontaneidade, somos presas fáceis das técnicas britânicas. Os entrevistadores não se alteram, apenas alternam perguntas sobre temas paralelos, até conseguir levar o interlocutor a cair em contradição. Uma vez alcançado este objeto, o jogo está decidido.

*

Não adianta insistir, é melhor se conformar com nossas diferenças irremediáveis e procurar uma convivência cordial.

Os códigos britânicos e brasileiros são diametralmente opostos. O que nós valorizamos, eles desprezam, e vice-versa. A essência da alma britânica cultua o *stiff upper lip,* em tradução literal, o "lábio superior rígido". Está provado que só é possível falar inglês com sotaque britânico se o lábio superior não se mover. Mas não é isso que a expressão quer dizer. O *stiff upper lip é* a atitude ideal buscada pelos ingleses, diante de qualquer conturbação. Não tremer, não se alterar,

não perder o controle, não se emocionar.

Parte desta conduta tem suas virtudes. Quando alguma crise explode, a primeira providência de um inglês é afirmar: "Lefs make a cup of tea?" Vamos fazer um chá? É uma sábia decisão. O ato de pôr a água para ferver, preparar as xícaras, os pires, os saquinhos de chá, prove o tempo necessário para esfriar a cabeça, refletir e tomar uma decisão.

Para nós, latino-africanos, o bonito é demonstrar, exibir, quase esfregar nossas emoções na sensibilidade alheia. Para estes anglo-saxões, o objetivo é jamais revelar as emoções. Chorar? Só na tragédia extrema e, mesmo assim, discretamente, silenciosamente. Aqui, a dor não dança mambo.

Lembro de um artigo em um jornal inglês que comparava as lágrimas de Maradora e o pranto do misto de craque e *hooligan* inglês Paul Gascoigne "Gazza". Em resumo, o jornalista afirmava que as lágrimas de Gazza eram legítima expressão de indignação e humildade, enquanto Maradona apenas exibia sua choradeira, bem ao estilo teatral sul-americano. Racismo? Não, ignorância mesmo. Acho difícil encontrar gente mais etnocêntrica do que os jornalistas ingleses...

*

Cláudio Abramo: *"O pub é a* segunda instituição britânica. A primeira? A hipocrisia".

Além de prestar atenção antes de atravessar a rua, pois os carros vêm na direção oposta a que estamos habituados, o estrangeiro tem de se habituar a outras manias britânicas.

Não que todos aqui bebam para esquecer, mas sempre se paga antes de beber. Aliás, na hora de pagar alguma coisa, não se espante. Um gesto que, para nós, parece uma grosseria é praxe. Enquanto cavuca a carteira em busca das cédulas e moedas certas, o vendedor sempre mantém a mão estendida em forma de concha, como quem pede uma esmola. Veteranos comerciantes, os locais sabem que a base de toda negociação é a desconfiança.

Que mais? Bom, no hemisfério norte, a água na banheira escorre pelo ralo numa espiral anti-horária. No sul, é no sentido horário. A lua, também, cresce diferente em cada hemisfério. No.sul, a crescente tem forma de C; no norte, é um D.

A água vai sempre escorrer e a lua crescer e minguar. Mas os países europeus estão mudando, lentamente. Procuram vencer o desafio de criar uma sociedade multicultural, depois de séculos de nacionalismo e racismo.

Desde sempre, o nome mais popular na Inglaterra era "John".

Agora, as estatísticas mais recentes mostraram uma nova preferência nacional, na hora de registrar *os* bebês. O nome mais escolhido para os recém-nascidos na Inglaterra de John Lennon e John Major é "Mohamed".

Salamaleikum!

fevereiro/96

A FLOR E A BOLA

Os ingleses expatriados não levam a lembrança de casa no coração. Antes, carregam um radinho de ondas curtas no bolso.

Seja em que deserto, selva, guerra ou revolução, podem ligar o aparelho e ouvir o famoso prefixo do serviço mundial da BBC: "...this is London...". Além do chá, das cuecas do Marks and Spencer e de uma tendência ao autodeboche, este foi outro hábito que adquiri na Inglaterra — ouvir os boletins jornalísticos e programas de variedades transmitidos desde a Bush House, no centro de Londres.

Um amigo inglês, documentarista radicado em Nova York, confessou-me uma vez que nos momentos em que tudo parece caótico, fora de controle, perdido, ele liga o rádio. Não procura notícias ou música. Para ele, o equilíbrio perdido pode ser recuperado se encontrar a narração de uma partida de cricket. Só então, ao ouvir o barulho do taco acertando a bola, os gritos contidos dos jogadores, a voz firme dos juizes e a locução sussurrada dos narradores, ele se apazigua: "...em algum lugar do mundo, as coisas permanecem iguais, previsíveis", suspira meu amigo. O consolo do tédio, o conforto da monotonia, a segurança da ausência de surpresas — isto é civilização.

*

Após oito anos de residência londrina, experimento agora as emoções de uma das cidades mais imprevisíveis do mundo, o Rio de Janeiro.

Por isso, uma rápida estada londrina esta semana teve efeitos terapêuticos no meu corpo tenso — uma sonolência benigna, uma

saudade serena, uma bestice esperta...

O dono do *pub na* esquina me cumprimenta com a mesma conhecida indiferença. Me traz a certeza de que posso ficar oito anos sem vir a Londres e mesmo assim serei saudado no balcão como se ali tivesse estado há meros dez minutos.

Outdoors azuis fazem a campanha não anunciada dos conservadores. O partido de John Major prepara o terreno para as eleições do ano que vem. Isto, se não forem convocadas antes.

Há dois meses, quando deixei a Inglaterra, Major tinha de atender às pressões dos "euro-céticos", os parlamentares que desconfiam da União Européia. Agora, graças à crise da.Vaca Maluca, os céticos se transformam em "euro-histéricos".

O último capítulo da novela teve como estopim a decisão européia de proibir a exportação de sêmen bovino britânico para o continente. Os ingleses afirmam que os holandeses querem apenas se aproveitar para exportar o sêmen deles. Por conta do boicote espermático, os diplomatas britânicos foram instruídos a inviabilizar os procedimentos em Bruxelas. John Major chegou perto da política da "cadeira vazia", que De Gaulle usou, boicotando as reuniões do então "mercado comum".

A euro-histeria é um prato cheio para a imprensa popular, quase toda tradicionalmente antieuropéia. O nacionalismo vende jornais.

Não resisto a uma comparação. Na velha e velha Europa, xenofobia tem apelo popular e a exaltação patriótica agrada aos leitores. No Brasil, tal linguagem só pode ser encontrada em eventuais cadernos esportivos. Nas páginas do primeiro caderno, o apelo parece ser inverso: a esquisita alma brasileira parece se dedicar ao autodesprezo. Falar mal do Brasil, eis o mais popular passatempo brasileiro.

*

Voltando à imprensa londrina, é um alívio jogar no lixo as manchetes belicosas dos tablóides e se debruçar sobre o *The Independent,* meu jornal favorito. Ainda que sujeito a periódicas crises de identidade, o *Independent* continua a ser uma alegria. No dia em que desembarquei em Londres, o destaque na primeira página do jornal era, pasmem, uma notícia boa! Deve ser o único jornal do inundo que dá notícia boa em manchete.

Era uma matéria sobre a exposição do momento em Londres. Esqueçam toda a excitação que cercou a mostra de Cezanne. O delírio do ano é *Degas, Além do Impressionismo,* na National Gallery. A exposição reúne obras dos últimos vinte anos de Degas, em que o artista supera o impressionismo e se afirma como um dos fundadores do moderno, ao lado de Cezanne.

*

Ah, Londres... Depois do intenso prazer gerado pela policromia de Degas, uma passada rápida na exposição sobre a vida e as viagens de David Livingstone, este ícone britânico. O mito Livingstone, um produto da era vitoriana, já continha os elementos dos heróis da decadência do império. Os ingleses já cultuavam os perdedores, antes mesmo de perder tudo. Livingstone foi um fracasso como missionário e um pesquisador incompetente, movido mais a obsessão e vaidade do que a rigor científico e curiosidade. Mesmo assim, virou mito.

*

Nas livrarias, o darwinismo ainda é *best-seller.* Richard Dakins, o mais popular e brilhante seguidor de Darwin, acaba de lançar *River Out*

of Éden. O rio do Éden, mencionado no título, é o rio dos genes, do DNA, que corre implacável e impassível através dos séculos. Fragmento na contracapa: "...o universo que observamos não tem propósito, bem ou mal; nada além de uma indiferença cega e caiei".

Cientificamente correta, esta visão da natureza já foi transplantada por políticos para a sociedade — o thatcherismo compartilha com o nazismo desta aplicação das idéias darwinistas, amorais, ã sociedade dos homens, fundada sobre valores morais.

Barra pesada. Não é à toa que os russos ameaçam votar nos comunistas. Depois de cobaias da experiência soviética, foram submetidos a políticas thatcheristas. Haja cossaco...

*****

Preciso correr para o aeroporto, pegar um avião para o fantástico Brasil, mas como comecei a coluna falando em cricket, volto ao esporte para terminar simetricamente este papo.

Um campo de cricket de Londres se deparou com um problema enorme, do tamanho de uma flor. Uma orquídea rara nasceu no meio do gramado. Muito delicada, a planta não pôde ser removida para outro local. A solução foi construir uma armação de plástico' que proteja a flor da bola. Até mesmo as regras tiveram de ser adaptadas ao novo obstáculo. No país do previsível, a orquídea rebelde é uma selvagem surpresa.

E no Brasil? Qual é a bola da vez? E a flor?

junho/96

PARECE, PORTANTO É...

Os americanos constroem *theme parks* e Las Vegas. Os ingleses vão jantar fora. Neste mundo globalizado, quando se enjoa da própria cultura, basta adotar uma versão plastificada de outra. É o que alguns chamam de pós-modernismo, este meio ambiente apátrida e onipresente, feito de aparências, espesso como uma lâmina, profundo como uma poça d'água. Para que vôos longos e caros? Que Las Vegas seja aqui, ali, em qualquer lugar: pirâmides, palácios, barcos; tudo atolado no meio do deserto. Todo lugar é lugar nenhum.

Os ingleses já fazem isso há tempos... Quando se cansam da camisa-de-força sem graça de suas convenções e contenções, vão ao restaurante. Em matéria de volta ao mundo culinário Londres oferece mais do que Paris. O tema já deu até tese de mestrado. Com a nostalgia do que nunca tiveram, os ingleses abandonam a sua cozinha e mesa sem brilho, e viram italianos por uma tarde. Além da comida, eles buscam a longa reunião em torno da mesa, hábito estranho ao dia-a-dia desta ilha. E por aí vai, entre noitadas gregas, tardes hindus, temperos jamaicanos e tantas aventuras exóticas ali na esquina...

Aos restaurantes ingleses, só vão americanos e outros estrangeiros. Pois eles já estão no seu *theme park,* Londres...

*****

A neve abundante deste inverno rigoroso ajuda a emoldurar as fantasias dos visitantes. Aliás, parece que as temperaturas baixas vieram para ficar. A culpa é da corrente do Golfo, no Atlântico Norte, que está mais fraca e mais fria. Mas este inverno não será lembrado pelo

frio. Este é o inverno do fim do cessar-fogo.

Não se anda duas estações do metrô sem ouvir o anúncio amplificado: "Devido a um alerta de segurança, o trem não vai parar na estação de...". O que o discurso oficial chama de *security alert,* o povo chama nas ruas de *bomb scare,* susto de bomba...

Várias vezes durante o dia, ruas inteiras do centro da cidade são fechadas. O trânsito, sempre lento, fica louco.

O IRA voltou com tudo. Entre as crianças, é o assunto do momento. Dezessete meses de trégua foram suficientes para formar uma novíssima geração de guris que conheceu uma vida sem a ameaça de bombas em toda a parte.

Dezessete meses de paz foram jogados no lixo. Com uma maioria no Parlamento reduzida a dois votos, o primeiro-ministro John Major teve medo de perder o apoio dos deputados "unionistas" (isto é, favoráveis à permanência da Irlanda do Norte no Reino Unido) e empacou as negociações de paz. S; > que, assim como Major faz uma caricatura de estadismo, de olho nos votos domésticos, Bill Clinton também entrou nessa para faturar o eleitorado irlandês dos Estados Unidos. As poucas chances de reavivar o processo de paz, em curto prazo, dependem do desempenho do senador George Mitchel, que pretende atuar como mensageiro entre todas as partes do conflito.

*

Um impasse bem menor e menos sério está ficando cada vez mais divertido. É a história do desvio de Newbury. Para melhorar o trânsito nesta região do oeste da Inglaterra, o governo planejou um contorno que desviasse o trânsito que agora flui através da cidade. Não contava com a resistência de ativistas, determinados a preservar a natureza local. Os opositores do projeto argumentam que o lugar é de

beleza excepcional, e de interesse científico. Entre as espécies ameaçadas, o símbolo do movimento é um tipo raro de lesma.

Há várias semanas, o quadro não se altera: de um lado, as máquinas paradas dos construtores; do outro, centenas de militantes, que construíram casas de madeira nas árvores. Não há neve, gelo, intimidação que os remova. O *lobby* pela placidez do campo inglês é poderoso. Graças a ele, o trem-bala que liga Londres a Paris tem de se arrastar a 50 km por hora em território britânico, até chegar às vias francesas, onde finalmente corre a mais de 200 km por hora.

Os manifestantes são os mesmos que, no ano passado, impediram o transporte, segundo eles cruel, de carneiros para o continente. A campanha acabou obrigando a União Européia a regular as viagens de animais vivos em seu território. E aí, os "eurocratas" nos brindaram com mais uma pérola. Determinaram paradas obrigatórias para descanso da carga viva. Só que a mesma lei que se aplica a carneiros e porcos também deve ser cumprida pelos que levam mariscos e ostras. Portanto, o motorista que dirige um caminhão carregado de mexilhões é obrigado a parar por meia hora a cada 50 km, pra que os mariscos possam relaxar...

É por essas e por outras que o nome "Euro" virou sinônimo de fracasso comercial. Até a Eurodisney foi rebatizada como "Disneylândia de Paris".

Enquanto o mar de Gales enegrecia, com o vazamento de 70 mil toneladas de óleo do petroleiro *Sea Empress,* a Ford da Inglaterra enrubescia por causa de uma fotografia retocada. A campanha da Ford daqui leva o *slogan* "tudo o que fazemos é guiado por você". Fotos de trabalhadores da Ford ilustram a campanha. Não é que os operários negros, hindus e paquistaneses se assustaram quando viram o anúncio publicado? Lá estavam seus corpos: tronco, membros, mas necas de cabeça... As cabeças escuras tinham sido substituídas por caras

branquinhas... Se a propaganda é a arma do negócio, este foi um belo tiro pela culatra. Pois os britânicos podem até ser racistas, mas disfarçam muito bem e odeiam ser flagrados no ato da discriminação...

Afinal, você é o que parece ser.

fevereiro/96

IMAGEM É TUDO

Se tivesse nascido alguns séculos mais cedo, Catherine Montalambert viveria num castelo, entre as dezenas de criados e dúzias de pretendentes. Poderia encontrar até um amor sincero, pois prescinde do título de condessa para seduzir os homens. Além de aristocrata, ela seria bonita mesmo se não fosse bem tratada, ao contrário de tantas mulheres francesas. Loura, inteligente, nobre e quase pobre...

Vive num cubículo, bem localizado, no último andar de um prédio parisiense, o andar tradicionalmente reservado para a vassalagem. Além de pequeno, o apartamento tem aquele charmoso teto que decai, reduzindo ainda mais o parco espaço disponível.

Foi Catherine quem me deu a pista para entender a França, ao proferir a frase "A França é uma imagem".

É certo que a França ainda produz riqueza, tem seus vinhos, queijos, perfumes e grifes. Mas a maior fonte de renda do país é mesmo a sua própria imagem.

Mas não era isso que eu queria dizer. Ou melhor, a digressão era apenas um pretexto para chegar à Cote d'Azur. Pois cá chegando, no lado europeu do falsamente tranqüilo Mediterrâneo, fica claro o poder da imagem que a França projeta ao mundo. Escrevo numa praia que começa em Palm Beach e termina em Hollywood. Estou na Miami da Europa, uma cidadezinha que não tem nada de mais além da própria imagem, Cannes.

Em Cannes, os franceses sexualizam a sua relação de amor e ódio, desejo e repulsa com os Estados Unidos. Ninguém odeia mais, ou consome mais, o cinema americano do que a França. O mesmo país

que proíbe, por lei, o uso de palavras inglesas em anúncios, cartazes, fachadas e outros textos públicos.

E a França não gosta do cinema alternativo americano, quer sim o *mainstream,* o cinemão, Hollywood na veia. Lembro-me do Festival de Cannes de 1988, quando os franceses esnobaram *Faça a Coisa Certa,* provavelmente a melhor coisa que Spike Lee já criou.

*

Só que, desta vez, o festival que agita Cannes não tem um metro de película. O Palácio dos Festivais está ocupado pela parafernália informática. São mais de 10 mil pessoas, de 47 países, fazendo o "Mercado Internacional de Novas Mídias". Ninguém sabe direito o que é este mercado, ou qual é o seu produto quente.

Por enquanto, o CD-ROM domina, mas poucos acreditam numa vida longa para o apêndice do PC. Se o próprio PC pode virar peça de museu em questão de anos... Na conferência que abriu o festival, Nicholas Negroponte apontou o caminho mais provável. O papa da Internet exaltou mais uma vez as virtudes da Web, mas avisou:

— A Internet pode ser um mundo sem fronteiras, sem poder central, sem hierarquia, mas não pode se manter por muito tempo como um mundo sem lucro. Chegou a hora de fazer dinheiro na Internet. A Internet sem um meio de trocar pagamentos não é muito...

Se a Web continuar dobrando de tamanho a cada 50 dias, como vem acontecendo, a renda das assinaturas pode chegar a um bilhão de dólares já este ano. Isso seria café pequeno comparado aos montantes que o comércio virtual movimentaria. Negromonte está certo de que o dinheiro eletrônico vai decolar em 1996.

*

Por enquanto, os grandes negócios nas centenas de estandes do festival envolvem mesmo os CD-ROMs. Mas, ninguém tem dúvida de que logo a Internet vai ganhar 'os instrumentos necessários para apressar o envio de informação e imagens, tornando o CD-ROM obsoleto. Num Comunicador Pessoal, quatro vezes mais barato do que um computador, o sujeito poderá acessar todos os CD-ROMs do mundo, sem comprar nenhum.

Só que qualquer previsão sobre as conseqüências da revolução informática não passa de especulação.

Uma tendência parece firme: a mina de ouro do futuro informatizado será a educação. Grande ausente do Mercado de Multimídia de Cannes, a Realidade Virtual vai, acoplada à Internet do futuro, transfigurar a sala de aula.

Uma companhia japonesa já está investindo US$ 1 bilhão por ano na pesquisa de algo chamado de Tele-Híper-Vírtualidade. O objetivo é chegar à Tele-presença, mais ou menos o seguinte: graças às redes mundiais de informática, um sujeito no Japão poderia não só conversar com um brasileiro, em tempo real e tradução simultânea, como também ver e tocar o interlocutor, graças a sensores e etc. e tal.

Você me pergunta:

— Mas cadê o retorno para anos de investimento de bilhões de dólares?

Eu pergunto ainda:

— Entretenimento? Sexo virtualmente seguro?

Não, não, não... O retorno viria da exploração dos sistemas educacionais. Um só professor, o melhor do país, ou do mundo, na matéria, poderia dar aulas para milhões de alunos ao mesmo tempo...

Será delírio? Ou será que tudo, ou nada, é delírio neste mundo virtual?

Por enquanto, há um mercado, de tamanho desconhecido, onde ninguém sabe quem está certo, quem é o novo e quem já envelheceu. Um mercado sem lei, onde nem sequer se sabe quem vende e quem compra o quê. Todos muito ocupados em criar fama, de olho na fortuna futura.

fevereiro/96

SUPERMERCADO DE ILUSÕES. VAMOS ÀS COMPRAS?

Vivemos no império do cinismo, os cidadãos não se consideram representados na política institucional, as ideologias totalitárias parecem mortas. Aqui na Inglaterra, jovem que ainda tem paixão viaja para o Terceiro Mundo e dedica suas energias a projetos comunitários distantes. Se fica pela ilha britânica, é bem capaz de se engajar no movimento mais radical entre as incontáveis ONGs da política ambiental: a Frente de Liberação dos Animais. Depois do fim do magneto marxista, poucas causas disputam a disponibilidade ideológica da rapaziada.

Mas quem quer exercer algum tipo de atuação política no dia a dia, pode ir ao supermercado. Antes de começar a encher o carrinho, é melhor esvaziar o porta-malas do carro, atulhado de latas, garrafas, caixas de papelão. O centro de reciclagem fica na entrada do estacionamento. Lá, donas e donos de casa exercitam uma forma nobre de cidadania. Reciclagem de lixo não é só conversa de ecólogo. Para os países europeus é uma necessidade dramática, pois simplesmente não há mais lugar para depositar o maior produto da civilização ocidental, o lixo. Só que a coleta de detritos londrina ainda funciona de forma ultrapassada. O sucesso da idéia de reciclagem depende fundamentalmente da boa vontade dos cidadãos. Não adianta separar o lixo em casa, pois os caminhões não discriminam garrafas e latas. A reciclagem não vem a nós; ao contrário, temos que consciente e pacientemente carregar nossos detritos nas costas, rumo ao depósito de lixo mais próximo ou ao centrinho de *containers,* na entrada do supermercado.

Cumprida a missão de reciclar, vamos consumir? Qual é o

boicote do dia? Logo depois do primeiro teste nuclear de Chirac no Pacífico do Sul, alguns piquetes surgiram em frente a supermercados, nos conclamando a evitar queijos, vinhos e outras iguarias francesas. Nenhuma grande ONG assumiu a campanha e o boicote não decolou. Alguns consumidores, porém, continuam preferindo vinho espumante da Nova Zelândia. É uma esnobada chique e principalmente bem mais barata...

O brasileiro entra na seção de frutas e procura um artigo raro por aqui, os limões pequenos e verdinhos do Brasil. Quando encontra, compra com o orgulho e a satisfação de quem está apoiando nossos limões e limoeiros. E nossa variedade é mesmo mais saborosa do que os *lemons* daqui, amarelos e grandes... Mamão papaya! Bom, aí o patriotismo do consumidor vacila, pois os mamões jamaicanos chegam em estado bem mais atraente... Café! Ah, é melhor comprar dois pacotes: um brasileiro e outro para contribuir na "diminuição das desigualdades e injustiças sociais do mundo", como informa o rótulo do "Cafe-Direct". O texto na embalagem do café garante que todos os intermediários foram escanteados do caminho entre a plantação e o supermercado. Cooperativas mexicanas, costa-riquenhas e peruanas participam do projeto. K o café é delicioso...

Na hora de comprar detergente ou sabão em pó, um dilema ideológico. Todas as marcas se anunciam ecológicas, biológicas, biodegradáveis e amigas do meio ambiente. Só que, pelo jeito, é tudo espuma mesmo e todos os rótulos mentem. Pois, se o consumidor já descobriu que pode praticar suas preferências ideológicas na hora do *shopping,* é claro que os fabricantes também já sabem disso. Só que é perigoso mentir nos rótulos. Basta o consumidor se munir de advogado e obstinação e entrar com um processo com base no "Tracle Descriptions Act", a lei que regula as atividades comerciais por aqui. Se fica provado que o produto não realiza as maravilhas apregoadas no anúncio, o

fabricante perde a licença, credibilidade e dinheiro.

*

E se os mercadores de sonhos fossem submetidos ao "Tracle Descriptions Act"? Pois foi justamente isto que pediu, em longo artigo no *The Independem on Sunday,* o mais célebre neodarwinista britânico, Richard Dawkins. O autor do livro *The Selfisb Gene* (O Gene Egoísta), deslanchou um ataque violento contra os astrólogos. Depois de demonstrar que todo o pretenso sistema científico da Astrologia não passa de crendice pré-copernicana, Dawkins desancou os grandes jornais ingleses que, de uns tempos para cá, romperam um velho tabu e passaram a publicar colunas zodiacais.

Richard Dawkins, catedrático de "Compreensão Pública da Ciência" em Oxford, parece pessoalmente ofendido. Ele afirma que a Astrologia não é apenas um achincalhe da Astronomia, como também um desrespeito à complexidade da psicologia humana. A beleza da ciência estaria sendo sacrificada em nome da irracionalidade astrológica. Para que se iludir, acreditando que nosso destino está escrito nas estrelas, quando é muito mais belo contemplar uma noite estrelada? É uma grande besteira querer enxergar o futuro no firmamento, pois o que se oferece lá em cima é a mais deslumbrante paisagem do passado. "Quando olhamos para a galáxia de Andrômeda, vemos uma paisagem de dois milhões trezentos mil anos atrás. Vire a cabeça um pouquinho em direção a Mirach, a estrela mais luminosa próxima a Andrômeda, e aprecie um passado mais recente, da época do *crack de* Wall Street. Quando vemos o sol, apreciamos um passado nada remoto, oito minutos atrás..."

Dawkins pede a prisão de astrólogos, e conclui com uma afirmação nada científica: "A astrologia é uma afronta estética".

Toda esta fúria purista não inibe os jornais, que continuam cumprindo a sua maior obrigação: procurar saber o que quer o leitor e atendê-lo. Portanto, dos nanicos e sensacionalistas aos monumentos da imprensa inglesa, ninguém deixou de abrir espaço para as habituais previsões para 1996.

Engraçado é conferir o que estava previsto nas estrelas e o que de fato se cumpriu em 1995- Não, o Anticristo não apareceu no Oriente Médio, nem a Virgem Maria, como tinham anunciado astrólogos libaneses. A vacina da Aids não foi produzida, a princesa Diana não foi feliz e não caiu por um bonitão francês, não aconteceu um novo Chernobyl na ex-União Soviética...

A única profecia que vingou foi de autoria de astrólogos franceses. Yasser Arafat se tornou mesmo pai de uma menina. Só que a gravidez da sra. Arafat tinha sido anunciada em dezembro de 1994, o que desmerece um bocado o valor da previsão. Pelo menos, acertaram em cheio o sexo do bebê...

janeiro/96

FRANCAMENTE, ÉTICA, O QUE VEM A SER ISSO?

Me ocorre a piada do português, o livro de lógica é o "tens aquário?". Tanto verbo jogado fora em nome da tal "ética"... Afinal de contas, como os sistemas de valores, códigos morais e a moda, a ética é perecível, descartável. De dez em dez anos, de cem em cem anos, de mil em mil quilômetros, encontramos conceitos diametralmente opostos do que é "ético", moralmente aceitável, certo ou errado. Numa esfera macropolítica, vem à lembrança o caso do desprezo chinês ao conceito de Direitos Humanos. Para a ancestral crueldade chinesa, "Direitos Humanos" são uma invenção, uma imposição do Ocidente. Os ocidentais podem replicar: "É para o seu bem...". Mas, quanto mal já foi perpetrado sob a máscara desta frase que pais usam para domar filhos.

Numa esfera mais próxima, e fugindo um pouco do assunto, aproveito para contar uma historinha da notória favela de Vigário Geral, onde vivi durante uns poucos dias para fazer uma reportagem. Era noite de sexta-feira, ou sexta-cheira, como dizem os cocainômanos. A favela fervilhava de gente se drogando, gente armada, barra muito pesada.

Passa um grupo de adolescentes em diminutas minissaias, a caminho do baile *funk,* a concentração maior de "ligadões" armados até os maxilares. Pergunto se os pais das moças não se preocupam com a segurança delas em tal ambiente. "Não, de jeito nenhum", respondem surpresas. "A única coisa que nossos pais proíbem é que atravessemos a passarela. Fora da favela, sim, é muito perigoso. Aqui dentro, estamos seguras." E, de fato, onde os estrangeiros, isto é, o resto da população do Rio de Janeiro, não se atrevem a pisar, é território sagrado dos

moradores, com a garantia onipotente do chefe do tráfico.

Já que falei mais uma vez de Vigário Geral, mais uma constatação que contraria os clichês sobre a relação das zonas nobres e pobres da cidade. Ao contrário do que se diz, o grande consumidor da cocaína barata de favelas como Vigário Geral não é o garotão classe média do Leblon. Quem consome a droga de Vigário é o operário na saída da fábrica, é o cobrador de ônibus, é o trabalhador que gasta dois, três, cinco reais pela rápida *prise* que tira a fome e anestesia a falta de perspectivas. Ou melhor, sem moralismos baratos, é uma forma acessível de diversão, que vicia.

*****

De volta ao assunto inicial desta coluna, a tão gasta palavra "ética". É divertido observar jornalistas, esses profissionais do cinismo que tão freqüentemente se deixam levar pela hipocrisia, deitarem falação sobre decisões éticas e morais. Em primeiro lugar, este tipo de reflexão só acontece, quando acontece, *a posteriori.* Na hora de botar a notícia na primeira página, no ar, as hesitações são raras.

O furo justifica quase tudo. Em segundo lugar, quando está em campo, o repórter lança mão de todos os recursos de sedução e ilusionismo para conseguir sua história. Uma história de amor em que pelo menos um dos lados, o do entrevistado, quando não os dois, termina desiludido, tomado pelo penoso sentimento de quem foi traído.

Na busca da notícia que venda, o jornalista muitas vezes se divorcia da realidade, à procura daquilo que, supõe, o leitor quer. E se a realidade contraria este roteiro de ficção, dane-se a realidade. No jornalismo internacional, pude presenciar deprimido a manipulação e adulteração de traduções para que a entrevista correspondesse aos desígnios do repórter. "Shame!"

Para não ficar apenas falando de repórteres na terceira pessoa do plural, conto um pequeno episódio em que tive de me confrontar com uma decisão ética.

*

Era o terceiro ou quarto dia da revolução romena, Bucareste, 1989. A capital do recém-desmoronado império Ceaucescu tentava retornar a um mínimo de normalidade depois do caos revolucionário. Me distanciei do cinegrafista e seu assistente e, quando me reaproximei, flagrei os dois a induzir um grupo de jovens ao vandalismo.

Havia um carro abandonado da "Securitat", a terrível polícia secreta do terror romeno, e uma pilha de pedras próxima. Meus colegas simplesmente apontaram os pedregulhos para a garotada. É claro, os moços destruíram todo o carro com a munição disponível. Tive um ataque e passei um pito na equipe, falando da irresponsabilidade deles ao intervir num processo tenso e já suficientemente violento, em nome de uma boa imagem. A resposta deles: "Você não vai usar a imagem?". Usei.

*

Bom, e como esta conversa termina? Certamente, sem conclusão, mas com uma pista: em vez de plantar regras sobre ética e moral, bastaria aos jornalistas um compromisso com a honestidade. E como é o assunto do momento, venho por meio desta prestar a minha solidariedade e apoio a Arnaldo Jabor. Entre o falso progressismo e a coragem de botar a mão nas coisas e lidar com o mundo real, fico com o nosso cineasta-articulista. Dizer não, e repetir não não não, diante da complexidade de nossa tragédia é fácil e covarde.

Sim.

junho/96

O CÃO DO MUNDO

Quando Ayrton Senna não fez a curva do Tamburelo, a BBC, que transmitia a corrida ao vivo, cortou para uma imagem fixa dos boxes vazios. Enquanto o Brasil e todos os outros países do mundo acompanhavam as cenas dramáticas de um campeão desfalecido na pista, eu e todos os outros espectadores britânicos nos quedamos imóveis diante de uma imagem imóvel. Os locutores, sem informação, balbuciavam especulações, adivinhações, explicações que nada explicavam.

A BBC considerou forte demais a cena de um piloto ferido, sendo atendido no asfalto. Considerando o ponto de vista de muitos espectadores de corridas de automóveis, censurar as imagens de acidentes e acidentados é a mesma coisa que cortar a imagem do nocaute numa luta de boxe. Não basta à curiosidade mórbida dos seres humanos a sempre presente possibilidade da tragédia, queremos o próprio desenrolar da tragédia, ao vivo e a cores. Pelo menos, a tevê estatal britânica mantém uma coerência: na cobertura da guerra da Bósnia, estabeleceu a autocensura e não exibiu imagens sanguinolentas. Será que eles estão certos?

Certos ou errados, os lordes da BBC estão sendo expostos às vorazes leis do mercado. Agora, para manter verbas, a programação da TV inglesa está sendo obrigada a se popularizar, ou melhor, a se "tabloidizar".

E mesmo, enquanto ainda podia reivindicar algum tipo de pureza, ou padrão ético, a TV inglesa aproveitava programas sobre curiosidades televisivas do mundo para mostrar, torcendo o nariz e abrindo os olhos, o

que oficialmente abomina. Foi assim que vários quadros sensacionalisticamente chocantes de atrações de TVs de todo o mundo ganharam espaço na mui digna televisão daquela ilha próxima à Europa — só para conferir, tintim por tintim, o que esses bárbaros de além-mar andam fazendo...

Em resumo, ninguém tem mais autoridade moral para se atribuir a condição de puro. Os jornais que agora julgam os excessos do Faustão e os escorregões de "Sai de Baixo" já fizeram igual, ou pior. A onda de hipocrisia e falso moralismo é tão revoltante quanto a exploração de deficientes físicos na telinha.

Sob o pretexto da "denúncia", todos os jornais brasileiros já escorregaram na ética e exploram sensacionalmente aspectos "caninos" de nossa realidade. Os meios de comunicação procuram atender ao público e o público, como nós sabemos, não tem rosto, mas tem olhos vorazes e amorais.

*

É indigno atacar profissionais como Carlos Manga e Daniel Filho, dois gênios da nossa história audiovisual, por causa de um erro, de uma pisada na bola. Os serviços que Manga e Daniel já prestaram ao cinema e à televisão lhes dão crédito. Só o Boni tem autoridade para julgar as decisões de Carlos Manga e Daniel Filho.

A Globo paga por sua competência. Quando a concorrência apela, de forma muito mais baixa e consegue ganhar na briga pela audiência, as manchetes dos jornais destacam a vitória no Ibope, nunca a apelação.

Mundo cão é mundo, só.

*

Em todas as redações onde trabalhei, acabei ganhando a reputação de quase esnobe, tal a minha resistência à exploração da miséria humana. Na hora de tomar uma decisão ética, ou moral, quando é preciso amenizar a edição de imagens violentas, minha posição não costuma variar. Acredito que estamos aqui para mostrar, seja a maravilha ou o horror. Se é um flagrante do horror, prefiro expor o estômago do espectador a uns embrulhos a censurar a realidade. O que procuro, sempre, é contextualizar as imagens violentas, demonstrando as causas e conseqüências daquela violência.

Só que, quando o espaço ou o tempo são insuficientes, entre a contextualizaçâo e a cena de horror, o que fica de fora é a contextualizaçâo.

Tenho nojo da imprensa sensacionalista, já fui vítima dela, mas não dá para ouvir calado o nhenhenhém falsamente moralista.

Vamos discutir a confusão de valores e a degeneração moral da sociedade contemporânea. Mas, que não venha ninguém querer tirar o seu da reta.

Quando os "puros" da imprensa procuram livrar a cara, metendo o dedo no nariz dos outros, me lembro da célebre seqüência do melhor filme de Glauber Rocha, *Terra em Transe.*

O poeta que se meteu na política, vivido por Jardel Filho, procura convencer o governador populista, interpretado por José Lewgoy, de que a guerra civil era inevitável. Lewgoy resiste e replica: "Não posso fazer correr sangue dos inocentes". E Jardel responde, perguntando: "Quem é inocente?".

agosto/96

TÁ TRANQÜILO...

Os correspondentes que viajam pelos pontos tensos do planeta sabem com que fontes podem contar. Ao desembarcar em qualquer *troublespot,* os repórteres recorrem aos diplomatas da área, quando eles ainda estão presentes, e às ONGs e entidades de auxílio humanitário. Em situações de conflito, para verificar o número de mortos e feridos, mais confiável do que os hospitais locais, manipulados pelas forças envolvidas, são os médicos que vieram de longe.

Às vezes, a gente encontra exemplos de esforço individual: em meio à crise dos refugiados curdos, nas montanhas geladas da fronteira do Iraque com a Turquia, topei com um médico dinamarquês que tinha dirigido sua Mercedes todo o caminho até aquela região remota.

O mais comum, porém, é encontrar a turma do "Médicins sans Frontières", os médicos sem fronteira. Usando fundos da União Européia, a "Médicins" atua em países onde o Estado entrou em colapso e não pode atender à sociedade. Os médicos sem fronteira me auxiliaram em lugares como Angola e Bósnia.

Esta semana, revi o símbolo da "Médicins sans Frontières" em Vigário Geral, Rio de Janeiro.

"A carne treme."

Esta era a principal queixa que os médicos do posto da "Médicins" ouviam, assim que se estabeleceram na favela de Vigário Geral. A primeira reação foi de desânimo: um povo tão malnutrido, maltratado e ignorante que não consegue nem expressar os seus sintomas. "A carne treme"... Que diabos eles querem dizer com isto?

Os rapazes e moças, mal saídos da faculdade de medicina, só

foram entender a reclamação enigmática mais tarde, quando presenciaram pela primeira vez uma batalha entre policiais e traficantes. Em meio à barulheira infernal do tiroteio, um médico olhou o próprio braço, viu e sentiu: a carne tremia mesmo.

*

Meu batismo de carne tremida foi logo no primeiro dia de minha estada de uma semana em Vigário Geral. Estava filmando na entrada da favela, quando a Polícia Civil se aproximou, subindo agachada a passarela sobre a linha do trem. Os vigias do tráfico vacilaram e não tinham dado o aviso convencional, de fogos de artifício. Ao perceberem a aproximação da polícia, os traficantes deram o alarme, atirando primeiro.

O fogo foi pesado. Os traficantes contam com o arsenal já bem conhecido, "A. R. quinzes" da vida, e algumas novidades, como granadas. Os policiais também chegaram pesados. O resto, o povo, fica no meio do fogo cruzado e tem poucas escolhas de abrigo. Logo que começa o pandemônio, os moradores abrem as portas de suas casas, oferecendo proteção. E mesmo as casas são escudos ilusórios. Não vi uma residência sequer que não tivesse a parede de tijolos perfurada a balas.

*

Depois da batalha, conversei com o comandante da operação. O policial repetia a ladainha. "Nosso objetivo não foi alcançado..." O objetivo era prender alguém, qualquer soldado raso do tráfico.

As incursões violentas da polícia na favela carecem de qualquer sentido estratégico ou tático. Só servem para adubar o enorme

ressentimento desta gente com os agentes da lei.

Me disse um médico sem fronteiras: "O mesmo Estado que nega qualquer tipo de assistência, oferece o conflito".

*

E não acreditem na balela de que o tráfico toma o espaço que o Estado há muito abandonou, ou jamais ocupou. Os traficantes atendem a demanda do mercado da droga, e só dominaram as associações de moradores para garantir o seu comércio e a própria segurança, não o bem-estar da comunidade. O tal vácuo deixado pela ausência do Estado continua oco. Bandido nenhum presta assistência.

Portanto, não se trata de tomar nada das garras dos bandidos, trata-se de atuar onde ninguém atua.

Depois de amanhã, o Brasil se compromete mais uma vez, solenemente, com o Brasil. O Plano Nacional dos Direitos Humanos será um retrato franco e assustador de nossa tragédia social.

Neste fim de século, o discurso dos Direitos Humanos foi o que restou para quem pretende trabalhar por justiça, liberdade e democracia social. Quando um governo se compromete, como Brasília está se comprometendo, com a bandeira dos Direitos Humanos, está na verdade convidando a sociedade a trabalhar. Contra o Estado, se necessário.

*

É só um pedaço de papel, dirão os poucos originais. Mas isto é quase tudo que o Estado pode dar ou reconhecer: papéis.

Vigário Geral é uma favela pequena, tem menos de quatrocentas casas, cerca de cinco mil moradores. Tem uma parte, o Inferninho, que é miserável. A maioria das residências, no entanto, é decente. As pessoas têm geladeira, fogão, aparelho de TV, são, digamos assim, remediados.

Só que vivem numa encruzilhada social e geográfica. Seu Nahildo, o militante comunista histórico que organizou a Associação de Moradores, é um lutador que perdeu todas as guerras. Primeiro, foi derrotado pelo Golpe de *64.* Depois, tentou politizar a garotada do tráfico: foi derrotado pela cocaína. Na chacina de agosto de 1993, perdeu um filho. E, agora, luta contra a insuficiência renal.

Ele que ainda acredita no improvável — uma solução por meio da intervenção estatal —, afirma a própria negação: "Tudo o que temos, água encanada, um mínimo de saneamento, condições mais dignas de vida, tudo, fomos nós que fizemos".

Onde o Estado não atrapalhou e o narcotráfico não corrompeu, a prosperidade se insinuou.

Valmir Vale, o artista plástico de Vigário Geral, é filho de migrantes cearenses. A família já viveu em barraco. Hoje, tem uma casa que, se ficasse no Leblon, valeria um bom dinheiro. Valmir foi educado em boas escolas particulares e hoje é um projeto de ponte entre os dois lados desta "cidade partida".

Mas, por enquanto, só há uma passarela marcada de balas, sobre uma linha de trem onde meninos "surfam" entre cabos de alta tensão. Uma passarela que divide dois mundos. No lado de cá da passarela, dentro de Vigário, a expressão mais ouvida é "tá tranqüilo..."

Mesmo que esteja "pegando".

abril/96

DE BRASIL EM BRASIL

Quem trabalha em televisão recebe, de vez em quando, cartas dos telespectadores. A esmagadora maioria dos remetentes é simpática, cordial e carinhosa. Quem afinal vai se dar ao trabalho de escrever para alguém que despreza? Há também a inevitável parcela de lunáticos, mais ou menos inofensivos, com teorias escalafobéticas sobre a vida e o mundo. Esta semana, recebi pela primeira vez o que se chama em inglês de *bate mail,* "correio de ódio". Não vou cansá-los com detalhes das ofensas pessoais a mim dirigidas. Mas vale ressaltar aspectos curiosos das motivações da triste carta.

Em primeiro lugar, a tal carta não foi motivada por nada que eu tenha dito para milhões de pessoas na televisão. Foi uma entrevista numa revista local que motivou o vômito de intolerância. E, especificamente, uma declaração. Dissera eu o óbvio: que era a favor da urbanização das favelas do Rio de Janeiro.

Pois bem. Nas muito mal traçadas linhas, a carta defendia a erradicação à força dos favelados cariocas e a sua esterilização obrigatória, até de crianças, sublinhava a vociferante pessoa. Dizia que cada um que conseguisse uma esterilização, deveria ser agraciado com uma recompensa de mil reais... Em seguida, eram só palavrões e frases sem sentido.

*

Tal carta não merecia atenção se não fosse representativa de um pensamento fascista emergente no País. Antes da alvissareira sentença de 309 anos, anunciada numa primeira página brilhante e memorável

neste jornal, um programa de rádio abriu suas linhas telefônicas para os ouvintes, a fim de discutir o julgamento da Candelária e as crianças de rua brasileiras. Dezenas de pessoas não hesitaram em ligar para dar apoio aos exterminadores. Que alguém ainda pense, no silêncio de sua estupidez, em defender o extermínio, é inevitável. Mas que tenha o pejo de vir a público dizer isto, é assustador.

O fascismo é o horror à diferença. Neste Brasil, que abriga tantos brasis, onde as diferenças são enormes e crescentes, o apelo fascista tem terreno fértil.

Fartos da complexidade da incerteza, é compreensível que gente ignorante se deixe seduzir por qualquer tipo de fundamentalismo, religioso ou político. Só que não é apenas a massa de ignorantes brasileiros que está abraçando o discurso, fascista. Agora, virou moda, por exemplo, atacar o presidente da República por sua condição de sociólogo. Todo o ódio, ou frustração, contra a academia, foi avatarizado por FHC. E convenhamos, pode se condenar ou discordar do presidente, mas não se pode negar a sua imensa tolerância e espírito democrático. Nada ofende mais o intolerante do que a inteligência.

*

Não deveríamos nos acanhar na hora de dar nome aos bois. Em vez de cair na eterna simplificação da demonização da Alemanha nazista, agindo como se o fascismo tivesse morrido junto com o terceiro reich, devemos chamar de fascismo o que é fascismo.

*

Na Polônia comunista do primeiro semestre de 1989, peguei um avião de Varsóvia para Gdansk. Levava como bagagem de mão, um

pequeno monitor de TV. Na volta à Varsóvia, na noite do mesmo dia, fui informado pela polícia do aeroporto de que não poderia embarcar na cabine levando o aparelho. Tentei argumentar, dizendo que tinha feito o percurso de ida sem impedimentos ou problemas. Ouvi como resposta a seguinte frase: "Você pensa que veio com este monitor no avião, mas você não veio". O episódio é uma ilustração clara da lógica fascista: você pensa que existe, mas você não existe, pois não suporto a idéia de sua existência. É assim que muita gente anda reagindo à nossa trágica arena de aflições sociais.

*

Daqui a nove dias, o governo federal anuncia o Plano Nacional dos Direitos Humanos. É coisa séria, elaborada por gente séria que, pelo menos no papel, pode servir de exemplo para todos os países do mundo. A implementação das idéias contidas no Plano não será fácil e talvez nunca seja realizada em sua totalidade. Mas também é assim com a Lei e com a própria Declaração dos Direitos do Homem. No mínimo, a nação estará se comprometendo consigo mesma. Um capítulo crucial do Plano trata da questão da proteção a testemunhas.

Acompanhei a viagem da principal testemunha do Massacre da Candelária, da Suíça até o Brasil. Wagner dos Santos é um brasileiro admirável, por sua coragem e perspicácia. Mesmo sem ter tido oportunidades, Wagner bebeu as poucas gotas de luz que a vida não pôde lhe negar e nos deu a todos uma lição de cidadania. Mas o exemplo de Wagner não é suficiente para encorajar centenas de testemunhas vulneráveis aos grupos de extermínio policiais ou parapoliciais.

Nossas testemunhas pertencem predominantemente às camadas mais vulneráveis da sociedade. Dia após dia, recebem recados de seus

algozes fascistas: "Vocês pensam que viram, mas não viram nada. Vocês pensam que existem, mas não existem". Eles existem. Eles viram.

maio/96

TV FALADA

Sempre me queixei da falta de oportunidades para teorizar sobre o trabalho diário de telerrepórter. Estou pagando pela minha boca grande.

Desde que cheguei a esta terrinha tenho recebido convites para palestras e conferências em escolas, universidades e seminários. Não deveria reclamar agora. Em primeiro lugar, por causa da receptividade e simpatia das platéias: estudantes bem formados e razoavelmente bem informados, bebendo com atenção as palavras. É verdade que às vezes é meio assustador, pois como sou chegado a um chiste, freqüentemente dou margem a interpretações equivocadas. Os ouvintes anotam com sofreguidão uns disparates que deveriam ser esquecidos após uma risadinha diplomática.

Pois bem.

Além do cansaço que dá ouvir a própria voz, me entristece constatar que o que já foi um dia uma verdade desentranhada do âmago da angústia transforma-se em ladainha ou auto-slogans vazios e entediantes. Como é fácil tornar-se uma paródia de si mesmo!

*

Mas, enfim, quem ouve pela primeira vez não conhece estas torturantes dúvidas do orador... E lá vai o papai aqui corresponder à imagem do correspondente nos imaginários dos futuros jornalistas.

Não é que eu não tenha uma boa memória. Diria que é uma memória rebelde, que só funciona por artes do inconsciente. Não há a menor disciplina no exercício do memorialista. Quando você menos

espera, é assolado por detalhes ínfimos e sublimes de eventos há muito idos. E quando você pensa que mais precisa lembrar, é abandonado no limbo do aqui e agora. Como o eterno presente que é o estado mental do espectador de televisão.

*

Pronto, falei de televisão. Vamos lá então!

Vários amigos brasileiros se espantavam quando, ao chegar a Londres, se deparavam com o que eu sempre chamei de melhor televisão do mundo. Os brasucas visitantes achavam a TV britânica séria demais, lenta e circunspecta. E, pasmos verificavam que lá jornalismo e entretenimento não se misturavam!

Diriam os poetas, do alto de sua inspiração, que a promiscuidade entre ficção e realidade é apenas reflexo fiel da sociedade brasileira. Reza o lugar-comum que a realidade brasileira deixa qualquer ficção no chinelo, e isto é verdade. Mas, guardado o respeito ao realismo fantástico da História brasileira, é assim em qualquer lugar do mundo.

Só que, neste País, crianças desaparecidas de verdade viram estrelas de novela, e a linguagem jornalística pouco difere da narrativa ficcional.

Pergunta: isto é bom ou ruim? Ou melhor: o que é isto?

*

Ouvi falar e só lembro de pedaços da história, mas passo adiante assim mesmo. Deus confiou aos seguidores de uma certa seita o segredo de um caminho secreto, que levava a um lugar secreto, onde se escondia uma espécie de pedra fundamental, igualmente secreta. O segredo foi sendo transmitido de geração, até que a localização exata da

tal pedra foi esquecida. Tudo bem, ainda se guardavam os segredos do caminho e do lugar. Após mais algumas gerações os sectários só se lembravam do caminho. Vai, tudo bem. O tempo se encarregou de apagar da memória até os traços do caminho secreto.

Mas Deus não ficou brabo não... Pois Deus gosta mesmo é de uma boa história...

*

Aliás, Deus gosta de qualquer história. Tá na Bíblia: a cada coisa que criava, "e Ele achou bom...". Até mesmo depois de criar o homem, Deus achou bom.

O homem, perseguido pela culpa de ter feito Deus descansar no sétimo dia, é que inventou a neurose de nunca achar nada bom. Divino, não é?

*

E assim caminha o jornalismo. Atrás do apresentador do telejornal nacional, o planeta está sempre na posição de onde se vê o país em questão.

Todo mundo fala em fato, mas só conhece versão.

Você tenta falar do que interessa mas o que vende jornal é fofoca...

O que no dia a dia não balança a rede da indiferença faz as pessoas tremerem de indignação quando assistem à televisão. E isto é bom!

Querem um exemplo? No Brasil, revela-se a cada esquina, a cada estrada, um grande desprezo pela vida. Mas quando, depois de uma reportagem sobre manifestantes ingleses que se opunham à

importação de madeira brasileira, o empresário canalha britânico diz que a vida no Brasil não vale a mesma coisa do que na Europa, uma avalanche de telefonemas de protesto inunda a emissora. E isto é hipócrita!

*

Mas é um começo, atrás de outro e mais outro. E vamos assim, sem perder a oportunidade de perder uma oportunidade.

maio/96

TRUE STORIES

Qual é a melhor maneira de contar uma história real? O senso comum estabelece que a reportagem, a linguagem jornalística, é a mais apropriada para narrar uma história real. E se o evento em questão, mesmo transcorrido há 26 anos, ainda permanecer envolto pela névoa dos ressentimentos, embaçado pelas lentes da ideologia? E se o tal distanciamento histórico não for senão uma arbitrariedade determinada por quem tem lápis e papel na mão? E se o narrador não tiver sequer testemunhado aqueles episódios, ou quando muito carregue apenas lembranças infantis da época? E se dos fatos tenha restado apenas um punhado de versões?

Para contar a história da guerrilha do Vale do Ribeira, o escritor Marcelo Rubens Paiva escolheu a ficção. Paiva não escreveu o que se convencionou chamar de "romance histórico". *Não És Tu Brasil?... é* um livro de ficção recheado de nacos da carne sangrenta do real.

Estilisticamente, a decisão é mais do que acertada. Alguém disse que é o livro mais maduro de Marcelo, e eu concordo. Entre as virtudes da narrativa, a maior é a influência assumida e desenvolvida sem pudores pelo escritor da fala de João Guimarães Rosa. O tom roseano da narrativa constrói em dois parágrafos a dimensão épica indispensável para contar a batalha entre nove guerrilheiros e quase dois mil homens das Forças Armadas.

Como interpretação da realidade (e segundo a epígrafe de Oswald de Andrade, "a verdade é sempre a realidade interpretada"), a escolha da ficção também acerta na mosca. Não há versão oficial da história confiável ou completa. O Exército foi derrotado no Ribeira, não cumpriu a missão a que se propunha, e já nos comunicados oficiais da

época construiu um relato ficcional da operação. Além da derrota, foi preciso escamotear todas as evidências de tortura, abusos e selvageria. Os documentos da Vanguarda Popular Revolucionária, os que resistiram às fogueiras do tempo, também aparecem tingidos pela linguagem da propaganda. Quanto às principais testemunhas, estão mortas.

*

O peso da história é demais para os ombros sobreviventes. O comandante da operação militar, Erasmo Dias, encarregou-se de forjar uma caricatura de si mesmo pra seguir carreira política. Para o ex-coronel, é como se o tempo não tivesse passado. Guarda o mesmo ódio de seus inimigos de 1970. Já os guerrilheiros sobreviventes também envelheceram renitentes a uma revisão dos valores que os levaram à luta armada.

Em alguns casos, isto se explica pelo trauma psicológico das privações, da tortura, do sofrimento físico e psíquico.

O guerrilheiro Ariston Lucena, que na época da guerrilha tinha 18 anos, por exemplo. Ele é o único sobrevivente lúcido da execução do tenente da PM Alberto Mendes Júnior. Pela sua participação no episódio, chegou a ser condenado à morte pelo regime militar. O próprio Lamarca deixou versões contraditórias do "justiçamento" de Mendes Júnior. Lucena afirma, de forma emocional, que foi contra a execução desde o início.

Afirma ainda que não participou do ritual macabro do "justiçamento" a coronhadas. E que após a morte do tenente teve uma crise de choro, da qual foi arrancado por Lamarca, que berrou: "Foram estes que mataram teu pai!"

O pai de Ariston tinha sido assassinado brutalmente pela repressão, três meses antes.

*

Se é verdade que, de dez em dez anos, o Brasil esquece tudo o que aconteceu nos últimos dez anos, então é hora de aprender que quem esquece não perdoa.

Entre tantos redemoinhos, vácuos e espuma da corrente da História, Marcelo Rubens Paiva fez bem ao escolher como veículo o barco da ficção. Com *Não És Tu Brasil,* Marcelo faz a ponte que o reúne ao pai, a mais ilustre vítima da ditadura. Somos, como ele, órfãos de uma luta que não teve vencedores.

*

E como falamos hoje de histórias reais, aí vai uma. Também passada nas trevas da ditadura.

*

O judeu fugido da Alemanha tinha construído sua vidinha no Brasil. Publicava programas de teatro, encartados numa revistinha nos moldes do *Playbill* americano. Em 1971, caiu na asneira de editar um texto que versava sobre a crise dos sete anos no casamento. Era uma alegoria, gênero obrigatório na época, sobre os sete anos do golpe.

Por causa do insignificante artigo, o empresário foi levado a contínuos interrogatórios no DOPS. Homem traumatizado pela perseguição nazista, da qual só tinha conseguido escapar para o Brasil em 1941, entrou em parafuso emocional. Não conseguia mais dormir, e o estado de estresse constante acabou por vitimá-lo em forma de derrame cerebral. Morreu seis meses depois, já destruído pelo câncer

fulminante que sucedeu o acidente vascular.

Quando entrou na morfina, na reta final da doença, o filho dele foi ao cinema. Assistiu à *A Noite dos Desesperados,* aquele filme em que Jane Fonda pede clemência, o sacrifício que só os cavalos feridos merecem.

Ao sair do cinema, o menino de 13 anos espera o ônibus no ponto. Subitamente, um bêbado põe a cabeça para fora do ônibus que começa a partir. O jorro de vômito cai preciso, bilioso, pleno, sobre a cabeça do garoto. A comédia trágica da vida? A náusea do sofrimento? A orfandade desprotegida? Não, nenhum símbolo a não ser um nojento batismo. É como nascemos, e como muitas vezes morremos: entre dor, luta, excrementos e sangue. Para que, décadas depois, o filho possa inventar a ponte que o liga ao pai morto. Como Marcelo, Pedro e Ariston.

julho/96

NADA CAUSA MAIS NADA

Há muito, perdi as ilusões de que meu trabalho pudesse causar algum tipo de comoção, movimentação ou mesmo transformação social. Faço este produto de consumo chamado notícia. Procuro realizá-lo de maneira digna e honesta, aprontar um biscoito fino, quando possível, ou pelo menos tornar o objeto indigesto mais palatável. Dou a minha versão, o meu testemunho, faço parte desta fábrica de salsichas que é o chamado circo da mídia contemporânea. Os assuntos vão e vêm, as crises, os escândalos, as mortes, atentados, injustiças e atrocidades que fazem a lareira da sala de jantar — nada causa mais nada.

A ingenuidade se foi, mas a inocência ainda é a de um patinho boiando, afundando e reermegindo no meio da tempestade. Não sou esperto, mas sou de borracha... Daí, que às vezes, acabo cultivando expectativas que já deveria ter abandonado.

Por exemplo, na semana passada: depois de viver na favela de Vigário Geral durante cinco dias, esperava que a pequena crônica exibida no *Fantástico* tivesse algum tipo de conseqüência. Me corrijo: conseqüência não, alguma repercussão.

Eu sei que as pessoas estão fartas da miséria, estão cansadas de ter a miséria esfregada na cara, eu sei que ninguém mais quer saber. No entanto, perguntam, ainda que não suportem ouvir a resposta.

Bom, para que estou dizendo isto tudo? Para que estou repetindo o nauseante diagnóstico? Pode ser para constatar que, para artistas, não há sucesso além do comercial, seja a mais genial obra. E que, para jornalistas, não há êxito além do consumo imediato.

No caso de Vigário Geral, houve sim uma conseqüência: esta semana, a polícia entrou com tudo na favela, permaneceu um dia inteiro

lá dentro, tornando o inferno um pouco mais quente. Não deu primeira página. Minto, o jornal *O Dia* registrou, burocraticamente, a ocupação. Todos sabem e dizem e falam e reafirmam que não há eficácia possível na repressão pura e simples, que se pretendemos enfrentar o narcotráfico e a loucura social, a polícia deve chegar acompanhada por uma estratégia de assistência social que entre na favela e fique. Mas, não é suficiente repetir, saber e entender. No Brasil, o futuro não só dura muito tempo, como também pode esperar. E esperar e esperar...

O Brasil não é o país mais injusto do mundo somente para os pobres. Quem é elite, no melhor sentido do termo, também é injustiçado. É claro, não sofre o tipo de injustiça (a fome, a ignorância, a falta de oportunidades) que leva ao desespero violento. E quando falo em elite, não confundam com classes dominantes, aquelas que ainda vivem de roubar merenda escolar.

*

Tempos dissolutos, estes...

Recebo a visita de um amigo de guerra.

A Guerra do Golfo fez várias vítimas — matou e feriu milhares de iraquianos, nunca saberemos quantos. Depois, a manutenção do embargo contra o Iraque aliada à tirania de Sadam Hussein, se encarregou de criar mais uma geração de vítimas, crianças subnutridas que só contam com as eternas tâmaras para não morrer de fome.

Lá é como no Brasil. Enquanto a África escandaliza o mundo com suas grandes fomes, no Brasil e no mundo árabe não há cenas espetaculares de gente morrendo de fome. Aqui, como no Iraque, as legiões de miseráveis não morrem de fome como moscas; vivem com fome.

*

Pois um amigo brasileiro, que prestou importantes serviços à pátria durante a crise e a guerra do Golfo, me procura no Rio de Janeiro. Zeiner Magri era auxiliar administrativo da embaixada brasileira em Bagdá. Como a maior parte dos funcionários locais, depois da invasão do Kuwait, ele foi transferido para a nossa representação em Amã, capital da Jordânia. De lá, volta e meia retornava à capital do Iraque, para cuidar do que sobrava dos bens brasileiros.

Zeiner Magri é uma vítima brasileira da guerra do Golfo. Não ficou ferido, não morreu. Mas, depois de arriscar a vida para resgatar expatriados, durante a crise, e após anos de dedicação em troca de uma remuneração ínfima, Zeiner foi totalmente abandonado. Está certo, ele não é diplomata, apesar de ter sido contemplado temporariamente com passaportes diplomáticos para cumprir missões, em que foi imprescindível por seu domínio da língua árabe.

Se na hora de contar com os serviços de Zeiner não se fez distinção entre diplomatas e funcionários locais, não é razoável agora discriminá-lo. Hoje Zeiner vive em Juiz de Fora.

Está desempregado e mal consegue sobreviver, quando seria muito útil a qualquer representação brasileira em países de língua árabe.

Zeiner também foi herói.

maio/96

SALVE-SE QUEM PUDER

Volta e meia, alguém pergunta como anda a minha adaptação ao Brasil. Vai indo, digo eu, disfarçando o fato de que nunca me adaptei a lugar nenhum, ainda que me adapte a qualquer lugar. Não estranho

cama ou travesseiro, ou a ausência deles. Estranho, sim, qualquer tipo de permanência.

Para ser sucinto e direto, a melhor maneira de falar sobre a minha (ou melhor nossa, minha e de minhas crianças) adaptação ou inadaptação, é comentar o trânsito nas grandes cidades brasileiras.

Toda a nossa falta de civilidade e o nosso pouco apreço pela vida ficam evidentes na loucura de nosso tráfego.

O caso da demissão de nosso ministro, dos transportes!, é exemplar.

O que passa pela cabeça de uma das mais altas figuras da República ao fugir covardemente da cena de um atropelamento? Se o destino não tivesse urdido a presença de uma testemunha casual teria sido mais um caso, uma causa e nenhuma conseqüência na selvageria assassina de nossas ruas.

*

Cada um de nossos motoristas dirige contra todos os outros, em vez de conduzir a favor de sua própria segurança. Mas, como diria o esquartejador, vamos por partes:

— A impressão que se tem é de que se as buzinas dos carros brasileiros pifassem, ninguém sairia de casa. Nossos automóveis parecem movidos a buzina...

— Junte-se a buzina ao raro evento de alguém parar no sinal vermelho. Na melhor das hipóteses, o carro que vem atrás buzina para que o da frente avance. Na maior parte das vezes, a buzinada é acompanhada de uma aceleração ameaçadora. Também é comum o sujeito ir aproximando os pára-choques como se estivesse pronto a passar por cima. Como é que alguém ousa parar no sinal vermelho?

E tem a célebre definição de Millor Fernandes de fração de

segundo: o tempo entre o sinal abrir e alguém buzinar atrás de você.

—- O que a nossa imbecilidade coletiva não consegue enxergar é que se não respeitamos os vermelhos, não podemos confiar nos verdes. Cada cruzamento é uma roleta-russa.

— Seguir o carro da frente parece humilhação. Se alguém vai em sua dianteira, a obrigação do motorista brasileiro é ultrapassar. Em geral, o sujeito não tem pressa; é apenas parte da mentalidade "autopista" onipresente em nosso asfalto.

— Ultrapassar pela esquerda não satisfaz. Bom é cortar pela direita, de surpresa, acrescentando algum gesto obsceno ou sonoro palavrão à ultrapassagem pela direita.

— O ziguezague! De preferência dentro de um túnel movimentado. Na Inglaterra, como na maioria dos países civilizados, o ziguezague dá cadeia. Principalmente, porque quando faz o ziguezague, o motorista denuncia a si mesmo. O impulso de mudar de pista, cortando todos os outros veículos, é típico de motoristas alcoolizados.

— Consideramos absolutamente normal beber e dirigir. No resto do mundo, o motorista pilhado bêbado ao volante é conduzido ao xadrez como um assassino.

— E os ônibus... Ah, os ônibus! Em qualquer grande cidade do mundo, o trânsito só flui graças a pistas exclusivas para os transportes coletivos. Os ônibus ganham a sua faixa própria mas não ousam trafegar pelas outras pistas. Já por aqui, todas as pistas são invadidas e monopolizadas pelos monstros barulhentos e malcheirosos. A agressividade de seus motoristas pode ser explicada pelos baixos salários e falta de condições de trabalho, mas não deve ser perdoada.

*

Agora, pelo menos, o cinto de segurança passou a fazer parte da

paisagem. Mas é pouco...

*

Cada um de nós tem uma contabilidade macabra de amigos, parentes e colegas mortos em acidentes de trânsito.

Está certo que nossas estradas não oferecem o mínimo de segurança, mas a grande maioria das tragédias automobilísticas acontece mesmo por falha humana.

*

Nosso complexo de inferioridade nos leva a debochar do excesso de zelo e prudência dos motoristas de países como a Grã-Bretanha. Obsessão por segurança, dizem alguns. Santa obsessão, eu replicaria...

*

Viajando pelo mundo, só encontrei comportamento semelhante ao dos nossos motoristas em países onde tradicionalmente, milenarmente, a vida vale pouco. Regiões da Ásia e do Oriente Médio que nunca conheceram a democracia ou a valorização do cidadão.

A barbárie de nosso trânsito expressa a nossa falta de educação, o nosso autoritarismo, a nossa violência, a nossa ignorância do que seja cidadania.

E nesta discussão, não adianta culpar o Estado. Por mais desinformado, qualquer brasileiro sabe como é fácil morrer no trânsito.

*

Não, a este Brasil suicida e homicida de nossas ruas e estradas nunca vou me adaptar.

agosto/96

NÃO É PROIBIDO FUMAR

Pior do que mulher feminista só mesmo homem feminista. No repertório demagógico destes, uma afirmação se destaca e se repete de forma irritante: "A mulher é superior ao homem!".

A frase é proclamada com o orgulho incomparável dos que se auto-humilham. Mais ou menos como as famosas últimas palavras de Lamarca (parte de um diálogo que agora se revela ficção fabricada nos quartéis): "Sei quando perco".

Dizer que a fêmea é superior ao macho não me parece diferente de outras generalizações tão estúpidas quanto preconceituosas, como afirmar que o negro é pior do que o branco ou que os baixinhos são mais traiçoeiros do que os altos.

Quem anda querendo bajular feministas deveria se ater a um ponto em que as mulheres parecem de fato insuperáveis: a versatilidade.

Obrigadas, através dos milênios, a dominar a arte da dissimulação para alcançarem seus objetivos, as mulheres se tornaram versáteis mesmo. Mudam de função e papel com rapidez e agilidade impressionantes.

*

Eu, que ao contrário de Chico César nunca fui mulher, estou penando por minha cintura dura na hora de alternar ou exercer simultaneamente diferentes papéis.

Acumulando temporariamente as tarefas de pai, mãe, namorado, repórter, editor e cronista, venho me enrolando perigosamente na teia multimídia da vida.

Escrevo para vocês pensando na escola de minhas filhas...

Mulher não, troca de máscara como quem troca de máscara...

*

Mas, por favor não tomem minha provocação como implicância. É apenas um elogio.

*

Na verdade, não era sobre nada disso que eu queria falar.

O assunto da crônica de hoje seria o cigarro. Este canudo ardiloso de prazer, como ensinou Oscar Wilde, vicia por nos trazer o que mais perseguimos: a insatisfação.

Longe de mim defender o hábito de fumar, perto de mim defender um e cada um dos fumantes. Eu inclusive.

Ninguém provou até agora que existe o fumante passivo. É claro que, seguindo a Carta Magna não escrita do Bom Senso, o ideal é ter áreas para fumantes e outras com ar livre da fumaceira.

Agora surge a lei mancada que torna o Brasil numa imensa Califórnia. Ou melhor, a lei importa somente o pior da Califórnia, aquele estado americano onde ninguém quer morrer e por isso prefere levar uma vida de obsessão com a saúde, na negação neurótica e desesperada do inevitável.

A proibição do cigarro em quaisquer ambientes fechados é um tropeço fascista do governo. Os direitos dos não-fumantes só existem se os fumantes também tiverem os seus direitos. A histeria fundamentalista antitabaco é tamanha que mesmo antes da lei estabelecer punições para os que a desobedecerem, restaurantes já cumpriam com ardor e paixão.

Então, tá bom: se esta lei pegar, é obrigação moral e cívica da

nação fazer com que todas as leis que nunca pegaram passem a vigorar integral e imediatamente, combinado? É uma oportunidade única para o país se livrar da tradição de possuir leis que não pegam!

*

Além disso, beira o mau gosto fazer todo esse estardalhaço acerca do cigarro neste país em que os motoristas até hoje não aprenderam a dirigir. Aqui, os carros são guiados como se estivessem cruzando um deserto. Cada automóvel se move como se não houvesse nenhum outro veículo por perto.

E mais: juntando a barbárie de nosso trânsito com a questão da discriminação de fumantes, uma questão muito mais dramática emerge. Se é para controlar o comportamento de viciados e salvar vidas, está na hora de fazer valer a lei que proíbe a condução de veículos por indivíduos alcoolizados.

Pois o número de vidas perdidas estupidamente pela combinação de bebida e volante ainda supera, e muito, as estatísticas de morte por causa do fumo.

Vamos aprender a dirigir, a beber e a fumar.

Cada coisa no seu tempo, e lugar.

agosto/96

BRASIL AOS PEDAÇOS

"O Brasil é uma república cheia de árvores e de gente dizendo adeus..."

Era mais simples o Brasil que Oswald de Andrade definiu na frase quase verso". Não temos mais tantas árvores, mas talvez tenhamos muito mais gente dizendo adeus.

É verdade que depois do real ficou mais fácil encontrar brasileiros gastando a sua recém-descoberta moeda forte em viagens turísticas do que "refugiados econômicos" buscando a sobrevivência em terra estrangeira.

A cada encontro com um brasileiro de passagem pela Europa, uma versão diferente do País. De versão em versão, oscilamos entre a saudade e a aversão...

Não diria que são doses homeopáticas, qualquer dose de Brasil tem sempre algo de cavalar. Mas, aqui fora, a gente recebe o Brasil aos pouquinhos, ou melhor, aos pedaços. Antes ainda, consome diferentes brasis, conforme a fonte.

Há a versão impressa do Brasil, que os expatriados recebem nas revistas e jornais. Notícias que ganham destaque na imprensa nacional nos chegam filtradas pela distância. Muitas vezes, fica flagrante a importância exagerada atribuída a alguns eventos, nesta nossa busca ansiosa por escândalos e crises. Em outros casos, notícias escondidas em cantinhos de páginas nos surpreendem pelo absurdo e, maior absurdo, estas sim soam como um grande vexame.

*

Os correspondentes têm acesso a outros fragmentos de Brasil. Na semana passada, tive um dia de Brasília, em Barcelona. Acompanhei a rápida passagem do presidente Fernando Henrique pela capital da Catalunha. FH parece abre-alas de um antigo bloco carnavalesco do Rio de Janeiro: o "Charme da Simpatia". Nosso presidente esbanja charme e simpatia e me faz lembrar de João Figueiredo.

Calma, calma, eu explico! Durante o mandato do nosso triste último presidente militar eu ouvia amigos afirmarem que Figueiredo tinha a cara do Brasil mesmo, que era um retrato de nossa cafajestice. Na época, procurávamos nos identificar com o que o Brasil não tinha de Figueiredo, tentávamos nos convencer de que o País, apesar de mal-educado como o general, não merecia uma cara tão feia. Hoje, acontece o contrário. Queremos acreditar que Fernando Henrique é a cara do Brasil, mas isso seria querer demais. Em suas viagens, tão criticadas pelo "umbiguismo" brasileiro, o presidente representa o nosso melhor, não necessariamente um retrato fiel da nação. Não, o País ainda não é tão elegante, brilhante, ou astuto como FH.

*****

Quando abre a boca, em improviso, Fernando Henrique envia arrepios às espinhas protocolares dos diplomatas. Em discurso informal, na sede do governo catalão, na véspera da chegada à índia, o presidente tão educado comete uma gafe irremediável. Afirma ter passado por Barcelona para comer bem pela última vez antes de chegar a Nova Dehli...

Tudo bem, a frase se explica pelo trauma de quem, nas duas visitas anteriores à índia, passou grande parte do tempo no banheiro, por conta dos temperos locais. Mas, pelo figurino, certas coisas não devem ser ditas nem de cuecas limpas...

De Barcelona, parto para Genebra e encontro outro fragmento de Brasil. Páginas vivas do livro *Cidade Partida* de Zuenir Ventura.

"Tinha ido ao dentista. Sensual, com o cabelo escorrido pela chuva, não sei o que faz ali. Veio do dentista, mas parece ter saído de um clip de *Que Maravilha,* de Jorge Benjor."

Assim, Zuenir apresenta Rose, moça de Vigário Geral, atriz e agora estudante de hotelaria na Suíça. Nas ruas de Genebra, ela ainda ostenta a sensualidade e o sorriso musical. Só que agora aparece penteada e encasacada, ao abrigo da chuva e da neve, mas ainda linda.

Rose tem o dom para aprender línguas, já fala francês bem razoavelmente depois de seis meses numa cidade infestada de portugueses. Aos 22 anos, Rose tem uma filha de quatro e o coração dividido entre as saudades da menina e as oportunidades que a vida está lhe oferecendo. Se quisesse, Rose não precisaria voltar ao fim da bolsa de um ano na Suíça. Todos se encantam pela inteligência e rapidez mental da moça. Ela me diz o que aprendeu de mais importante em sua temporada suíça: "Para cada coisa que a gente ganha, uma outra coisa é perdida..."

O privilégio que divide o coração da filha da cidade partida surgiu das mãos de outra personagem da obra de Zuenir. Maria Bourgeois foi manequim de Pierre Cardin e mora na Suíça há oito anos. Com dinheiro para gastar a vida em futilidades, Maria preferiu investir suas energias em causas urgentes, como a das crianças pobres do Brasil.

Munida de determinação e alto astral, Maria Bourgeois criou o "Comitê Pour la Vie" e conseguiu o apoio da prefeitura de Genebra e de alguns banqueiros para financiar projetos no Rio. Graças ao seu esforço, Vigário Geral ganhou uma creche, a fundação Calouste Gulbenkian acrescentou a suas numerosas atividades uma escola de beleza e, logo, o Rio terá uma escola de *restauration,* comandada por cozinheiros e *maitres* suíços.

Além de Rose de Vigário Geral, um moço da Rocinha também está aproveitando um ano de bolsa de estudos em. Genebra. Com seu jeitão ultracarioca, Ricardo não imagina como acertou na mosca, ao contar o que aprendeu fora do Brasil: "Aprendi a ter limites. No Brasil, muita gente acha que a vida não tem limites. Mas tudo na vida tem seu limite, seu ponto, seu fim. Aprendi algo fundamental para quem quer viver em paz, aprender e progredir. Aprendi disciplina".

fevereiro/96

UM VELHO PAÍS JOVEM

Quem acompanha o noticiário sobre as barganhas, os nojos e vergonhas das negociações políticas da reforma da previdência parece estar diante de um tema abstrato, de problemas hipotéticos, de mais uma jogada do "neoliberalismo"... A irresponsabilidade disseminada só pode ser filha da ignorância. Se não, é parte de um plano de intenções genocidas. Vamos passear por meia dúzia de números.

O censo de 90 surpreendeu o Brasil. A imagem que projetávamos do País não foi confirmada pelas estatísticas. Crescemos menos do que esperávamos e as projeções que faziam do ano 2000 a data para 200 milhões de brasileiros se revelou um palpite furado. Em 1981, a população com menos de 10 anos de idade representava 25,7% dos brasileiros. Em 91, esta percentagem caiu para 22,9%. Os brasileiros entre 10 e 17 anos somavam 19% em 1981 e decresceram para 17,8% em 1990. Já a população na faixa etária de 17 a 59 anos passou de 48,9% para 51,6%. E os idosos, segundo a Organização Mundial de Saúde aqueles com mais de 60 anos, deixaram de ser apenas 6,4% e em 1990 já eram 7,7% da população. Agora, apaguemos toda essa numerália da cabeça e traduzamos em miúdos. As diferenças percentuais verificadas na década de 80 foram apenas o prenuncio de um fenômeno que em menos de dez anos se fará sentir em toda a sua dimensão. Enquanto nos países ricos do hemisfério norte o século XX trouxe o envelhecimento gradual da população, esta mesma tendência se repete agora nas grandes nações em desenvolvimento, como a índia e o Brasil. Se nos países ricos, este aumento da população de velhos, com uma velhice cada vez mais longa, foi o bastante para quebrar previdências e desmontar "Welfare States", o que esperar em países

pobres, como a índia, ou socialmente injustos, como o Brasil?

*

Segundo a associação de aposentados dos EUA, para cada ano funcionalmente ativo, o ser humano hoje tem três anos e meio de vida funcionalmente comprometidos.

*

A ONU tem a projeção do aumento da população de idosos, do período de 1950 a 2025. Nos Estados Unidos, o crescimento será de 363,8%; no Japão, de 517,2%; na índia, de 429,3%; na China, de 668,5%. No Brasil, este autoproclamado país jovem, até 2025, a população com mais de 60 anos de idade crescerá 1.514,3%! Se mal e mal damos conta de nossos velhinhos agora, como iremos lidar com este perfil nacional? E, caro leitor em idade funcional, estes velhos seremos nós... E sabe quem não vai querer pagar a conta? Nossos filhos... Enquanto isso, assistimos ao triste espetáculo de nosso Congresso a brincar com o fogo de reformas inadiáveis.

*

Onde existem, nossos serviços de assistência social se concentram nas crianças, a face mais visível e assustadora da desagregação social. Quando estive na notória favela de Vigário Geral, acompanhei os projetos que cuidam das crianças de rua e procuram profissionalizar a juventude. Os velhos de Vigário morrem, apodrecem, em casa. O máximo que se consegue é um carro para transportar o defunto.

*

Já na classe média brasileira, a última geração de velhos remediados aproveita a praia de Copacabana. Eles foram aqueles jovens que compravam um imóvel antes dos trinta anos de idade, daquela época quando arranjar um emprego implicava marcar o casamento e constituir família. Hoje, arranjar um emprego não é garantia de nada e comprar um apartamento é façanha que não se realiza antes dos 40, se é que se realiza...

*

Sabemos que nosso código genético é 98,6%, por aí, idêntico ao chimpanzé. Sabemos também que entre o 1,4% de genes que diferem de nosso primo símio, nenhum determina uma diferença tão abissal como a que existe entre homens e macacos. Há uma teoria que afirma ser o gene que nos permite elaborar sons sofisticados, viabilizando portanto a linguagem, que nos fez humanos. Mas, durante milênios, o ser humano já tinha esta composição genética e nenhum progresso, isto é, necas de cultura. Até que os Cro-Magnon deram o salto quase instantâneo, enigmático até hoje.

*

Parte do mistério dos Cro-Magnon tem explicação: antes de criar a escrita, os homens ultrapassaram de longe os outros animais, pois possuíam um meio de transmissão de conhecimento. Tinham velhos.

maio/96

VAI ENTENDER O BRASIL...

Vai entender o Brasil!

Na Bienal do Livro de São Paulo, o jornalista Claudiney Ferreira, veterano repórter do mercado editorial brasileiro, me conta que este mercado é 30% maior do que o francês! É claro que isso não quer dizer que na França se leia menos do que aqui, país onde quem não é analfabeto só lê por obrigação. Esse tipo de estatística nos espanta, como o menino que olha a fita métrica duas vezes, abismado com o próprio tamanho. Mesmo com nossa legião de excluídos, somos um baita mercado, como diria o gaúcho...

Vai entender...

Falar de poesia sempre foi a melhor maneira de botar um editor para correr. Pois não é que no estande da Editora Record, a dona dos maiores *best-sellers* importados, os dois títulos mais vendidos foram volumes de poesia brasileira: *Farewell,* de Carlos Drummond de Andrade, e *Livro Sobre Nada,* de Manuel de Barros.

Só mesmo poetas seriam capazes disso... A poesia está muito acima!

Aliás, tive uma noite maravilhosa de poesia, no auditório número seis do monstruoso Expo Center Norte. Lá, reencontrei sobre um palco os amigos Claufe Rodrigues e Luiz Petry. Juntos, quando jovens, os três amigos fazíamos recitais em bares cariocas. Pretendíamos apresentar um espetáculo de leitura de poemas que rivalizasse com um *show de rock...* Isso no início da década de 80, época do, com o perdão da má palavra, *boom* do *rock* nacional!

*

Não ganhamos nenhum disco de platina, mas não fizemos feio. A platéia se divertia, muita gente gostou e copiou a idéia, publicamos um livrinho, e guardamos boas histórias para contar...

Tanto não foi em vão que, 12 anos depois, fomos convidados pela Bienal para falar poesia. O nobre professor Cláudio Willer mal pôde nos apresentar. Os Camaleões, como éramos conhecidos, não conseguiram conter a excitação e iniciaram desabaladamente o recital... Graças à inteligência de Luciana Villas Boas, os poetas se acalmaram e conversaram como gente civilizada. Mais ou menos, eu diria. Pois, ficávamos os três quicando sobre as cadeiras, aproveitando a menor deixa para levantar e declamar versos.

Além da alegria do *revival,* entusiasmou-nos a possibilidade de ler poemas recentes, que nunca tinham sido testados no palco. E trata-se de algo mágico, quando funciona...

*

Quando Luciana se dirigiu à platéia, "alguém tem alguma pergunta?", dois poetas já desandaram a declamar. Recital sempre acaba assim...

*

Vai...

Durante o rodízio, pode-se freqüentar o trânsito de São Paulo. O ideal seria que a escala de placas por dia, ou algo assim, existisse em caráter permanente. Melhor alguns andarem menos para que todos andem...

Entender o Brasil...

Na semana que vem, Guilherme de Pádua e Paula Thomás vão

à corte. Mais do que os julgamentos do Massacre da Candelária e da Chacina de Vigário Geral (a propósito, o julgamento foi sendo adiado, adiado e cadê?), o caso Daniela Perez será o nosso equivalente ao espetáculo americano de O.J. Simpson.

Acompanhei de longe, de Londres, o assassinato que ganhou as páginas de todos os jornais do mundo. Notícia cheia de ingredientes espetaculares, ficção e realidade entrelaçadas, a história do apunhalamento de Daniela é um "clássico do jornalismo", como diria o cínico, ou um "espetáculo jurídico", como diria o estudante de Direito.

Tudo indica que vai ser uma barbada para a acusação. Guilherme e Paula estão em péssimos lençóis...

*

Tive uma breve entrevista com Paula Thomás. Não me pareceu um modelo de saúde mental, mas isto muita gente que não é assassina também não pode pretender.

Seguindo ferreamente as orientações de seu advogado, Paula parece uma marionete repetindo a versão de um álibi frágil...

Guilherme muda de versão, a cada semana, e quando abre a boca não dá ouvidos ao advogado.

Guilherme e Paula ilustram exemplarmente um perfil contemporâneo: jovens que não possuem nenhuma espécie de código moral orgânico. Quero dizer, gente em quem a sociedade não conseguiu introjetar uma sensação física de compaixão. Daí, que dá para identificar o medo nos olhos de Paula e Guilherme, mas culpa não.

agosto/96

AO ENCALÇO DA POESIA

De vez em quando, me punha a seguir aquele homem que andava como se desejasse ser invisível, como quem quisesse se esconder do mundo.

Ele não me conhecia, mas eu o amava intensamente.

Guardava vinte metros de distância e obstinadamente o acompanhava até sua casa. No caminho, ele costumava parar numa livraria, espiava, entrava em outras lojas, carregava quase sempre um embrulho.

Alguns passantes o reconheciam, mas ninguém o abordava. Eu passava um bom tempo construindo mentalmente uma frase, imaginando a coragem de falar com ele. Nunca falei.

Mesmo assim, me imaginava espectador da concepção de um novo poema, de uma crônica, que nascesse daquele passeio pelas ruas de Ipanema.

Procurava nos jornais dos dias seguintes alguma referência a imagem ou evento que tivéssemos ambos presenciado. Ele como poeta, eu como perseguidor da poesia.

Eu queria entender como.

*

Muitos anos mais tarde, ele já morto, um livro me ensinou a origem e destino de muitas dessas caminhadas. Ele voltava da casa de uma amiga, íntima, que compartilhou de muitas tardes de sua vida. Retornava do amor amante para casa.

Mas eu não sabia. Aliás, ninguém sabia e quem desconfiava não

ousaria abrir a boca para falar da intimidade do poeta.

*

Não era apenas pela mensagem inequívoca que seu corpo curvado e o andar de funcionário público emanavam. As pessoas não se aproximavam dele, por reverência e temor. Timidez dele, talvez...

E como era muito sábio, e como sabia de coisas que não se aprende nos livros, ninguém hesitaria em condená-lo à imensa solidão dos gênios.

Só que, na intimidade, o poeta falava mais do que a boca. Quem compartilhou de sua conversa em ocasiões sociais, lembra de sua tagarelice.

Caetano Veloso conta uma história adorável. Diz que uma vez, Caetano narrou ao poeta uma conversa que teve com Caymmi. O doce Dorival teria dito que conseguia se abstrair das coisas ruins do mundo. "Só penso em coisa boa!", afirmou Caymmi.

Ao ouvir a frase, o poeta replicou: "E nós, hem, Caetano? Que só pensamos em coisa ruim?".

Agora lançaram poemas inéditos daquele homem que eu costumava seguir pelas calçadas de Ipanema. Um livro de adeus á vida, belo e melancólico, poesia de primeira.

Já disse, andava atrás dele buscando a explicação: O que faz dele um poeta? O que ele está vendo agora? Como? Em que estará pensando? Onde nasce a poesia?

*

Difíceis respostas...

De qualquer jeito, o hábito de perambular pela cidade eu

conservei e posso dizer que é algo inspirador. As pernas batem e a cabeça se perde dos pensamentos. Deixar esvaziar. Mais ou menos, o mesmo processo que acontece ao brincarmos com joguinhos de computador. Ocupados na tarefa mecânica de vencer a máquina, liberamos o inconsciente e vamos criando um nada mental, terreno fértil para a criação. Mas a rua ainda é melhor do que a realidade virtual, talvez até mesmo mais real...

*

O homem que eu perseguia pelas ruas, vocês já devem ter adivinhado, era o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Aliás, acabei me estendendo demais sobre o assunto e nem comecei a falar do que tencionava dizer.

Pretendia discorrer sobre as diferenças entre o texto de telejornalismo e o texto poético. Ia falar sobre as duas funções da linguagem, descritas por Walter Benjamin, a função de comunicação e a de expressão; dizer que em jornalismo ninguém se expressa e que não é elogio chamar repórter de poeta. Iria lembrar que, às vezes, a forma sintética de dizer as coisas em televisão cria construções quase-poéticas, mas que poesia mesmo quem faz é a câmera...

Ia também falar do tesouro que a escritora Eloí Calage guarda em Goiânia. Da correspondência que ela manteve por 30 anos com Mário Quintana e da biografia imaginária que ele a encarregou de organizar. Pensava em reproduzir uns trechinhos das cartas de Quintana para Eloí, uma de suas mais queridas musas. Como este: "...esperei teus anunciados telefonemas, cheio de desespero e fome..."; ou este, sobre as críticas ao livro infantil *Pé de Pilão* pelo emprego de palavras como "relambório" ou "sacripanta": "...Respondi-lhe em carta que eu não as tinha empregado por serem difíceis e sim por serem engraçadas e

que as crianças adoram as palavras escalafobéticas...".

Mas não falei de Quintana e sim de Drummond, tá bom?

julho/96

ESPORTE, O *SHOW DA* DOR

Eu, por mim, virava samambaia durante todos os Jogos Olímpicos. Contanto que o vaso fosse colocado diante da televisão.

Por que a gente gosta tanto de esporte?

Creio que funciona de forma semelhante à comédia. Para fazer o espectador rir, não basta ao cômico dizer coisas engraçadas. O cômico tem de ser engraçado, não a piada que ele conta. Tem de ter *funny bonés,* como dizem os ingleses. Pois o público só acha graça no sofrimento genuíno do ator. Fazer rir é a arte de sofrer.

O que isso tem a ver com as Olimpíadas? Bom, não é apenas durante a festa de abertura dos jogos que presenciamos um espetáculo digno de império romano. Sei que a analogia é manjada, mas os jogos são mesmo coisa de gladiadores.

Mas, onde estão os leões, perguntaria o leitor?

E eu responderia: os leões somos nós...

*

Assistimos às competições saboreando o gosto de sangue humano, fruindo a dor alheia. É aquele barato catártico mesmo: enquanto eles sofrem, o meu sofrimento está suspenso ou até mesmo justificado e, diriam os cristãos, perdoado...

*

Fui atleta, cheguei a ser profissional. Graças ao esporte, pude concluir os meus estudos, como bolsista. Quando percebi que não

passaria da mediocridade esportiva, isto é, que nunca iria a uma Olimpíada, deixei a bola cair.

Mesmo assim, até hoje padeço das conseqüências de minha carreira atlética. Meu tornozelo direito quase não tem mobilidade, dói quando a temperatura muda, incha de vez em quando. Do joelho esquerdo, não restou menisco para contar a história. E, graças a uma fisioterapia incompleta, a musculatura da perna esquerda é insuficiente para agüentar o tranco. Isso vem agravar os problemas de coluna adquiridos com tantos anos de pula-pula embaixo da cesta. Sem falar do cotovelo direito e dos dedos de ambas as mãos, todos quebrados. Em uma frase: sou bichado.

*

Agora, imaginem este pessoal de nível olímpico.

Oscar já declarou que não consegue ir ao cinema. Ficar sentado durante duas horas é demais para o corpo de nosso gênio do basquete.

E é assim com todos os grandes. Mesmo porque um atleta nunca'entra numa competição com 100% de suas condições físicas. Tem sempre uma dorzinha, uma velha lesão, uma contusão recente, nada que uma boa bandagem ou massagem e um aquecimento não disfarcem durante os minutos de combate. Depois? Depois, o corpo todo chora...

*

Então não é a nossa admiração pelos homens que superam os limites do bom senso que nos prende ao espetáculo. Mais uma vez, todo comediante sabe disso: o público sempre se identifica com o perdedor, o mais fraco, não com o vencedor.

Tá certo, tem a paixão nacionalista que nos faz vibrar com cada

parca medalhinha. Mas o grande *show* olímpico não é a vitória, e sim a derrota. A derrota, a dor, a lágrima, o desespero.

Isso dá dinheiro...

*

Falei acima de parcas medalhas brasileiras. Não é bem isso. Estamos bem como nunca estivemos. Parece que Carlos Arthur Nuzman vai repetir no COB a revolução que patrocinou no comando do vôlei.

Nuzman pode ser o novo Havelange, melhorado.

Eu cheguei a ver Nuzman jogando no time de vôlei do Botafogo. Era uma peste. Ótimo jogador, mas indisciplinado, catimbeiro, incontrolável. Toda aquela obstinação do atleta Nuzman se mantém viva sob o verniz sofisticado do dirigente.

Nuzman não esconde sua admiração pelo todo-poderoso presidente da FIFA. João Havelange é um dos políticos mais impressionantes que já conheci. Frio, implacável, uma máquina.

No fim da Copa de 1994, Havelange me contou, orgulhoso:

— Lembra-se da cerimônia de abertura? Helmut Kohl, Al Gore e outros políticos tiraram seus paletós e afrouxaram as gravatas, suando em bicas sob o calor de mais de 40 graus. Pois eu permaneci impecável. Tenho tal autocontrole que não transpiro. Eu não suo.

Este é o estilo do homem que é recebido com honras de estadista em todos os países do mundo. Dele, e *do* esporte que ele domina, depende a estabilidade social de muito país por aí...

*

E mais impressionante nesta figura assustadora: Havelange só fala português e francês. O dono do mundo da bola não fala inglês.

julho/96

A VIDA NÃO É COMO ELA É

Agora, andam reconhecendo Zagallo. Mas, durante muitos anos, o esportista com o maior número de títulos no futebol mundial era tratado por seus compatriotas como um pereba. Em outros países, qualquer futebolista com um quinto do currículo de Zagallo seria festejado e tombado como patrimônio histórico nacional. Depois de muito tempo de esnobação, foi necessário que a nova geração de jogadores viesse em defesa do velho Lobo, dizendo: Zagallo é gênio!

Até Pele, ainda mais agora que é ministro, às vezes é tratado como se fosse apenas mais um e não o atleta do século.

E agora resolveram fazer campanha contra Caetano Veloso, o maior poeta melopaico da língua portuguesa.

No Brasil, qualquer um que se eleve à altura do meio-fio atrai imediatamente a turba de apedrejadores medíocres.

A não ser que morra logo. Aí, o funeral vira uma festa da inestimável perda daquele que tanto amamos. Reconhecimento por aqui só no túmulo.

*

Fiz este preâmbulo para falar de Daniel Filho. Depois de uma vida dedicada à televisão, Daniel chegou à maestria. Ele está no auge de seu ofício de criador. O tempo em que ficou fora da Globo e criou a série *Confissões de Adolescente* serviu para que o homem de vídeo Daniel Filho perdesse a reverência diante da película.

Já no primeiro episódio de *A Vida Como Ela É* ficou evidente que

Daniel alcançou o objetivo mais difícil da tarefa de um contador de histórias, a simplicidade. Sua direção, de câmera e de atores, prima agora pela depuração. Sem deixar de ser popular, Daniel Filho criou uma narrativa elegante, fiel a Nelson Rodrigues, com apelo universal e sofisticação.

Arnaldo Jabor definiu com precisão o estilo de direção de *A Vida...:* Daniel está dirigindo como Joseph Losey..., disse Jabor, que é de longe uma das maiores autoridades em Nelson Rodrigues.

*

Posso imaginar a tristeza e o desânimo de Daniel ao ler críticas escritas por meninas que podem fazer muito bem suas coluninhas de fofocas, mas que não entendem patavinas de TV, Nelson Rodrigues ou direção de cinema.

Em resumo, Daniel leva uma vida para chegar ao domínio de sua arte, para ser avaliado por gente sem autoridade para dizer bom-dia.

Tá dada a bronca.

Desculpe o mau jeito, mas neste momento em que se fala do renascimento do cinema brasileiro, Daniel Filho deveria ser chamado a dirigir um longa depois do outro. Quando a cultura audiovisual brasileira finalmente forma um profissional apto a fazer cinema de qualidade internacional, a última coisa que Daniel Filho merece é ler críticas assinadas por pés-de-chinelo. Daniel merece sim um produtor de visão que se aproveite de sua maturidade artística.

*

Como prometi na semana passada, vou reproduzir, já, já, trechos inéditos de minha entrevista com Salman Rúshdie. Antes dos *Versos Satânicos,* Rushdie já tinha o reconhecimento da crítica literária. Com o

escândalo que se seguiu à publicação dos *Versos...,* ninguém disse uma palavra sobre as virtudes ou defeitos do romance. Agora, por fim, surgem algumas análises isentas daquele romance. E críticas consagradas do novo livro, que estou lendo com prazer enorme.

Bom, fiquem com Salman Rushdie:

"A idéia de *O Último Suspiro do Mouro* surgiu quando pensei como era cômico o fato de Vasco da Gama ter inaugurado esta colossal conexão histórica entre Ocidente e Oriente, por ter chegado à índia, não como conquistador, e sim em busca de pimenta, o "Ouro Negro" de Malabar. Então, pensei em erguer meu romance a partir do mesmo ponto: um grão de pimenta."

"O livro tem duas camadas, como o quadro no centro da trama: uma pintura que desapareceu, coberta por outra pintura feita sobre a anterior. Como a realidade da índia: uma camada de luz, sensualidade e alegria; e outra trágica, melancólica, escura. E a camada escura fica borbulhando através da luz superficial."

"Uma vez, numa livraria, peguei um volume e não consegui mais desgrudar. Era *Epitaph for a Small Winner* (Memórias Póstumas de Brás Cubas), de Machado de Assis. Machado foi decisivo na minha formação de escritor. É quase inacreditável que Machado tenha escrito há mais de cem anos. Ele é um dos maiores fundadores do moderno. Em seus livros, o *status* do texto está sempre em questão, a pergunta surge a cada página: quem está contando a história? Confiamos nele ou não?"

"O fenômeno do fanatismo inclui o russo Jirinovsky e o americano Pat Buchanan. Ygal Amir e os fundamentalistas hindus."

"A melhor arma contra a intolerância é o espírito lúdico, a brincadeira."

"Estou começando a escrever um novo livro. O personagem principal do romance, infelizmente, é um cantor de *rock."*

abril/96

SAUDADES DE PARREIRA

Tem alguém aí com saudades do Parreira? Difícil... Mas ele não teria perdido aquela semifinal olímpica contra a Nigéria, não. Ou melhor, cabeça militar que é, Parreira não deixaria de ter um capitão em campo. Nosso Bebetinho é um bom jogador, mas não tem personalidade para envergar a braçadeira e Zagallo deveria ter se dado conta disto. E no segundo tempo contra a Nigéria, sentimos falta de um capitão, entre outras coisas. Tivéssemos um líder em campo, não apenas aquele segundo tempo teria sido diferente como também o genial Ronaldinho teria levado uma bronca histórica quando da mijadinha no meio de campo. Zé Elias tentou ser o novo Dunga e merece todos os elogios, mas ainda é muito menino...

Todo mundo torce o nariz à menção da seleção tetra-campeã em 94. Mas aquele time era competitivo, como a Nigéria foi competitiva, na Olimpíada. A seleção olímpica não estava preparada para as peculiaridades do torneio e isso ficou claro desde o primeiro jogo. Até os japoneses se comportaram de maneira mais competitiva.

O pragmático Parreira preparou uma equipe para vencer aquela competição. Para isso, compôs como químico, a formação dos onze. É claro que ninguém vai dizer que Parreira fez falta, mas muita gente vai agora lamentar a ausência de Romário. No entanto, Romário só fez a Copa que fez porque Parreira escalou Dunga para marcá-lo 24 horas por dia. Os dois dormiam no mesmo quarto. Dunga acompanhava Romário como cachorro, amigo fiel e guarda ao mesmo tempo. Graças a isto, Romário foi um atleta exemplar na Copa dos EUA.

*

Sei que me repito, mas não faz mal: Parreira sofre a rejeição nacional por enfrentar no campo de futebol uma distorção cultural brasileira. O time de Parreira era disciplinado, e na nossa confusão nacional, disciplina exclui criatividade. Daí que a disciplina da seleção irritava a alma dos brasileiros. Como podíamos estar jogando igual aos gringos? Não tem graça vencer sem jogar a bola debaixo das pernas do adversário, não vale ganhar sem permanecer inferior. Luís Fernando Veríssimo já diagnosticou que a vitória só nos é suportável quando chapliniana, o vagabundo chutando a bunda do policial e saindo correndo.

*

Contra a Nigéria, eles eram os vagabundos. E que vagabundos charmosos, atrevidos, fortes, arrogantes...

Diante dos africanos, nós somos os gringos, o *establishment.* Só que falta sangue à nossa arrogância, falta franqueza à nossa ambição. O grito de Caetano Veloso no clássico *Língua* continua a cair em ouvidos moucos: "Sejamos imperialistas, cadê?"

*

Sim, Parreira fez falta, ou pelo menos o pragmatismo de Parreira fez falta. E mais: o preparador Moracy Santana fez falta. Nossos craques olímpicos morriam já no início do segundo tempo...

Sim, ficamos carentes de equilíbrio defensivo. Só avança quem não precisa recuar desesperadamente, pois sabe que tem uma base lá atrás.

*

Foi até bom perder da Nigéria. Uma final é sempre imprevisível, mas me arrepio só de pensar no nosso timinho olímpico diante da máscula equipe argentina. "Antes uma morte súbita do que uma morte anunciada", me disse o amigo Ronan Soares.

*

Quem sabe foi mais uma importante lição no nosso aprendizado da derrota. Não sabemos perder e desconfio que ainda não sabemos ganhar.

*

Ainda bem que em vez de pátria de chuteiras, agora somos, como disse Marcos Uchoa, "a pátria de biquíni..."

*

Desculpe submetê-los a este papo ranheta de futebol, mas todas as nossas virtudes e vícios aparecem de forma tão clara no espelho da grama que é duro resistir às analogias.

Naquele estupendo segundo tempo nigeriano, nos faltou o líder que mordesse as orelhas adversárias e as nossas próprias. Não temos líderes e quando eles aparecem não temos a coragem de reconhecer sua autoridade.

E como isto tudo já aconteceu há muitos séculos, fico por aqui mordendo os lábios e a língua à espera da vitória africana. Se bem que

os argentinos...

Ah, só mais uma coisinha... Reconhecer os próprios erros não é humildade, não. Reconhecer e aprender com os próprios erros é ambição.

Quem se habilita?

julho/96

BYE BYE BRASIL

Volto amanhã para Londres. Digo *"Bye Bye* Brasil", com um misto de saudade e alívio. Para o expatriado, cada volta à terra natal traz uma torrente de nostalgia quase insuportável. Depois de quase oito anos em Londres, quando volto ao Brasil não me ocorrem lembranças de 1987 ou 1988, quando deixei de morar aqui. As memórias que as pedras das ruas e dos prédios me trazem vêm de muito mais longe. Cada esquina, cada ônibus, cada escola me transportam à mais remota infância.

Vejo os *shoppings* e lembro a Casa Osório, mercearia da deliciosa Ipanema dos anos 60. Busco o sorvete de manga, com a avidez de um órfão. Quero as casas com janelas, as janelas sem grade, outros carnavais... E assim, amando o perdido, fica confundido e triste este pequeno coração...

*

Como os russos, brasileiros não conhecem equilíbrio em sua auto-estima. Nosso esporte predileto é maldizer o país. Tanto desprezo cede lugar, em ocasiões hipomaníacas, a um resistente e ridículo ufanismo. Como bárbaros, brasileiros tratam a vida como se tivesse pouco valor. Basta ver a forma como se dirige nas estradas e grandes cidades. Como norte-americanos, amamos a competição. Mas, ao contrário dos primos do Norte, temos ainda mais apreço pelo fingimento. Qualquer postura mais assertiva encontra uma oposição velada e impenetrável.

Quem quer algo neste País deve agir como se nada desejasse. A etiqueta maldita exige uma disfarçada malemolência, para não ofender a

"bundemolência" geral. E somos orgulhosamente indisciplinados. Como se disciplina e criatividade fossem mutuamente excludentes, a gente se arrepia diante da idéia de organização. No Rio, o onipresente sinal de nossa indisciplina está nos carros estacionados sobre as calçadas. Isto não existe em lugar nenhum do mundo.

No entanto, o Brasil mudou e está mudando. O País está mais maduro, e mais cínico. Lamentavelmente, buscamos escândalos nos lugares errados e deixamos de enxergar os grandes vexames de cada dia. Difícil conquistar prosperidade num país onde possuir qualquer coisa nos traz, no mínimo, desconforto moral, além de guardas, guaritas e metralhadoras. Porém, o Brasil, me perdoem a palavra, é moderno. Temos vitalidade e talento, virtudes obstruídas pela indisciplina citada há pouco e pela ausência de conservadores que mereçam este nome. Quem não conserva, não avança.

*

Monsieur Roux é motorista de táxi especial no Rio. Deixou Marselha há cinco anos, e não pretende voltar. Trabalhando duro, o imigrante francês já acumulou um patrimônio que não logrou conquistar em toda a sua carreira de engenheiro.

— É só trrrabalharr..., garante o europeu, longe da competição barra-pesada do Velho Mundo.

As greves na França vêm apenas ilustrar uma contradição que torna sem sentido a recuperação da economia. Os empregos que se perderam durante a recessão não voltarão mais. Aliás, não foram só os empregos que acabaram, o próprio conceito de emprego está ameaçado.

*

Ninguém tem idéia de como será, por exemplo, a redação de telejornalismo num futuro bem próximo. Hoje, os jornalistas ocupam os terminais de computador, para escrever matérias, e dependem dos técnicos para compor a sua edição de imagens.

Um provável cenário do que está por vir já existe numa televisão de Taiwan e será experimentado já em 1996 nas inglesas BBC e ITN. Nos mesmos terminais, onde hoje redigimos matérias e consultamos as agências, teremos acesso ao arquivo de texto e de imagens. Além disso, as imagens recém-chegadas da rua estarão imediatamente disponíveis no próprio computador. Além de escrever o texto, o redator vai montar as imagens no seu terminal e, se quiser, narrar a matéria ali mesmo. As chefias terão acesso simultâneo a este material, podendo interferir no momento mesmo da concepção da história. Alterações e atualizações poderão ser feitas de forma instantânea.

Não se trata necessariamente de um extermínio indiscriminado de profissionais. Este tipo de procedimento deve ficar restrito ao chamado *hard news,* o dia-a-dia. Mas a natureza de nossa profissão passa por grandes transformações. Não é ficção: logo, quem vai paginar o telejornal será o espectador, quem vai decidir a primeira página será o leitor.

*

Para estações locais, o futuro da televisão parece passar pela DVC, "Digital Video Camera". Pelo preço de uma câmera profissional, compra-se dez DVCs, com qualidade de imagem profissional.

Os defensores da idéia argumentam que o modelo das equipes de televisão veio do cinema, e foi ditado por uma tecnologia já obsoleta.

Repórteres de televisão usariam a câmera como repórteres de jornal usam a caneta. Isso permitira não só mais agilidade, como

também mais ousadia nas pautas, já que com maior número de equipes fica mais fácil arriscar. Hoje, devido ao custo de botar uma equipe na rua, o repórter tem de voltar com matéria, por bem ou por mal. Sofrem a qualidade do jornalismo e o espectador.

*

O serviço de televisão do *New York Times* já está funcionando na base das DVCs nas mãos de repórteres experientes, que nunca tinham feito televisão. Está dando certo. Viajando "leve" e barato, o jornalista pode dedicar mais tempo ao assunto, conquistar maior intimidade com os seus entrevistados, aprofundar a reportagem.

*

A melhor impressão que levo desta estada no Brasil é da nova geração de jornalistas. Trabalhei com uma equipe de jovens com menos de 21 anos de idade. Sérios, rápidos e determinados, estes rapazes e moças chegam ao mercado de trabalho para transformá-lo.

Durante muito tempo, os formandos das escolas de "Comunicação" eram vistos como alienados, despreparados para o exercício da profissão. Isto acabou. Pela amostra que tive, a nova turma vem com tudo, gente esperta, informada e sem ilusões quanto à natureza do ofício.

Existe uma nova geração.

dezembro/95

UMA MULHER CHAMADA DOMINGO

Nove da manhã de segunda-feira. Telefono para a polícia de Dusseldorf.

— *Frau* Sontag, *guten morgen* ! Uma mulher chamada Domingo?

*

Há exatos cinco anos, a Alemanha realizava o espetáculo da Reunificação. Ou Unificação, como querem alguns; ou simplesmente Anexação, como exigem outros.

Mais uma vez, os alemães desmentiram todas as previsões e cartilhas econômicas. O Deutschmark, valorizadíssimo, não facilita as exportações. Trabalha-se cada vez menos e ganha-se cada vez mais. Os sindicatos são fortes e ao contrário do que acontece em toda a Europa, o "Welfare State" e seus benefícios se mantêm. Os mercados financeiros são pequenos e os acionistas não exercem pressão significativa sobre as companhias. A taxação é braba, acrescida do imposto para fomentar o desenvolvimento na porção oriental. A Unificação tinha tudo para dar errado e no entanto... este ano a Alemanha vai crescer 2,9%. No antigo território do leste, o crescimento será de 9%! Maior do que muito tigre asiático...

*

Começar a semana falando com a senhora Domingo! Só pode ser um bom presságio...

Falsificação de reais, novidade depois de décadas de inflação descontrolada. Entre os telefonemas e os "expressos" nos cafés vizinhos à delegacia, cruzo com dois homens vestidos de preto.

— Limpadores de chaminé!! — exclama meu colega tradutor, dois!

Na Alemanha, cruzar com um limpador de chaminé é sinal de boa sorte. Nós acabávamos de esbarrar em dois de uma vez!

Apesar da conspiração de superstições, não conseguimos nada naquela primeira jornada de investigação, nem um segundo de fita gravada.

*

As relações entre o chanceler Helmut Kohl e o premier gaullista Jacques Chirac passam pela primeira crise. Em comum, os dois têm a paixão por comida. Porém a aliança franco-germânica, sobre a qual se sustenta a idéia da União Européia, anda tremelicando.

Todos têm medo do poder da nova Alemanha, inclusive os alemães. Os britânicos acham que os germânicos querem uma Europa federal para dominá-la. Os alemães defendem uma euromoeda tão forte quanto o marco, exigindo o mesmo rigor do "BundesBank" a um saco de divisas que inclui escudos portugueses e dracmas gregos.

Cinqüenta anos depois da guerra, em meio a uma crise na União Européia, um assessor de Helmut Kohl declara a um jornal inglês: "Temos medo de nós mesmos, de nosso poder... Não podemos ser isolados. Sem a União Européia, estou convencido de que existe o perigo real de outra guerra".

*

Na polícia, nos negaram o endereço da gráfica envolvida no esquema de falsificação. Sabíamos que o filho do dono da gráfica estava preso. Sabíamos também que a gráfica ficava em Neuss, zona industrial nos arredores de Dusseldorf.

A menos de duas horas do *deadline,* saímos à procura de uma lista telefônica. Não havia nenhum catálogo no posto de Correio entre Dusseldorf e Neuss. Nada nos telefones públicos.

Os limpadores de chaminé logo entrariam em ação.

*

A política alemã, e sua cobertura nos jornais, se dá no plano da discussão de idéias, em vez da exposição de indivíduos. Por seu passado, os alemães parecem lembrar o que todo o mundo esqueceu, a definição de fascismo de Walter Benjamin: "O fascismo é a estetização da política".

Mas não era isso que eu queria dizer, me perdoem. Sabem quais foram os maiores destaques sobre o Brasil, em TVs e jornais alemães, nas semanas anteriores à visita de Fernando Henrique? A construção de uma pista de pouso para discos voadores numa cidadezinha do Mato Grosso; e a eleição da Miss Feiúra, na Paraíba. A mais feia ganharia uma bicicleta sem freios.

Uma encruzilhada, duas placas para Neuss (lê-se "Nóis").

À esquerda, direção indicada por Jorge Luis Borges aos que se encontram perdidos no Labirinto, um viaduto e o maior fluxo de tráfego. À direita, uma área urbana deteriorada, uma rua pobre, onde imigrantes asiáticos vivem semiguetificados. O resto do distrito se espalha numa sucessão de fábricas e algumas dezenas de gráficas.

Decidimos pela direita. Cem metros depois, outra placa: "Druckerei", gráfica.

Quando digo ao jovem refugiado da Bósnia, empregado da gráfica, que estive em sua cidade natal, Sarajevo, os seus olhos brilham. Expomos a história da falsificação.

— É aqui, responde o rapaz.

O destino tinha nos levado direto à gráfica onde os falsos reais foram impressos. A agulhai foi a primeira coisa que encontramos no palheiro.

Se cruzar com limpadores de chaminé atrai sorte, é coisa que não ouso afirmar. Mas acho que vou instalar uma chaminé em casa, só para aumentar o mercado de trabalho dos limpadores...

outubro/95

A *VOVÓ* E O LOBO

Não há como não se quedar filosófico diante da morte. Na hora do velório, até o boçal juramentado esboça um pensamento, associa pelo menos duas idéias: ser e não ser.

No tédio invencível da vida interiorana, onde, dizem os locais, nada costuma acontecer, o cemitério é sempre uma opção de lazer. À noite, os bêbados e solitários costumam procurar calor e abrigo nas "capelas", mas não são só eles.

Durante o dia, mulheres entediadas e homens desocupados vão passear no cemitério. Entram nos velórios, apreciam a face pétrea do defunto, fazem carinho em sua pele fria e choram de verdade por quem nunca conheceram. Onde as salas de cinema acabaram e os videoclubes batem recordes de movimento, a morte dos outros ainda é a maior diversão...

Ontem, o século XX acabou para mim.

*

O cemitério de Caingá fica no alto de uma colina, estrategicamente belo, cercado pelas montanhas da Serra dos Órgãos. É o único cemitério de Teresópolis, e fica longe de Berlim.

*

Nos últimos anos, ela *falava* muito da Alemanha, tinha saudades da terra natal.

Nasceu em Berlim, junto com o século. Filha/de mãe jovem, fogosa e bonita, viveu a juventude em plena e louca República de Weimar. Adolescente, compartilhava aventuras boêmias com a mãe na Kuffurstendam, contanto que ocultasse a relação de parentesco. Eram amigas na noite, talvez irmãs; mãe e filha, jamais. Juntas, se divertiram na pista escorregadia e brilhante da casca do "ovo da serpente".

Cantava bem, mas precisava de um emprego. Como só sabia tocar um instrumento, a máquina de escrever, procurou trabalho como secretária. Acabou sendo contratada por um grande editor, marido de uma escritora best-seller, uma versão germânica e feminina de Zola. A mulher que escandalizava leitores pelas palavras fortes que empregava em seus livros era uma conservadora no próprio lar. O casal vinte da literatura alemã da época tinha um filho muito sapeca, um rapaz com talento musical que estremecia as paredes quando sentava ao piano. Era de se prever que a jovem e assanhada secretária despertasse o interesse do jovem e assanhado compositor. Além de datilografar cartas e originais, a moça virou parceira dos recitais do pianista: ele tocava, ela cantava.

Quando engravidou, casaram-se.

Em 1933, nasce a serpente alemã e o casal, filiado ao maior Partido Comunista da Europa Ocidental, pegou o primeiro navio para a América. Do Sul...

Pois bem.

No Brasil, estabeleceram uma livraria alemã no centro de São Paulo e disso viveram até que a guerra viesse interditar o seu negócio. Como sabem, qualquer literatura nas línguas do "Eixo" foi banida do Brasil durante a Segunda Grande Guerra. Apesar deste e de outros contratempos do tempo, ela fez a vidinha dela. O casamento não se manteve muito sólido, graças à fascinação do marido pela cor mulata. Mesmo assim, eles continuaram se dando bem. O marido acabou

morrendo cedo e ela seguiu lutando. Voltou a trabalhar como secretária e conseguiu uma aposentadoria decente aos sessenta anos de idade. Deu voltas ao mundo, leu tudo o que lhe caiu nas mãos e tomou gosto pelo personagem de matriarca, que a rigor nunca foi, mas que o número de netos e bisnetos lhe permitia assumir.

Em 88, começou a se queixar de cansaço da vida. E não é que no ano seguinte, foi surpreendida, na TV, pelo espetáculo da queda do muro que dividia sua amada cidade natal? Ganhou novo ânimo, vibrou com a unificação alemã, saboreava o privilégio de ter sido testemunha de tão terrível e maravilhoso século.

Depois, cansou-se de ver tudo se repetir.

Queria morrer, mas tinha medo. Pensou, tramou a própria morte, mas lhe faltou coragem para executar a trama. Desejava morrer bebericando uma garrafa de conhaque francês, comprada em 1974. Morreu se debatendo, suplicando um sedativo que lhe foi negado.

No velório, os netos secaram a garrafa de conhaque.

*

Ontem, o século XX acabou pra mim. Minha "oma" morreu.

HISTÓRIAS E HISTORINHAS DO SÉCULO

Paris, 1938. Um espião brasileiro tenta escapar de seus perseguidores. O enviado do Estado Novo voltava de uma temporada na Guerra Civil Espanhola, onde tinha bisbilhotado a vida dos comunistas brasileiros, engajados nas Brigadas Internacionais. Agentes do Governo Republicano Espanhol não desgrudam do espião varguista. "Se caio nas mãos deles, é o fim, a prisão, talvez a morte", ele narra aos superiores.

Para driblar os agentes espanhóis, o espião chega às quatro da manhã à estação de onde sai, às sete, o trem para Bruxelas. Plataforma deserta.

Só que, estranhamente, quando o seu trem chega, uma multidão já ocupa a estação. Os agentes espanhóis localizam o brasileiro, que tenta embarcar assim mesmo. Já dentro do vagão, ele é abordado pelos republicanos: "Você vai descer conosco".

Ele desce mas, quando a captura parecia consumada, outro trem se aproxima. O povaréu se inquieta. Um dos vagões traz à capital da França o grande astro de Hollywood Robert Taylor!

Quando o ator aparece na janela, a massa de fãs se precipita em sua direção. O espião brasileiro e os dois agentes espanhóis são arrastados pela multidão. O brasileiro consegue fugir.

O subtítulo no relatório do DOPS é "Robert Taylor, salvador do enviado especial".

*

Este é apenas um dos episódios cinematográficos com que o

professor de História Ibérica José Carlos Sebe-Bom Meihy se deparou, em sua pesquisa de três anos nos arquivos do DOPS, Itamaraty e Moscou. O professor Meihy prepara dois livros: um sobre a Guerra Civil Espanhola e outro sobre a participação de cinco comunistas brasileiros no conflito.

*

O trabalho do historiador demonstra que o fim das utopias não vem com o colapso do comunismo em 1989- Vem muito antes, com a Guerra Civil Espanhola, que enterra os sonhos de reforma social do século XX.

Ah, o século XX e suas histórias...

Mais uma, agora de meus alfarrábios mesmo.

Antuérpia, 1941. Um jovem judeu alemão tem poucas chances de embarcar no navio que parte para a América. Protegido no campo de refugiados holandês, ele está no fim da lista de passageiros, por ser solteiro. A prioridade da organização católica que retira os refugiados é embarcar famílias.

No dia-a-dia do campo, o jovem procura ser útil. É tão prestativo que chega a ser sedutor. Tão sedutor que se envolve romanticamente com a secretária e amante do presidente da organização de assistência a refugiados, um padre. O refugiado e a secretária vivem um grande amor.

Às vésperas da partida, uma família desiste da viagem, ao ser comunicada que o navio iria para a América do Sul e não a do Norte. Em vez de Estados Unidos, Brasil...

O refugiado solteiro embarca, graças a truques burocráticos de sua namorada. Para salvar a vida de seu amado, a jovem lhe dá o adeus da liberdade.

Na viagem de volta à Europa, o navio naufraga, atingido por uma mina no Oceano Atlântico.

Os namorados nunca mais iriam se reunir — se encontraram e se perderam num dos redemoinhos do século XX.

*

E mais outra:

Durante a Segunda Grande Guerra, um casal de refugiados alemães tenta reconstruir a vida em São Paulo. Têm um cachorro, vira-lata preto, chamado Chilique. Escolhem este nome pela sonoridade, divertida para ouvidos estrangeiros.

Um dia, Chilique é atropelado. Correm com o filho canino nos braços em direção ao primeiro veterinário.

Durante o exame, os donos tentam tranqüilizar o assustado cachorrinho, sussurrando, em alemão...

O veterinário, francês, bota todos para fora do consultório:

— Não atendo alemães!

— Mas, doutor, somos refugiados...

— Fora!

Chilique sobreviveu.

agosto/96

PERGUNTAS DESNECESSÁRIAS

Não é o cachorro que vai ficando parecido com o dono. É a cara da gente que vai tomando a cara do cachorro, da casa, da cidade, do país.

Passei os últimos dez dias providenciando, finalmente, minha mudança definitiva de Londres. Entre caixas cheias de papel, fotos, jornais, revistas, e telefonemas para imobiliárias e administradoras, encontrei meus pedaços perdidos de vida. Só para perdê-los em seguida, agora de maneira protocolar. Uma mudança é igual a três incêndios, etc, etc, etc.

Mas, o que queria dizer? Ah, falava de como a cara da gente é construída, ruga por ruga, esquina por esquina, pela rua onde se mora, a cidade onde se vive. Em cada país, a cada língua que se fala, é uma nuance de personalidade que se incorpora.

Nesta breve estada londrina, estive com o cubano Guillermo Cabrera Infante, o brilhante autor de *Três Tristes Tigres.*

Depois de 30 anos de exílio, Cabrera Infante não escreve somente em espanhol, também domina o inglês. Conversávamos sobre estas diferentes "personas" que cada um assume quando fala outras línguas, e pedi que ele comparasse o seu estilo nos dois idiomas. "Em inglês, sou mais livre...", respondeu o criador de jogos de palavras que deram novo sentido ao velho trocadilho.

*

De fato, Londres é um espaço de liberdade para exilados e expatriados de todo o planeta. Para viver no Rio é preciso adotar um

"carioca way of life". Em Paris é a mesma coisa: vive-se como os parisienses. Em geral é assim: para chegar a bons termos com a cidade que nos acolhe, acabamos vivendo como os locais.

Em Londres, não. Você pode escolher o tipo de vida que bem entender e ninguém vai lhe aporrinhar por causa disso...

Saio do restaurante italiano em Charlote Street. Um grupo de pessoas conversa animadamente. Minha acompanhante, residente em Londres, se espanta: "Puxa! Nem parece Londres! Todo mundo falando inglês..."

Eram turistas...

Tive alguns poderosos *flash-backs* durante estes dias londrinos. Uma manhã, acordo com o som de bombas sobre Bagdá. Será possível? Já vi isto, já vivi isto, cinco anos atrás... Pois é, imagino Washington se enrolando para explicar ao público americano os motivos do envolvimento americano em mais este capítulo da novela Sadam Hussein. As rotas justificativas morais de Bill Clinton não se sustentam por muito tempo. Tiranos, câmaras de tortura, crueldade e violência não são exclusividade do regime iraquiano, são traços da cultura política de toda a região.

Mas, enfim, vamos pensar numa tradução popular do *imbróglio* norte-americano-curdo-iraquiano, nos termos da máxima "o amigo de meu amigo é meu amigo" e suas variações. Pois bem, vamos torcer a língua do hipotético porta-voz: "Nós, americanos, somos amigos dos curdos, que não são amigos entre si. Os curdos estão divididos em quatro facções. As duas principais organizações estão em pé de guerra. Uma conta com o apoio do Irã e outra pediu ajuda a Sadam. Nós interviemos contra os nossos amigos que são amigos de nosso inimigo Sadam". Um cidadão perguntaria, distraído: "Mas aí, não estaremos ajudando os amigos de outro inimigo, o Irã?" "Sim", acataria o porta-voz, "mas os amigos de nossos inimigos podem ser inimigos de nossos

inimigos, depois de amanhã, e nós que gostamos de manter amigos, e inimigos, estamos no meio de uma campanha eleitoral..."

Em resumo, aliás, esta foi a posição da Rússia, que trouxe de volta ao *spotlight* Yeugeny Primakov, o maior camaleão da diplomacia de Moscou. Primakov, profundo conhecedor do Oriente Médio, que domina a língua árabe, falou grosso contra a intervenção americana, advertindo sobre o perigo de "conseqüências catastróficas".

Primakov volta a brilhar, depois da era Kosirev, e voltaria fosse qual fosse o resultado das eleições. Ele seria o chanceler até num governo Zyuganov...

Enfim, me despeço de Londres mais uma vez, mas volto logo...

Quem sabe, não consigo dar uma escapadinha para vir curtir a estação mais colorida nesta ilha. O outono londrino é um arco-íris em chamas.

*****

Sei que durante algum tempo, ainda terei as recaídas de londrino no eterno verão carioca. Não é que os ingleses sejam tão diferentes dos brasileiros, ambos são fanáticos por futebol. Mas, para ilustrar as diferenças abissais de estilo, reproduzo o meu diálogo num balcão de bar, à meia-noite de uma quarta-feira.

O portador do copo vizinho se aproxima e diz a seguinte frase: "Desculpe, é uma pergunta desnecessária, mas você sabe os resultados da rodada do futebol?"

Não, eu não sabia. Mas fiquei imaginando a conversa em um botequim carioca: "Desculpe a pergunta desnecessária, mas quanto foi o Fla-Flu?"

agosto/96

DE VOLTA AO MUNDO

Não agüento mais tanta despedida. Nas últimas semanas, venho dizendo adeus para cada poste, cada poça d'água, cada nuvem que flana nos céus de Londres. Depois de oito anos de residência londrina, ir embora traz um grande sentimento de perda. Perder as dezenas de jornais e revistas, todas as correntes de pensamento representadas, paraíso dos jornalistas. Renunciar a todas as ofertas desta cidade, as incontáveis exposições, óperas, peças, bales, recitais, concertos e até filmes...

Deixar Londres também implica ver a Europa de longe, esquecer a possibilidade de um trem para Paris, abandonar as estradas que em questão de horas nos transportam para culturas tão vizinhas quanto diversas, e às vezes antagônicas.

*

Demorou até que eu entendesse, e gostasse, esta cidade. Londres não é como Paris, que nos arrebata à primeira vista. Paris é uma mulher que se entrega na primeira noite. Para andar de mãos dadas com Londres há que ter paciência e esperar anos. Só que, depois da conquista, Londres nunca acaba, não tem fim. Pode-se viver aqui toda uma vida, não importa: a cidade ainda guarda surpresas e segredos...

*

A Londres idealizada pelos estrangeiros se resume à sofisticação de Westminster. Eu caí de cara, na Londres de Dickens, Camden Town. Tradicionalmente pobre, o bairro foi uma das fontes de inspiração para Engels escrever *As Condições da Classe Trabalhadora na Inglaterra.* Só que nesses oito anos assisti à pobreza de Camden Town perder muito de sua dignidade.

O bairro, que era seguro, tornou-se perigoso. Além dos loucos e bêbados, que sempre vagaram por aqui, agora os "heroinômanos" ocupam as esquinas escuras de Camden. E eles são a face mais óbvia da nova onda da heroína. A droga hoje é a mais barata do mercado. Os novos consumidores não são os excluídos de sempre, aqueles que só chegam ao vício depois de mergulharem até o fundo do poço. Hoje, a heroína está na moda na classe média inglesa.

Profissionais liberais, corretores de imóveis, gente de vida "normal" estão usando heroína de forma recreativa. Nas festinhas de fim de semana, é cada vez mais comum o consumo de cigarrinhos ou "fileirinhas" de heroína. Os usuários brincam com fogo, acreditando que o uso da droga em *week-ends* não leva à dependência. Trata-se de uma epidemia que só vai manifestar o seu caráter demolidor daqui a uns anos.

*****

Como a epidemia da "Vaca Louca", o apelido do vírus que ameaça todo o rebanho britânico. Depois de anos negando qualquer perigo para o ser humano, esta semana o governo conservador reconheceu que o problema existe. Alguns números levam calafrios à espinha. Por exemplo: o governo estima que, só em 1990, 250 mil vacas infectadas foram consumidas. Como a doença demora a se manifestar nos seres humanos, a previsão é de que só em 2005 centenas, se não

milhares, de pessoas apresentem os sintomas fatais.

*

A imagem que os estrangeiros têm de Londres é a de uma próspera capital de um país rico. Com poucos meses de residência, aprende-se que esta é a capital de uma inexorável decadência. Nestes oito anos, pude ver a lenta agonia da Saúde Pública Britânica, que já foi orgulho nacional. O sistema de ensino público também vem sendo rifado, conseqüência da revolução thatcherista. Dá pena...

*

Mas, logo logo, esta dó vai passar, pois estou desembarcando hoje no Brasil.

*

E, como não se entra no mesmo rio duas vezes, é um outro Pedro que volta a um outro Brasil. Talvez enriquecido, depois de ter sido exposto a tantas culturas diferentes. Mas sabe o que se aprende ao entrar em contato com a diferença? Aprende-se, não diria a semelhança, que esta não há, mas o desejo comum a todos nós, bichos da terra tão pequenos.

Seja na avançada Europa, na trágica África, ou na milenar miséria asiática, tudo o que os homens e mulheres querem é um pouco de paz e chance de prosperar. Cada um mata o carneiro de um jeito, come de outro, reza a diferentes deuses, porém o desejo de paz e prosperidade é universal.

E este negócio de correr o mundo é relativo. Quando se tem os

olhos abertos, tudo o que acontece em osso bairro é desafio suficiente para a nossa parca compre- são, mais do que podemos dar conta.

Voltei, mas nenhum continua sendo o meu lugar, a condição brasileira.

*

Em 1986, ou 1987, não estou certo, fui ao extremo sul do Brasil, realizar um documentário sobre a região do Banhado de Taim, quase Chuí. Lá, diante de uma verde plantação de arroz, aproximou-se um trator amarelo, conduzido por um velho negro, vestindo um casaco vermelho.

O lavrador me conta: "Quando era pouco mais do que um "piá", com 18 anos mais ou menos, comecei a me aborrecer com algo que teimava em acontecer. Toda vez que entrava numa barbearia, por exemplo, tinham de falar comigo se eu não tinha lido o aviso na parede: 'Proibida a entrada de negros'. Contrariado, resolvi aprender a ler. Entrei numa livraria e comprei a cartilha. Sozinho, comecei a estudar. Via a letra redonda, o 'O', na forma de um ovo, O, ovo, O, ovo, e assim fui aprendendo o bê-á-bá. Cheguei a rasgar meus lençóis, dormindo, pois sonhava que estava folheando as páginas da cartilha, avançando nas lições...".

O homem aprendeu a ler, e acabou se formando em Agronomia.

É para este Brasil que volto hoje.

março/96

BOM, RUIM, ASSIM, ASSIM...

Bom é chegar na praia, à tardinha, um anúncio de pôr-do-sol no horizonte, água de ondas mansinhas, jogar a bola na espuma e agarrar como se fora Gilmar... É bom também quando começa a chover e as gotas criam uma nova -textura na superfície do mar, como se um cardume infinito brincasse à tona, prometendo matar a fome de todo Vidigal, Rocinha, Cidade de Deus e Vigário Geral.

Até que alguém se lembra daquele amigo, que na flor dos 16 anos, entrou na água, prancha debaixo do braço, sob a chuva forte e morreu com o beijo instantâneo de um raio. Da lembrança à correria pela areia escura e dura de chuva, pegadas claras de areia fofa, o medo, o medo.

Medo é bom. Ruim é o medo de ter medo.

*

Bom é voltar para casa, a chuva diminuindo, "vamos tomar um chopp" e no caminho, passar atrás do gol da pelada, e a bola vai para fora, e como na crônica de Rubem Braga, sobra para você que mata no peito, faz uma "embaixadinha" e devolve redonda, num chute perfeito, aplaudido pelos pedreiros peladeiros.

Ruim é a fisgada que você sente na coxa e tenta disfarçar para não sair mancando. A vergonha de estar decadente não é ruim; ruim é o orgulho que nos impede de reconhecer a decadência...

*

E é bom a cidade estranha, onde você nunca esteve e sabe que nunca mais vai voltar. E neste lugar, você tem uma obrigação sem graça, que cumpre com estilo e precisão, traçando um dia perfeito no arco do tempo. Quando a noite cai é bom tomar um banho, e sob as gotas assimétricas do chuveiro, é bom sentir saudade.

Ruim é não ter saudade.

Bom é lembrar do primeiro livro, do primeiro poema que lhe emocionou. Na colônia de férias, depois de levar uma surra no torneio de boxe, você abriu aquela antologia e entendeu, plenamente, aquele verso. E chorou baixinho, no travesseiro com cheiro de palha, e sentiu pena de si mesmo e gozou a soberba de ter um prazer que seus companheiros de quarto, bons de soco e pontapé, nem poderiam sonhar...

Ruim é voltar para casa, antes do fim das férias, pois seu pai está doente e você abandona o papel principal da peça que tanto ensaiou. E vai embora, triste, tão triste que pensa em escrever um poema como aqueles do livro do Carlos Drummond, que você tanto ama.

Bom é para o menino encarregado de substituí-lo na peça, que antes, sem papel, era o ponto...

Bom é sair sem direção, pelas ruas da cidade, pensando no que você fez de sua vida, quantos grãos de trigo largou pelo caminho árido, quantos erros e palavras vis cometeu, e é melhor ainda se perdoar, começar a sonhar, novos projetos, subitamente ter uma boa idéia e para o melhor amigo telefonar.

Bom é sonhar. Realizar não é tão bom, mas ruim mesmo é não realizar.

Bom é arte, que faz até a vida melhorar...

*

O fim de um grande amor é muito, muito ruim. Principalmente porque um grande amor não tem fim, enquanto os amantes se dilaceram nas farpas do destino.

E é bom receber um telefonema internacional daquela mulher que tanto o amou, que tanto o odiou, que você tanto amou e tanto perdeu. Ela, ali, então, a voz, a paz, o tempo e vocês já podem conversar, o tempo, e apreciar o tempo e planejar o próximo *dry-martini,* serenos.

Bom é amar.

Ruim é amar.

Bom é encarar a vida com fantasia. Quando um amigo telefona, pedindo sua ajuda para localizar o irmão poeta desaparecido, bom é se encher de otimismo, botar um chapéu de Bogart, certo de que o detetive que há em você vai solucionar o caso.

Ruim é encontrar o corpo no fundo do precipício.

Morrer não deve ser tão ruim assim.

E pode ser bom escrever uma crônica sobre coisas boas e ruins. Como pode ser ruim, ou pior, assim, assim... Bom...

junho/96

Orelhas do Livro

Em agosto de 1988, Pedro Bial desembarcava em Londres, para assumir o posto de correspondente da TV Globo, naquela cidade.

Sortilégios da sorte, artimanhas do destino, ele seria, a partir de então, testemunha privilegiada das grandes mudanças que abalariam o

mundo neste final de século.

Foram oito anos de viagens. Oito anos de, muitas vezes, estar no olho do furacão. Oito anos de estreitar as distâncias que separavam o Brasil do mundo.

Crônicas de Repórter traz os bastidores destas grandes reportagens. Longe do olho impiedoso da câmera, dos segundos cronometrados, do *corta* incisivo, Bial conta agora detalhes do que não foi ao ar.

O olhar arguto do repórter mostra aqui a adrenalina que corre, a boca seca, a ansiedade de estar no lugar certo, na hora exata. O olhar sensível do poeta revela aqui frestas de poesia que o pragmatismo do telejornal, muitas vezes, deixou escapar. O olhar investigador do jornalista reparte com o leitor curiosas estranhezas de cada povo, que nenhuma globalização será capaz de destruir.

Crônicas de Repórter é uma instigante viagem pelos quatro cantos do mundo. No texto envolvente de Bial, você testemunhará a revolução romena de 89. Você se refugiará num tanque em meio a tiros e explosões que estremeceram o Parlamento russo em 93. Você descobrirá, por trás da bela Teerã, um sistema brutal, capaz de punir uma mulher por trazer as unhas pintadas. Você conhecerá, enfim, a lâmina afiada que ronda o dia-a-dia de quem arrisca tudo pelo prazer de contar.

Crônicas de Repórter — textos sensíveis, irônicos, emocionados, divertidos... Histórias, que se vão juntando num sedutor painel desta nossa aldeia global.

{1} *Os judeus do Vaticano* — Avraham Milgram — Editora Imago.